

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO/DOUTORADO**

**REPRESENTAÇÃO E ENSINO
A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
EMOÇÃO E RAZÃO NAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS**

Dissertação de Mestrado

MARCOS ANTONIO CORREIA

**CURITIBA-PARANÁ
2009**

MARCOS ANTONIO CORREIA

**REPRESENTAÇÃO E ENSINO
A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
EMOÇÃO E RAZÃO NAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado/Doutorado, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná – UFPR, para obtenção de título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Salete Kozel

CURITIBA-PARANÁ
2009

PARECER – FOLHA APROVAÇÃO

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
– MESTRADO E DOUTORADO




PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo candidato **MARCOS ANTONIO CORREIA**, intitulada: **"REPRESENTAÇÃO- A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: EMOÇÃO E RAZÃO NAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS"**, para obtenção do grau de Mestre em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração Espaço, Sociedade e Ambiente, Linha de Pesquisa Território, Cultura e Representação.


Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, são de parecer pela **APROVAÇÃO** da Dissertação com menção **DISTINÇÃO**.

Curitiba, 30 de março de 2009.

Nome e assinatura da Banca Examinadora:


Prof. Dra. Sulete Kozel (Orientadora)


Prof. Dr. Josué da Costa Silva


Prof. Dr. Sílvio Fausto Gil Filho



*Dedico este trabalho aos meus pais Rubens (In Memoriam) e Ana,
minha esposa Karin
e aos meus filhos Kelly e Marcos Jr.*

AGRADECIMENTOS

A Luz divina, que sempre ilumina a todos

Aos meus pais Ana e Rubens

A minha amada esposa Karin pelo auxílio e força

Aos meus filhos Kelly e Marcos Jr. pela compreensão e apoio

A Karin, Kelly, Marco, Emili e Edimar pelo apoio técnico

Aos professores Mauro e André pelo auxílio nas traduções

A Prof.^a Dr.^a Salete pela prestimosa, pronta e valiosa orientação

*A todos os professores presentes em minha vida acadêmica,
em especial a Prof.^a Salete, prof. Sylvio, prof. Wolf e outros*

A UFPR pela acolhida

Ao departamento e Programa de Mestrado/Doutorado em Geografia,

Ao competente secretário Zem

A banca avaliadora

Aos meus colegas de curso

As Instituições de ensino que atuo

A toda a minha família e amigos.

*A música, com sua natureza
emocional e racional,
alimenta a alma e o espírito renovando a
cultura humana em todo o tempo e lugar.*

(O autor)

RESUMO

A pesquisa, *Representação e Ensino – A Música nas Aulas de Geografia: Emoção e Razão nas Representações Geográficas*, trata deste fazer científico e sua transposição para o ensino. Portanto, mostra como a arte musical e seu aparato metodológico junto aos mapas mentais e atividades didático-pedagógicas podem contribuir à educação formal de alunos das séries iniciais do ensino médio, representados por estudantes dos grupos A e B de colégios da rede pública do Estado do Paraná. Para tanto, coloca a vertente humanista cultural como a mais indicada no trato dos saberes. Constata, a importância da relação emoção e razão na evolução do conhecimento, assim como, o subjetivismo e o intersubjetivismo na percepção fenomenológicas representacionais, do individual e coletivo, enquanto sujeito/ator geográfico e social. Pelo lado da geografia escolar, demonstra que a música/canção dinamiza a intencionalidade e equilibra os saberes: conhecer, fazer, ser e viver, pois a linguagem musical facilita a comunicação e a função pedagógica na geografia em sala de aula, além de favorecer abordagem empírica e aplicação das atividades, ressignificando os conteúdos geográficos, proporcionando o resgate das emoções, motivadas pelas canções escolhidas e compartilhadas pelos alunos que concebem percepções e representações signo-imagéticas sistematizadas em textos e imagens configuradas em mapas mentais.

Palavras-chave: Representação, Geografia Humanista Cultural, Geografia Escolar Música e Mapas Mentais.

ABSTRACT

The research “Representation and Teaching – Music in Geography Classes: the Emotion and the Reason in the Geographical Representations” approaches the scientific deed and its transposing to the tutorship. Therefore, it shows how the musical art and its methodological apparatus with the mental maps and didactic and pedagogical activities, can contribute to the formal education of beginner pupils of High School, represented by students of groups A and B of public schools of the State of Paraná. So, the cultural and humanistic is the most indicated strand in the means of knowledge. It notes the importance of the relationship between emotion and reason in the development of the knowledge, as well as the subjectivism and intersubjectivism in the representational and phenomenological perception from the individual and from the public, as a social and geographical individual/actor. By the optic of school Geography, it is shown that the music and the songs boost the intentionality and balances the following knowledge: to know, to do, to be and live, because the musical language facilitates the communication and the pedagogical function in Geography in class, yet promotes the empirical approach and the application of the activities, giving other meanings of geographical contents, giving the rescue of emotions motivated by the chosen and shared songs by the pupils who conceive the sign-imaging perceptions and representations systemized in texts and mind-configured pictures.

Keywords: Representation, Geographic humanistic-cultural, Geography School, Music and Mental Maps

LISTA - FIGURAS

FIGURA 1 - Sinopse da Pesquisa	15
FIGURA 2 - Mapa Conceitual da Pesquisa	32
FIGURA 3 - Homem (Aluno): Ator Geográfico e Social	47
FIGURA 4 - Canção “O Canto do Povo de Um Lugar”	71
FIGURA 5 - Terra – Lugar	72
FIGURA 6 - Letra Ilustrada da Canção “O Sal da Terra”	73
FIGURA 7 - Comentário Ilustrado Sobre a Natureza	74
FIGURA 8 - O Meio Ambiente na Atualidade	75
FIGURA 9 - Problemas Ambientais	75
FIGURA 10 - Poesia Ilustrada – Mãos Unidas	76
FIGURA 11 - Música/Canção Ilustrada	80
FIGURA 12 - “A Natureza”: Música/Canção Ilustrada	81
FIGURA 13 - A Natureza - Pantanal – Música/Canção Ilustrada	82
FIGURA 14 - Aquarela – Música/Canção Ilustrada	82
FIGURA 15 - Quando a Chuva Passar – Música/Canção Ilustrada	83
FIGURA 16 - Vida Boa I – Música/Canção Ilustrada	84
FIGURA 17 - Vida Boa II – Música/Canção Ilustrada	84
FIGURA 18 - Atividade: Desenho Inspirado pelas Canções	90
FIGURA 19 - Atividades: Cartaz, Maquete, Painel e Mapas	92
FIGURA 20 - Quadrinhos, Textos Cartazes, Painéis e Desenhos	95
FIGURA 21 - Algumas Atividades Apresentadas pelo Grupo B	96

LISTA - QUADROS

QUADRO 1 - Comentário: Aluno – Grupo A	22
QUADRO 2 - Comentário: Aluno – Grupo A	22
QUADRO 3 - Comentário: Aluno – Grupo B	22
QUADRO 4 - Comentário: Aluno – Grupo B	23
QUADRO 5 - Canções trabalhadas – Base para os mapas mentais.....	26
QUADRO 6 - Conteúdos e Objetivos.....	28
QUADRO 7 - Metodologia Kozel - Atividades Didático-Pedagógicas	28
QUADRO 8 – PLANO: Dados, Características e Atividades (PIS e Mapas Mentais)	29

QUADRO 9 - Competências e Habilidades - Geografia Ensino	55
QUADRO 10 - Conceitos Estruturantes e Articulações	57
QUADRO 11 - Eixos de Área	58
QUADRO 12 - Comentários - Canção “O Sal da Terra.....	77
QUADRO 13 - Comentários - Canção “O Sal da Terra”	78
QUADRO 14 - Atividades Compartilhadas - Desenho e Texto	89
QUADRO 15 - Atividades Compartilhadas – Maquete	97

LISTAS – CANÇÕES

01 - Canto do Povo de Um Lugar - Caetano Veloso	71
02 - O Sal da Terra - Roupas Nova	73
03 - Tarde Vazia - Ira	80
04 - A Natureza - Zé Ramalho	81
05 - Pantanal (Sagrado Coração da Terra) - Almir Sater	82
06 - Aquarela – Chimarruts	83
07 - Quando a Chuva Passar - Ivete Sangalo	83
08 - Vida Boa I - Victor e Leo	84
09 - Vida Boa II - Victor e Leo	85
10 - Meu Reino Encantado - Daniel	90
11 - Quem é Ele ? - Zezé Di Camargo e Luciano	90
12 - Bem-Te-Vi - Zé Fortuna & Pitangueira	90
13 - Eu Te Amo, Meu Brasil - Guilherme e Santiago	90
14 - Tocando em Frente - Almir Sater	94
15 - Casinha – Armandinho	95
16 - Planeta Água - Guilherme Arantes	97

LISTA - ABREVIATURAS E SIGLAS

LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
PCNEM	Parâmetros Curriculares do Ensino Médio
DCNEM	Diretrizes Curriculares do Ensino Médio
MEC	Ministério da Educação e Cultura
SEB	Superintendência do Ensino Básico
SEED/PR	Secretaria de Educação do Estado do Paraná
ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical.
FAEB	Federação Nacional dos Arte-Educadores do Brasil
SEED	Secretaria Estadual de Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
DCEs	Diretrizes Curriculares Estaduais
PPP-CEJA	Projeto Político Pedagógico – Colégio Estadual José de Anchieta
PPP-CESC	Projeto Político Pedagógico – Colégio Estadual São Cristóvão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - CARACTERIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	16
1.1 ORIGEM E NATUREZA DA PESQUISA.....	16
1.2 A MÚSICA COMO APARATO METODOLÓGICO DOS MAPAS MENTAIS E ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS.....	25
CAPÍTULO II - GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: PERCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL	33
2.1 DESENVOLVIMENTO DOS SABERES: EMOÇÃO E RAZÃO NAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS.....	33
2.1.1 Geografia Humanista Cultural: Descrição Subjetiva.....	37
2.2 POSSIBILIDADES CIENTÍFICAS E PEDAGÓGICAS DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL.....	39
2.3 GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: O SUBJETIVO E O INTERSUBJETIVO.....	41
2.4 ANTECEDENTES FENOMENOLÓGICOS E A GEOGRAFIA	43
2.5 AS REPRESENTAÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS DO SUJEITO ENQUANTO ATOR GEOGRÁFICO E SOCIAL	47
CAPÍTULO III - A GEOGRAFIA ESCOLAR E A MÚSICA: ATITUDE FENOMENOLÓGICA E REPRESENTAÇÕES SÓCIO-GEOGRÁFICAS NO ENSINO	52
3.1 A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO.....	52
3.2 A MÚSICA NO ENSINO: COMUNICAÇÃO E FUNÇÃO PEDAGÓGICA	59
3.2.1 A Fenomenologia e a Música no Ensino de Geografia.....	64
3.2.2 A Linguagem Musical e as Representações no Ensino de Geografia	66
CAPÍTULO IV - A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: TRATAMENTO EMPÍRICO-METODOLÓGICO	69
4.1 APLICAÇÃO E RESULTADOS: RESSIGNIFICAÇÃO DE CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DA MÚSICA – RESGATE DAS EMOÇÕES.....	69
4.1.1 Momento Subjetivo: Primeiras Percepções e Representações Geográficas Motivadas pelas Canções.....	70

4.1.2 Momento Subjetivo: Percepções e representações geográficas Motivadas por Canções Escolhidas pelos Alunos	79
4.2 MOMENTO INTERSUBJETIVO: ATIVIDADES COMPARTILHADAS.....	89
4.2.1 Mapas Mentais Concebidos por Canções	89
4.2.2 Atividades Didático-Pedagógicas Oriundas de Mapas Mentais Musicalizados.....	91
4.3 AVALIAÇÕES E CONSTATAÇÕES	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS.....	109
REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS.....
REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICA (PRIMÁRIAS) – VÍDEO CLIPS.....
ANEXO A - Enquetes: Disciplinas Preferidas	116
ANEXO B - Dados, Características - Atividades (PIS e Mapas Mentais)	117
ANEXO C - Letras e Vídeo-Clips	118

INTRODUÇÃO

A pesquisa, *Representação e Ensino – A Música nas Aulas de Geografia: emoção e razão nas representações geográficas*, origina-se de preocupação em âmbito pedagógico e teórico-metodológico, no tocante à disciplina de geografia, realizada no Ensino Básico em seu Nível Médio.

Ocorre que o posicionamento político-pedagógico da BRASIL (1999, p.27); Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, (LDBEN) 9394/96, idealiza condições que na prática não estão sendo aplicadas em sua plenitude. Pois, acredita-se haver desproporção entre os alicerces¹ fundamentais os quais se baseam a referida Lei, à saber: o aprender a conhecer, aprender a fazer, *aprender a ser e aprender a viver (conviver)*.² Sugere-se que o aprender a viver e o aprender a ser não estão ocorrendo com o mesmo discernimento como o conhecer e o fazer.

Portanto, a intenção da pesquisa é refletir sobre a dificuldade em se organizar o conhecimento científico e sua disseminação, via ensino formal, assim como, idealizar abordagens e técnicas que contribuam efetivamente na realimentação teórico-metodológica que traga ressignificação dos conteúdos e resgate, o sentimento e a emoção nas aulas.

Sendo assim, a pesquisa apresenta algumas possibilidades pedagógicas e metodológicas na abordagem fenomenológica aproximando-se de representações individuais e das representações sociais do espaço, demonstrando que a ciência pode inserir o ser humano como *sujeito e objeto* de estudo, usando a *emoção e a razão* na produção e reprodução dos saberes geográfico.

O trabalho traz breve reflexão sobre mudanças no projeto humano, assim como, vislumbra a possível integração da ciência geográfica em sua vertente humanista cultural. Procura destacar os elementos culturais e estéticos – neste caso a música – como forma pedagógica de enriquecer, elaborar e re-elaborar os conhecimentos. Sua preocupação, dentro da Geografia Escolar, passa pelo humanismo e a transposição pedagógica de uma geografia que, na escola, necessita de novos elementos metodológicos mais criativos.

¹ Considerações oriundas da UNESCO – Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

² Alicerces que reforçam a perspectiva da LDBEM-9394/96 no que tange a “formação da pessoa, de maneira a desenvolver valores e competências necessárias à integração de seu projeto individual ao projeto da sociedade em que se situa (...) aprimoramento como pessoa humana, (...)”. (BRASIL, 1999, p.12).

Segundo Johnston (1986, p.211), a fenomenologia ultrapassa o idealismo na sua atenção provinda dos geógrafos humanos. Diz que os fenomenólogos acreditam não haver um mundo palpável sem a presença do homem.

Nesse sentido, Gomes (1996, p.117) aponta para Husserl, que segue a intuição pura evidenciando a essência das coisas, fornecendo reduções fenomenológicas que oferece oposição ao conhecimento no seu projeto lógico para o plano natural, perseguindo a *descrição* dos acontecimentos fenomenais em detrimento à suposta explicação racional. Isto ocorre devido à *intencionalidade* que recai no *mundo vivido* denominado de Lebenswelt, ou seja, a vida no mundo.

No que tange a Merleau-Ponty (1999, p.01), o estatuto fenomenológico evidencia as essências, repondo as mesmas na existência a qual *o palpável sempre existiu "ali"*, prévio ao pensamento no qual a abstração intelectual espaço-temporal, do mundo, "vivido", materializa-se em exercício descritivo da experiência tal como ela ocorre, pois o real deve ser registrado e não construído ou constituído.

A mesma possibilidade à geografia científica é ampliada quando o assunto é educação. E isto fica evidente por meio dos registros que se seguem:

a fenomenologia se mostra apropriada à educação, pois ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica ou ideológica preestabelecida, mas trabalha no real vivido, (...) o individual e o coletivo não encontram limites divisórios mas se interpenetram formando redes interconectadas. Como procedimento didático-pedagógico, ela contribui na medida em que o seu fazer é caracterizado pela busca do sentido e pela atribuição de significados, tornando-se um excelente modo de trabalho na realidade escolar. Portanto, na dimensão do tempo vivido que se alonga para o passado e para o futuro de cada sujeito envolvido, bem como na dimensão temporal e histórica daquela escola cujo o significado se esclarece se olhada junto com o das outras escolas, com seus professores, teóricos da educação, governos, alunos, famílias, sociedade, cultura, história. (Bicudo, 1999, p.12-13).

Aqui a atitude fenomenológica junto a geografia das representações comungam-se em dimensões: do individual e do coletivo(social), as quais unem-se e concretizam-se em ato mais nobre do ser humano, qual seja: o ato de sentir, perceber, criar e recriar conhecimentos.

A sociedade atravessa momento de reflexão e alteração de seu projeto e busca novas alternativas que estimulem outras possibilidades no eterno descobrir e redescobrir o humano, assim como a satisfação plena de suas necessidades. Por isso, acredita-se que a fonte da arte – no caso a música – pode provocar estas

antigas, mas não tão exploradas manifestações. Isso porque, no caso da música, diz-se que ela é:

A mais intransitiva das artes (...) interface entre arte e ciência em que o estético torna-se geneticamente cognitivo. (...) desdobra harmoniosamente, de uma maneira admirável na natureza de todas as coisas, ela é um encadeamento para o espírito e uma doçura para os ouvidos, ela alegra os tristes e satisfaz os ávidos; ela confunde os invejosos e reconforta os aflitos; ela faz cochilar os acordados e acordar os adormecidos (...). (Tomás, 2002, p.12-5).

Contudo a pesquisa, mesmo adotando abordagem diferenciada, procura não se afastar dos conteúdos geográficos prescritos nos referidos documentos, mas, sugere tratamento metodológico e didático-pedagógicos diferenciados e/ou “alternativos” (utilização de música/canção), necessários aos objetivos pretendidos.

Em relação aos objetivos específicos, procura-se: levar o educando a apreciar à ciência geográfica; provocar a sensibilização e percepção espacial (lugar/Planeta Terra); sugerir atividades de percepção e representação toponímica; levar o educando a intencionalizar suas ações intuitiva, artísticas e estéticas em relação aos elementos da natureza; levar o educando a elaborar atividades que despertem a estética no espaço vivido; perceber e representar as formas e dinâmicas internas e externas do Nosso Planeta; perceber e representar seu meio ambiente e situar o homem em seu mundo.

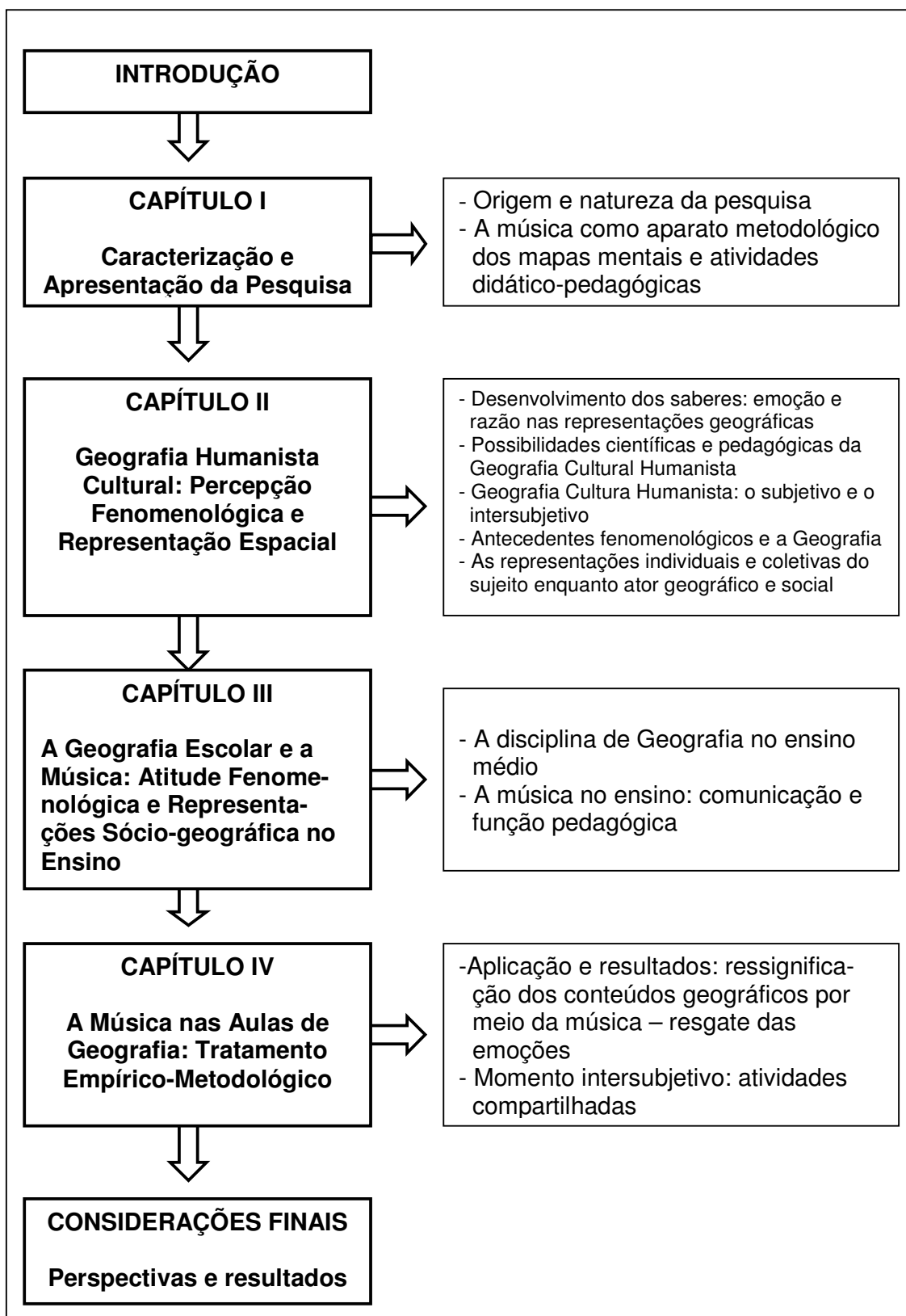
A pesquisa organiza-se em quatro capítulos. Sendo que primeiro capítulo faz caracterização e apresentação da pesquisa, assim como sua origem e natureza. Também descreve abordagem, tendo a música e seus elementos como ponto de partida nas incursões metodológicas centradas nos mapas mentais, idealizados por Kozel, juntamente com atividades didático-pedagógicas concebidas, organizadas e sistematizadas pelos alunos dos Grupos A e B pesquisados.

No segundo capítulo é apresentada a geografia humanista cultural no desenvolvimento dos saberes; destacando a emoção e razão nas representações geográficas. Neste capítulo, consta as possibilidades científicas e pedagógicas da geografia cultural humanista assentadas no subjetivo e no intersubjetivo, os quais colocam os sujeitos, individual e coletivo, como atores geográficos e sociais.

O terceiro capítulo destaca a geografia escolar, o ensino e a comunicação, por meio da linguagem musical, como componente curricular interdisciplinar importante para desencadear o ensino da disciplina no ensino médio.

Finalmente, o quarto capítulo traz o tratamento empírico-metodológico aplicação dos resultados, avaliações e constatações dos efeitos da música no ensino de geografia. Mostra a ressignificação de conteúdos geográficos e resgate das emoções nas aulas. Para tanto, descreve dois momentos o subjetivo e o intersubjetivo. No primeiro, foram evidenciadas as percepções iniciais e representações geográficas motivadas pelas canções. No momento intersubjetivo, desenvolveram-se atividades compartilhadas concebidas por canções, juntamente com atividades didático-pedagógicas oriundas de mapas mentais musicalizados.

FIGURA 1 - SINOPSE DA PESQUISA



CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

1.1 ORIGEM E NATUREZA DA PESQUISA

O trabalho trata da *representação* geográfica e seu *ensino*; ação complexa e árida, pois remonta a transposição de suas teorias e conceitos, consagrados em campo acadêmico e aplicados na geografia escolar na qual impera a ação pedagógica assentada no pensamento sistematizado e nas práticas cotidianas dos alunos.

Portanto, dentro da *geografia escolar*, busca-se as representações advindas das próprias percepções dos alunos envolvidos na prática escolar diária. Sabe-se que estes saberes adquiridos no dia-a-dia não são muito estudados na academia, e que os professores do ensino básico tem dificuldade para transformar seu trabalho pedagógico em pesquisa aceita cientificamente, ficando mais no repasse de informações. Acredita-se, que nesse sentido, possa haver contribuição científica à geografia, ao considerar as representações diárias dos educandos e elevá-las a um nível considerável de sistematização.

O estudo é fruto de anos de experiência, observando regularmente a realidade escolar de várias turmas de ensino básico da Rede Educacional do Estado do Paraná. Ele expressa a necessidade e preocupação de trazer e fazer algo diferenciado em relação às aulas de geografia, pois estas, a cada ano que passa, vêm sendo desprestigiadas por expressiva parte dos alunos, chegando ao ponto de os mesmos afirmarem, categoricamente, que não gostam e não querem estudar geografia.

Como diz Kaercher (2000, p. 136-8), os alunos pensam que a geografia é coisa da escola e dos professores de geografia. Para chegar a essa conclusão, que é muito semelhante a preocupações desta pesquisa, ele relata que o ensino desta disciplina é árido, classificatório, distante da realidade, acentuadamente baseada na memorização, conteudista e muito presa aos livros didáticos, entre outros. No entanto, lembra que estas não são características apenas da geografia instituída na escola, pois atinge todas as outras disciplinas. Por outro lado, repara que estes

procedimentos, usados com frequência, podem anular ou prejudicar o conhecimento praticado em ambiente escolar.

Por questões de ordem metodológicas e aplicativas, por ocasião desta pesquisa, optou-se pela observação de duas turmas – cada uma com 35 alunos em média – de primeira série do ensino médio do Estado do Paraná, da qual, este pesquisador/professor atua. Estas turmas têm suas peculiaridades, pois uma – Turma A – frequenta aulas em escola localizada em colégio sediado no centro da Cidade de União da Vitória-PR, e a outra – Turma B – tem seus estudos realizados em escola localizada em área periférica ao centro da referida cidade.³

Em relação à opção diferenciada entre as turmas A e B, objetivou-se verificar se o método fenomenológico, acompanhado da teoria das representações sociais de Serge Moscovici (destacadas nessa pesquisa, no caso da geografia, por Bailly e Ives André – na educação geográfica formal), podem ser aplicados em grupos de realidade sócio-econômica e sócio-cultural diferenciadas. Com isso, pode-se identificar as manifestações de cada grupo, respectivamente, ao mesmo tempo analisar e comparar suas produções, e auxiliar nas atividades pedagógicas propostas, a cada um, e as novas incursões, no ensino de geografia por meio da música.

Para tanto, se apresentam perfis dos grupos mencionados. No caso do Grupo A, consta no PPP-CEJA (2008, p.9-10)⁴, que alunos são oriundos, em sua maioria, do centro do Município de União da Vitória e dos bairros formadores da periferia do mesmo. Em relação à situação econômica, cerca de 66% das famílias recebem de 1 a 3 salários e os 34% restantes vivem com mais de três salários mínimos; sendo que estes advem principalmente do setor terciário (comércio) da economia, acompanhado do setor secundário (indústria) e primário, basicamente a agricultura.

Na busca de informações para constituição de perfil da referida turma pontuam-se algumas informações constantes no PPP-CEJA (2008, p.10-11), sobre a escolaridade, no qual consta que cerca de 45% dos pais, dos alunos do grupo A, terminaram o Ensino Básico e 11% concluíram o Ensino Superior; 69 % dos pais são casados e 31% são separados; aproximadamente 75% do alunos dos alunos dedicam cerca de 1 hora diária aos estudos; nos períodos de folga a maior parte usa

³ A diferenciação quanto as turmas A e B, é para observar possíveis diferenças quanto ao ensino-aprendizagem, sendo que elas tem realidades sócio-econômicas, espaciais e culturais diferentes.

⁴ Informações e dados numéricos retirados do respectivo documento.

TV e outros aparelhos eletrônicos para seu lazer; grande porcentagem (33%) dos alunos moram com avós, tios e/ou outras pessoas.

Com estes dados, além de outros, inclusive retirados da própria vivência com os alunos da Turma A, constantes no Projeto Político Pedagógico da escola, pode-se dizer que esta turma goza de perfil semelhante a várias turmas de estudantes do interior (principalmente nas Regiões Sul e Sudeste) do Brasil. Estes vivem em contextos culturais semelhantes e estão envolvidos pela mesma estrutura sócio-econômica, além de outras características semelhantes, das quais o ensino faz parte de modo geral e a geografia, em particular, se apresenta com suas peculiaridades.

Os adolescentes integrantes da Turma A possuem idades entre 15 e 16 anos em média, advindas de classe média baixa e estão em contato com vários meios de comunicação e informação, mas que de maneira geral não trabalham muito bem o conhecimento em si. Outro problema observado, em relação ao dia-a-dia desses alunos, é certa dificuldade em seus relacionamentos, principalmente, com pessoas mais velhas como: os pais, tios, avós e professores.

No que concerne a Turma B, consta no PPP-CESC (2008, p.11-12), que os alunos atendidos neste estabelecimento de ensino provêm, em sua maioria, de famílias cujos pais não concluíram o Ensino Fundamental, sendo que a renda familiar varia de um a três salários mínimos. Observa-se que as profissões exercidas pelos chefes de família dos alunos desta escola não oferecem perspectivas de melhoria na qualidade de vida.

O referido documento diz que, parte dos alunos mora com os pais. Quando questionados sobre as atividades escolares, grande parte relatou que realiza as tarefas de casa, e na sala de aula, prestam atenção nas explicações e questionam quando têm dúvidas. Nos momentos em que não estão na escola, praticam esportes, *ouvem música*, passeiam com os colegas entre outras atividades.

Em relação a Turma B, consta no documento PPP-CESC (2008, p.11-12)⁵, que os alunos quando questionados sobre o que pensam da escola, destacam muitos pontos positivos e também negativos e fazem sugestões para melhoria da Instituição como um todo. Em relação ao processo de ensino-aprendizagem os maiores problemas enfrentados em sala de aula são: número elevado de alunos por turma, evasão escolar, repetência, pouca participação da família na vida escolar dos

⁵Informações e dados numéricos retirados do respectivo documento.

filhos, problemas familiares, separação, falta de limites, desestrutura familiar, etc., que abalam e prejudicam o rendimento escolar do aluno. Verifica-se que há uma tendência da família em transferir para a escola, muitas vezes com a intenção de minimizar conflitos e problemas, a responsabilidade de resolvê-los.

Observa-se que os profissionais envolvidos diretamente no processo de ensino-aprendizagem, em sua maioria, encontram-se sobrecarregados, com o tempo limitado para a formação e atualização, desgastados com os problemas que aparecem nas entrelinhas da sala de aula, ou mesmo alguns profissionais que hesitam em assumir posicionamentos mais ousados e dinâmicos por medo de críticas, deixando de dar expansão ao seu potencial criativo. Além disso, também se enfrenta o comodismo e o tradicionalismo arraigados.

O PPP-CESC (2008, p.12), relata que as relações de trabalho na escola entre os sujeitos em atividade (professores, funcionários, pedagogos, alunos, direção, pais) ocorrem tendo como referência a função que exercem, na qual buscam, da melhor forma, atender suas especificidades.

Os dados acima levantados advêm de questões padronizadas pela SEED-PR, pois esta instituiu o PPP (Plano Político Pedagógico) à todas as suas Unidades Educacionais do Estado do Paraná. Seu objetivo é levantar dados mínimos para tentar detectar as necessidades prementes de sua comunidade estudantil. Na pesquisa ora realizada pode-se apontar alguns dados que ajudam na caracterização e comparação das turmas (A e B) pesquisadas.

O primeiro ponto é a própria origem e localização dos sujeitos, sendo que os alunos do grupo A estão localizados preferencialmente no centro e nos bairros mais próximos da cidade; isto, por si só, já os coloca em posicionamento diferenciado gerando uma série de fatores, fatos e ocorrências que podem influenciar no processo ensino-aprendizagem; como o contato com mais pessoas e objetos sógnicos diferenciados. Estes componentes identitários refletem-se nos comportamentos dos indivíduos dos referidos grupos, além de contribuir em sua formação cultural, social e política.

Outra diferença, evidenciada através de questões levantadas pelo PPP das respectivas escolas e grupos pesquisados, embora não muito acentuada, é a econômica, que reflete na capacidade de contatar com meios e objetos que auxiliam na comunicação e apropriação de informações, sendo que estas podem se

transformar em conhecimentos e saberes válidos ao seu desenvolvimento cultural e social, ampliando as possibilidades de ensino-aprendizagem dentro e fora da escola.

A formação educacional dos pais e a configuração ou comportamento familiar são dois elementos que influenciam diretamente na estrutura psicológica e social dos adolescentes, tanto do grupo A como do grupo B. Estes podem estabelecer padrões de interesses que recaem na capacidade, cognitivas e de estudos dos respectivos alunos.

Notadamente, o que chama a atenção é a grande importância que os alunos, de ambos os grupos, dão à *música* e a utilização de aparelhos eletrônicos no seu tempo interno e externo à escola. Sabe-se também, que dentro da escola a utilização de aparelhos sonoros só não é maior por conta da proibição de seu uso na maioria das escolas. Esta é uma questão polêmica e tema de constantes e acalorados debates nas reuniões escolares.

Independente da pertinência da discussão, sobre o uso de aparelhos sonoros dentro do estabelecimento escolar, esta pesquisa busca colocar o tema *música/canção como instrumento auxiliar no processo ensino-aprendizagem*. Haja vista que a educação passa, hoje, por transformações, principalmente, no que diz respeito as suas finalidades e metodologias.

Portanto, *a música nas aulas de geografia*, tem preocupação inicial com ensino de educação formal básica. Surge devido a constatação de dificuldades didático-pedagógicas, advindas da transposição dos conhecimentos da geografia acadêmica, para a geografia escolar quando de sua aplicação, principalmente nas séries iniciais do ensino médio. Acredita-se que este problema passa pela *ressignificação* dos conteúdos geográficos, que em ambiente pedagógico deve ser teorizado e representado, para que de forma agradável e interessante ocorra a ligação entre os ensinamentos geográficos e a vida cotidiana do educando, com seus semelhantes em determinado lugar.

Antes da pesquisa propriamente dita, foi realizado breve diagnóstico com as turmas já indicadas, o qual se confirmou o resultado de vários trabalhos acadêmicos, que relatam ser a disciplina de geografia, na escola, e principalmente no ensino médio, uma das mais rejeitadas das disciplinas escolares. A maioria dos alunos (grupos A e B), independentes de sua situação socioeconômica e cultural, diz que as aulas de geografia são em sua maioria: *“monótonas, repetitivas, chatas, enfadonhas,*

muito teóricas e expositivas,”⁶ além de citarem vários problemas quanto a metodologias e procedimentos didáticos pedagógicos utilizados pelos professores em suas aulas.

Segundo Pereira (1996, p.48), alguns alunos do ensino básico vêem a disciplina de geografia como uma disciplina decorativa e inútil, isto ocorre, porque os professores não conseguiram construir, de forma mais independente, os preceitos consagrados pela geografia acadêmica em relação aos padrões descritivos dos fenômenos físicos e paisagísticos.

Os comentários,⁷ logo abaixo, sobre as aulas de geografia, ilustram o pensamento predominante dos alunos das turmas (A e B) do ensino médio das escolas pesquisadas. Estes foram escolhidos de forma aleatória num universo de setenta alunos e expressam a idéia da maioria dos alunos, e segue o pensamento de grande parte dos estudantes do Sistema Nacional de Ensino.

Isto pode ser comprovado por leituras advindas do próprio MEC, por meio dos PCNs e pelas DCE do Estado do Paraná, quando, ressalta-se que: “Nas escolas brasileiras, a Geografia tinha um caráter decorativo e enciclopedista, focado na descrição do espaço, na formação e no fortalecimento do nacionalismo, com um papel significativo na consolidação do Estado Nacional Brasileiro. (...) Essa corrente (...) é conhecida como geografia tradicional.” (PARANÁ, 2006, p.17).

Este assunto será retomado mais à frente, mas aqui ele toca a questão pedagógica e da pesquisa científica em geografia. Principalmente, quando diz que, ela foi e é decorativa, enciclopedista e descritiva. As características acadêmicas da disciplina foram tradicionalmente repassadas à educação, sem a elaboração de estudos apropriados na transposição e adaptações necessárias ao ambiente escolar.

Em relação aos comentários dos alunos, pode-se notar a confirmação do desgaste diante do tratamento metodológico imposto à geografia em seu fazer escolar. Isto vem confirmar o que a literatura científica relata já a algum tempo, de que os conhecimentos da disciplina acadêmica transpostos na escola não devem ser apenas repassados, mas sim, integrados e contextualizados na comunidade estudantil, para que estes ganhem credibilidade e importância à sua vida cotidiana.

⁶ Resumo das opiniões dos alunos (turmas A e B) quando perguntados sobre as aulas de geografia durante sua vida escolar (anexo no final).

⁷ Transcrição *ipsis verbis* e *literis* dos comentários feitos pelos alunos. Sendo que os comentários 1 e 2 são de estudantes da turma A e os comentários 3 e 4 procedem da turma B.

QUADRO 01 – Comentário: aluno da 1ª série do Ensino Médio – Grupo A

*“(...) Às vezes geografia se torna meio **monótona**, desde o início foi assim. Às vezes também falar sobre certas coisas dessa matéria se torna meio desnecessário. Claro que eu acho que ter aula de geografia é importante, saber cada ponto é necessário, mas eu ainda acho que até hoje eu não tive uma sequer aula de verdade, independente do professor. Não estou cobrando de ninguém, só quero dizer que precisamos de explicações mais especificadas, não **conteúdo em cima de conteúdo**, trabalho, sobre trabalho.”*

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Pelo colocado, o aluno não desqualifica a disciplina, inclusive ressalta sua importância, mas, o que fica claro é a questão da forma de se ensinar esta disciplina. O aluno usa a palavra “monótono” e diz: “desde o início foi assim”; não se sabe exatamente o que quer dizer com “desde o início foi assim”, mas acredita-se que queira se reportar a monotonia e a repetição, quando diz: “conteúdo em cima da conteúdo”, são constante nas aulas de geografia.

QUADRO 02 – Comentário: aluno da 1ª série do Ensino Médio – Grupo A

*“Deveríamos usar mais de aulas dinâmicas e menos apostilas, pois estamos sempre sentados ou copiando ou ouvindo o professor, e se torna **chato** depois de um tempo.”*

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Aqui o estudante reforça a mesmice e usa o termo “chato” para dizer que depois de certo tempo a disciplina se torna cansativa. Também faz menção ao material didático, no caso da apostila, mas, pode-se dizer que os livros didáticos apresentam um padrão muito semelhante. De modo geral, tratam os assuntos de forma superficial, evasivos diluídos em assuntos abrangentes que não retratam de forma mais cuidadosa os conteúdos específicos da disciplina.

QUADRO 03 – Comentário: aluno da 1ª série do Ensino Médio – Grupo B

*“Poderiam ser mais dinâmicas, com trabalhos apresentados para que assim os alunos aprofundassem mais os temas. Diferenciar os tipos de aulas para que não fossem **cansativas** e sempre da mesma maneira, onde muitos alunos não concentram-se”.*

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Este comentário sugere mais apresentações de atividades escolares, por parte dos alunos, para dinamizar as aulas e para que elas não se tornem

“cansativas” e sempre da mesma forma, pois isto provoca a falta de concentração dos alunos. Aqui o aluno sugere, predominantemente, problemas de ordem didático-pedagógica.

Neste sentido, pode-se dizer que existem sérios problemas na formação do profissional licenciado em geografia, no que concerne a estrutura dos cursos de licenciaturas, que segundo alguns estudos, indicam falta de integração das disciplinas didático-pedagógicas às suas disciplinas acadêmicas, afetando sensivelmente a transposição desta ao ensino da disciplina.

Costa; Vlach (2008) mostram semelhante preocupação, em seu texto, o qual questiona a formação de professores de geografia, seu papel e como promovem a socialização desses saberes, dizem que as disciplinas são ‘gavetas’ que se encontram fechadas a totalidade dos conhecimentos científicos. Por outro lado, questionam os fundamentos teórico-metodológicos e político-sociais em relação ao Ensino Básico.

QUADRO 04 – Comentário: aluno da 1ª série do Ensino Médio – Grupo B

*“As aulas teriam que ser **diversificadas**, a cada aula um assunto novo para que a gente se interessasse mais, e que fosse explicada de uma maneira que todos entendessem”.*

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

O quarto comentário, coloca a dificuldade de entendimento dos conteúdos geográficos e que estes devem ser abordados de forma mais clara e objetiva para que os estudantes possam entendê-los.

Estes comentários estão cheios de informações importantíssimas, para se fazer constatações e análises, da situação do ensino de geografia nas escolas públicas do Estado do Paraná. Como foi dito, não se pretende, com esta pesquisa, tirar conclusões apenas por estas duas incursões. Mas, estas tomadas fornecem subsídios para chamar a atenção ao problema que se agrava com o passar do tempo.

Além do interesse como profissional, atuante no meio educacional, esta pesquisa tem pretensão, unindo-se a outros trabalhos, de ecoar nos meios acadêmicos, tanto da pesquisa clássica em geografia, como da pesquisa da geografia escolar, preocupada com o trato pedagógico da geografia. Pois, seu ensino, na escola básica, não consegue atingir seus objetivos que é o entendimento, por parte dos alunos, das manifestações espaciais provocadas pelas ações naturais

e humanas na superfície terrestre e seu entorno. Nesse sentido, persegue-se tentativa, quase que em vão, de ensinar uma geografia que atenda as expectativas dos alunos, pois eles procuram relacionar o mundo cotidiano, do qual vivem, ao mundo das teorizações geográficas, para que este fazer tenha sentido e importância a ele.

Contudo, é imprescindível a passagem do indivíduo pela escola, local onde o conhecimento sistematizado ganha foro e credibilidade. Mas, antes disso, é bom lembrar que a geografia, enquanto conhecimento e saber científico, deve gozar de plena segurança enquanto estrutura epistêmico-teórica e metodológica para que, na continuidade, possa se disseminar pedagogicamente.

Por outro lado, a escola ainda busca atender as necessidades dos diversos grupos em todo o tempo e lugar. Pois, as formas de estar conectado ao mundo e seus objetos, pessoas e seres se diversificaram na proporção das inovações técnico-científicas. Portanto, a escola não goza, nos dias atuais, de status de fonte de sabedoria ou templo do saber. Da maneira como está organizada, ela tem dificuldade em atender as necessidades das comunidades humanas e apresenta problemas em ler e explicar as contextualizações do mundo.

Por outro lado, como sugere Kropotkin, em texto selecionado e traduzido por Vesentini⁸, que a retomada da descrição na disciplina geográfica, pode provocar o fazer científico e pedagógico. Ele relata que a geografia:

a mais atrativa e sugestiva para pessoas de todas as idades – resulte em nossas escolas como um dos temas mais áridos e carentes de significado. (...) Alguns "pedagogos" modernos buscam matar a imaginação das crianças (...) a imaginação constitui uma excelente ajuda para o raciocínio científico. (...) A descrição da Terra e de seus habitantes constituirá com certeza um dos melhores meios para alcançar tal fim. Concedamos a nossos educados mais liberdade para seu desenvolvimento intelectual! Deixemos mais espaço para o seu trabalho independente, sem mais ajuda do professor do que a estritamente necessária. (Kropotkin, 1976, 6-15).

O texto acima, sugere que os professores não interfiram imperativamente no aprendizado, mas sim, estimulem a imaginação e a capacidade de descrição dos educandos. Pelo lado da pesquisa, ora realizada, também, chega-se na mesma conclusão; para tanto, acrescenta descrição de cunho subjetivo, além da tradicional

⁸ "What Geography ought to be", excertos selecionados e traduzidos de *Antipode: a Radical Journal of Geography*, vol.10/11, n° 1/3, 1976, pp. 6-15. Mas este ensaio de Kropotkin foi originalmente publicado in *The Nineteenth Century*, XXI, Londres, dezembro de 1885. [Seleção, tradução e notas de José William Vesentini].

objetiva. Portanto, coloca como opção a música em forma de canção, para auxiliar nos aspectos metodológicos.

Acredita-se que a música, favorece atitude mais independente e junto às categorias geográficas de *lugar e espaço vivido*, servem de ponto de partida e chegada às atividades. Na seqüência, são idealizadas abordagens metodológicas utilizando-se da linguagem musical em forma de canções, com letras que vem de encontro aos conteúdos trabalhados, materializando-se através de descrições pessoais após as seções sonoras ouvidas previamente aos pelos educandos.

1.2 A MÚSICA COMO APARATO METODOLÓGICO DOS MAPAS MENTAIS E ATIVIDADES DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

As atividades desenvolvidas a partir de canções foram:

I SEMESTRE DE 2008 – EXPLORAR O EU DO ALUNO (SUBJETIVO)

I Bimestre – Primeiras Percepções e Representações:

- As atividades se concentraram na audição das canções (O Canto do Povo de Um Lugar e o Sal da Terra).

Foi pedido para que os alunos fizessem **descrição subjetiva** (o que sentiu, imaginou e pensou) e **desenho** (representação do percebido);

II Bimestre – Ressignificação de Conteúdos e Objetivos:

- Orientados pelo professor, ainda sobre as canções acima e outras escolhidas pelos alunos (quadro 5 - abaixo), foram abordados os seguintes temas:

1. A geografia como ciência – Percepção e Representação.
2. Espaço vivido – o que sente ao ouvir a música?
3. Planeta Terra (agentes internos e externos)
4. Lugar: dimensão cultural – gosta do lugar onde mora? Explique?
5. Natureza e seu elementos – Meio ambiente – Dimensão sócio-ambiental
6. Escreva sobre o uso da música nas aulas de geografia

II SEMESTRE – TRABALHAR O EU + OUTRO (INTERSUBJETIVO)

III Bimestre – Aplicação do Planos (quadro 8):

- Os alunos escolheram suas melodias preferidas (quadro 5) e executaram as tarefas constantes no Plano (elaboraram Projeto).

IV Atividades Compartilhadas – Resgate das Emoções nas Representações

- Por meio do Plano, e após ouvirem suas canções preferidas, orientados pelo professor, os alunos realizaram, em grupos, além dos desenhos explorados nas primeiras atividades, várias formas de representações que se concretizaram em forma de: cartazes, mapas, maquetes, história em quadrinhos, interpretações de canções, dramatizações, vários formatos de textos e outros.

As canções, além de despertarem o interesse nos alunos, serviram como instrumentos metodológico para a elaboração de mapas mentais. Elas, por possuírem texto musicalizados, acionaram as interpretações dos educandos.

Estruturalmente, a pesquisa foi dividida em duas partes (I e II semestres letivos, subdivididos em 4 bimestres), e dois momentos distintos dentro de cada seção, à saber: o **Subjetivo** e o **Intersubjetivo**.

O momento subjetivo, concebido após a audição das canções (quadro 5, abaixo), foi construído sobre as impressões imagéticas e reflexivas dos alunos. Aqui, o aluno foi orientado para colocar o que sentiu ao ouvir a canção, e retirar do texto palavras e idéias de cunho geográfico.

QUADRO 5 – Canções trabalhadas – Base para os mapas mentais

1- Canções Propostas pelo Professor:

- O Canto do Povo de Um Lugar - Caetano Veloso
- O Sal da Terra - Roupa Nova

2- Canções Escolhidas pelos Alunos dos Grupos A e B

- Tarde Vazia - Ira!
- A Natureza - Zé Ramalho
- Pantanal (Sagra do Coração da Terra) - Almir Sater
- Aquarela – Chimarruts
- Quando a Chuva Passar - Ivete Sangalo
- Vida Boa I - Victor e Leo
- Vida Boa II - Victor e Leo
- Meu Reino Encantado - Daniel
- Quem é Ele ? - Zezé Di Camargo E Luciano
- Bem-Te-Vi - Zé Fortuna & Pitangueira
- Eu te Amo, Meu Brasil - Guilherme E Santiago
- Tocando em Frente - Almir Sater
- Casinha – Armandinho
- Planeta Água - Guilherme Arantes

FONTE: Dados da Pesquisa (Organizados pelo autor), União da Vitória-PR, 2008.

No início das atividades propomos a audição de duas canções: “O Canto do Povo de Um Lugar” e o “Sal da Terra”, as quais acreditamos interessantes, pois cada uma, dentro de suas características, contribuiu para promover o envolvimento, percepções e reflexões iniciais nos alunos.

A opção pela canção, “O Canto do Povo de um Lugar”, foi por sua referência musical⁹, pois já foi objeto de estudos de Ziskind (1999, p.268), em sua obra *O Som e o Sint*; estudo sobre diversos sons de vários lugares do mundo evidenciando os modos diatônicos apropriados para percepção e nuances (de lugares), por meio de semitons, além de conter sensações de altos e baixos, subidas e decidas.

Ela, apresenta melodia simples e clara de mudanças que se transformam em representações de lugares específicos, ou da Terra como um todo. Apresenta referências tofólicas universais que podem ser usadas em qualquer lugar e tempo do mundo. Além disso, sua letra mostra estágios seqüenciais e naturais da vida, deixando marcado um começo, meio e fim. Essa indicação foi associada a elaboração do Plano e projeto e/ou atividades, pois indicam momentos importantes à execução do trabalho ora realizado.

A segunda peça musical, *O Sal da Terra*, traz textualmente aspectos da natureza, seus elementos, cuidados e atitudes que as pessoas devem ter com os lugares e conseqüentemente com o Planeta como um todo, pois ele é o “chão da nossa casa”. A canção convoca todos os atores sociais a se posicionarem e estimula reflexões políticas, sócio-culturais, éticas, ecológicas e geográficas.

Por se tratar de representações individuais e coletivas, em ambiente escolar, optou-se pela utilização de *mapas mentais*¹⁰, adaptados e amparados pela metodologia Kozel (2007, p.133-36)¹¹, acompanhadas pelas *sistematizações de atividades didático-pedagógicas* dos alunos do grupo A da escola CEJA, e do grupo B da escola CESC, subordinadas a SEED-PR do Núcleo de Educação de União da Vitória.

Sendo assim, colocamos em linhas gerais, as etapas da pesquisa à serem demonstradas e aplicadas no último capítulo.

⁹ De acordo com Ziskind apud Wisnik – *O Canto do Povo de Um Lugar* - cantada em modo lídio, o mais aberto e ascensional entre os modos diatônicos; muito usado na música nordestina brasileira.

¹⁰ Os mapas mentais, nesta pesquisa, assumem denominação de concepção sógnico-imagéticas que advêm de percepções individuais subjetivas passando pelo coletivo através de padrões culturais intersubjetivados, os quais realimentam a produção e disseminação dos saberes geográficos.

¹¹ Foram utilizados alguns elementos das quatro fases desta metodologia, para auxiliar na interpretação do processo mental dos alunos em relação as suas percepções e representações de seu mundo vivido compartilhado com seus colegas em seu convívio cotidiano.

Por meio de canções (quadro 5), as duas já mencionadas, e outras escolhidas pelos alunos, sendo que essas deveriam conter temas que envolvessem: a natureza, seus elementos, o meio ambiente e a ação humana em sua dimensão ôntica (própria do indivíduo) e ontológica (ligada ao ser, gênero humano), para atenderem a indicação de conteúdos e objetivos constantes nos componentes curriculares do referido nível de ensino. Para tanto, o quadro 6, logo abaixo, elaborado com base no planejamento anual da 1.ª série do ensino médio, sob orientação da SEED-PR, norteou as atividades realizadas pelos alunos.

QUADRO 6 – Conteúdos e Objetivos

Os objetivos observados e estudados com auxílio de canções foram:

- 1 - A Geografia como ciência – percepção e representação espacial;
- 2 - O Ser humano (aluno-ator social) em seu espaço vivido no cotidiano;
- 3 - Planeta Terra-Lugar: agentes internos e externos – percepção espacial;
- 4 - Lugar: dimensão cultural – aspectos topofílicos
- 5 - Elementos da Natureza – aspectos estéticos;
- 6 - O meio ambiente: dimensão sócio-ambiental: percepção e representação.

FONTE: Dados da Pesquisa (Organizados pelo autor), União da Vitória-PR, 2008.

QUADRO 7 – Metodologia Kozel adaptada às atividades didático-pedagógicas

- 1 - Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem;**
aparecem na imagem como ícones diversos, letras mapas, linhas, figuras geométricas etc...
- 2 - Interpretação quanto a distribuição dos elementos na imagem;**
como as formas estão dispostas na folha. Por exemplo: aparecem isoladamente, horizontalmente, de forma circular, dispersas, em quadros e em perspectivas.
- 3 - Interpretação quanto à especificidade dos ícones;**
 - representação dos elementos da **paisagem natural**
 - representação dos elementos da **paisagem construída**
 - representação dos **elementos móveis**
 - representação dos **elementos humanos**
- 4 - Apresentação de outros aspectos ou particularidades:**
o que os mapas mentais e as atividades podem mostrar além dos elementos colocados nos quesitos anteriores.
 - A importância da ciência geográfica para a utilização consciente dos espaços;
 - Conscientização em relação aos problemas sócio-ambientais e a natureza em geral;
 - O cotidiano do aluno (ser humano) em seu lugar (mundo vivido);
 - Grau de percepção e representação topofílica;
 - Identificação de categorias e elementos geográficos;
 - Outras formas de percepções e representações do espaço geográfico;
 - **OBS:** o quarto quesito foi acionado sempre quando não se encontrou forma de enquadramentos mais efetivo nos quesitos 1.º, 2.º e 3.º da metodologia Kozel e também para auxiliar nas atividades didático-pedagógicas dos alunos, principalmente nos primeiros trabalhos centrados na audição das canções:
O Canto do Povo de um Lugar e O Sal da Terra.

FONTE: Organizado pelo autor com base nos quesitos da Metodologia kozel.

A metodologia Kozel, quadro 7 acima, foi utilizada para organizar e analisar as impressões do educando. No caso da primeira intervenção, com base na canção O Canto do Povo de Um Lugar e O Sal da Terra, deixamos os alunos mais a vontade para suas percepções; aí, o que prevaleceu foi o 4.º (quarto) quesito da metodologia, ou seja, a apresentação de outros aspectos ou particularidades. Contudo, foi nos mapas mentais elaborados a partir das músicas escolhidas pelos alunos que ocorreu aplicação dos demais quesitos mencionados no quadro 6.

Para sistematizar as impressões signo-imagéticas dos alunos, provocadas quando da audição das canções, elaboramos seqüência denominada **Plano** (quadro 8, abaixo), do qual solicitamos três passos básicos ligados às canções (A:dados; B: características; **C: Atividades – PIS e Mapas Mentais**), para a realização das atividades e mapas mentais. O plano, principalmente em seu item C, junto com os quesitos colocados no quadro 7, formam o aparato metodológico desenvolvido no último capítulo quando da aplicação das atividades.

QUADRO 8 – PLANO: Dados, Características e Atividades (PIS e Mapas Mentais)

A - Dados Discográficos – Obra - CD musical e outros

SOBRENOME, Prenome do(s) compositores(s). Intérprete da parte.

Título: In: Título do CD. Local: Editor, ano. descrição: Indicação da faixa.

(tempo de duração).

B- Características da Música/Canção:

1. Gênero:

2. Andamento (com base nas batidas do seu coração e do seu andar)

() muito rápido () rápido () médio () lento

() alternados outros [se marcar este – último – descreva]

3. Escreva o que, e como entende sobre a música/canção que ouviu: ritmo, melodia, harmonia; som (grave, médio agudo), suave, agitada, introspectiva, triste) e outras características.

C – ATIVIDADES (PIS e Mapas Mentais)

1- PIS - Plano Intencional Subjetivo

a) Tema:

b) Título:

c) DIS - **Descrição Intencional subjetiva:**

procure identificar o que tem de geográfico (elementos, conceitos, idéias, palavras, e categorias) na música/canção.

Use a **imaginação** (imagens; o que vem em sua mente), a **emoção** e o **pensamento**.

2 – Mapas Mentais

a) **DIS: Descrição Intencional Objetiva:**

elabore texto (conteúdo geográfico) baseado na música/canção; nas aulas e pesquisa bibliográfica.

b) **Concepções Sígnico-Imagéticas:**

represente por meio de: imagens, desenhos, mapas, figuras, cartazes, maquetes, painéis e outros) o que aprendeu (aprendeu).

FONTE: Dados da Pesquisa (Organizados pelo autor), União da Vitória-PR, 2008.

Das atividades, **PIS (Projeto Intencional Subjetivo)**, constante do plano (quadro 8), vem a ser um instrumento didático-pedagógico que visa estruturar e sistematizar as apreensões individuais e/ou coletivas. Seus elementos são: tema, título e DIS (*descrição intencional subjetiva*) e Mapas Mentais (texto e concepção sígnico-imagética), na qual o educando, após ouvir a peça musical processa sua construção mental por meio da *imaginação, emoção e pensamento*, portanto, **subjetiva**, com os quais seleciona e organiza os, conceitos, idéias, categorias, temas e outros elementos geográficos. Na seqüência do Plano, temos a realização do sub-item 2 (Mapas Mentais), que pela descrição objetiva, tradicional na geografia, somam-se às concepções sígnico-imagética, completando o primeiro momento da pesquisa.

No momento **intersubjetivo**, o ciclo de produção e disseminação dos conhecimentos geográficos ocorre pela materialização de várias atividades pedagógicas, pois depois de ouvirem as canções e confeccionarem seus respectivos planos e projetos (PIS), construídos individualmente, os alunos montam grupos e unem suas produções mentais realizando várias atividades em conjunto. São as **Atividades Compartilhadas**, que também seguem os passos do Plano (quadro 8).

As atividades pedagógicas (descritas no IV Cap.), elaboradas pelos alunos e orientadas pelo professor, concretizam-se em: desenhos, maquetes, cartazes, painéis, ilustrações gráficas, história em quadrinho, elaboração e interpretação de poesias, paródias, dramatizações teatrais, composição e execução musicais, construções melódicas baseadas em conteúdos geográficos trabalhados em sala de aula, elaboração de textos dissertativos (narrativos) entre outras *sistematizações sígnico-imagéticas*¹² (**mapas mentais**); fazendo da geografia uma disciplina bem aceita no ambiente educativo, dinamizando as aulas de geografia.

Os instrumentos metodológicos citados: PIS e Mapas Mentais, empregados para orientar a elaboração das atividades didático-pedagógicas estão descritos, demonstrados e avaliados no IV capítulo deste trabalho, destinado a sua aplicação. Quanto aos materiais (letras, músicas e vídeo-clips), foram pesquisados, principalmente, via Internet e em outros meios discográficos e/ou artísticos.

Todo o trabalho assenta-se na *investigação e compreensão de fenômenos espaciais*, levando-se em conta as principais categorias da geografia – lugar,

¹² As sistematizações sígnico-imagéticas são todas as produções, individuais e/ou coletivas, realizadas e compartilhadas pelos alunos, baseadas nos mapas mentais.

paisagem, território, espaço geográfico e sociedade – moldadas pelo ser humano em suas ações; sugerem da *contextualização sócio-cultural*, assim como, busca formas visíveis e concretas do estudo do espaço geográfico, manifestados no cotidiano *individual e coletivo* dos alunos.

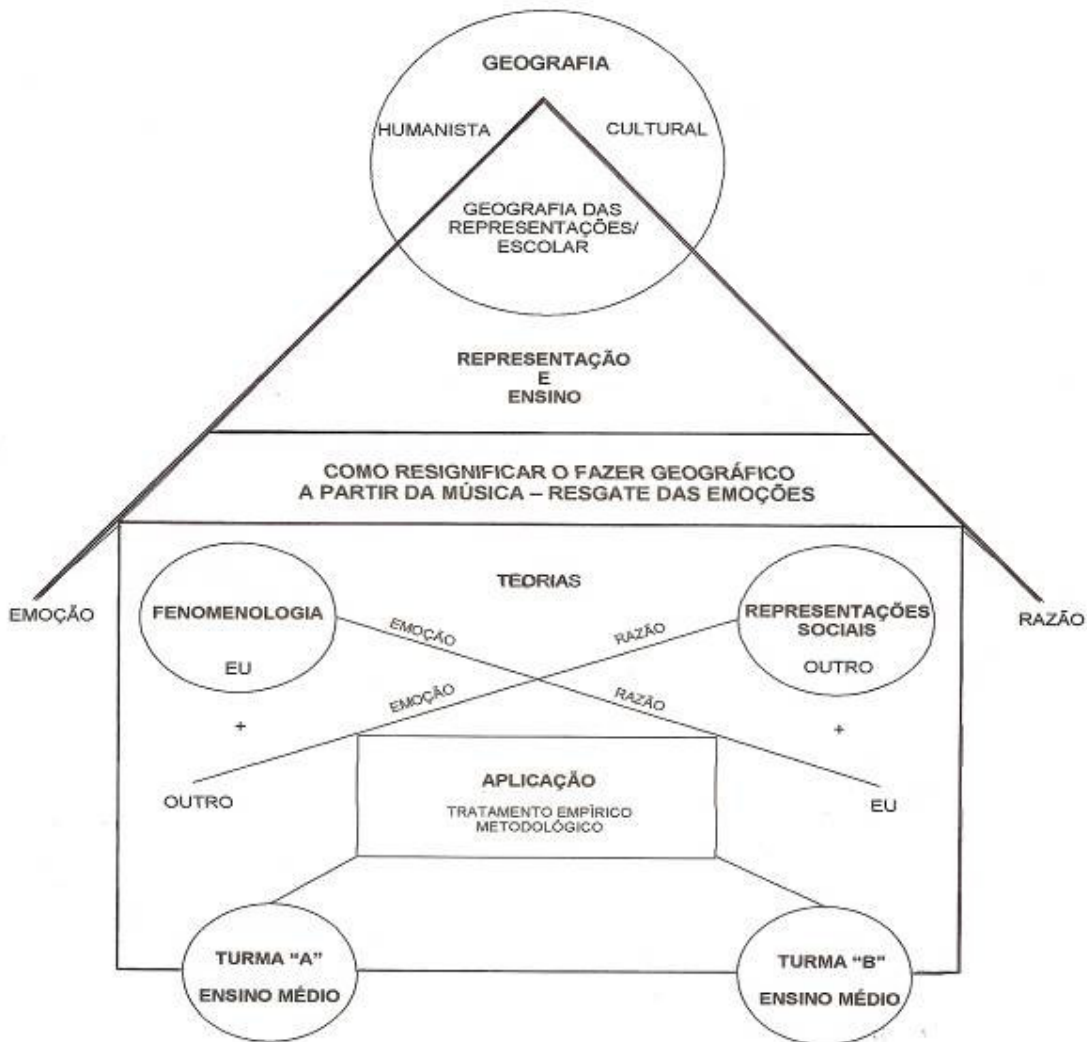
Na tentativa interdisciplinar de unir geografia e música, buscando a percepção e representação, passamos pela geografia escolar e humanista cultural, com preocupações qualitativas, descritivo-empírico e participante, mediada pela ação do professor/pesquisador, nas atividades cotidianas dos alunos, em sala de aula.

A Geografia das Representações tem por objetivo entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por experiências temporais, espaciais e sociais, existindo uma relação direta e indireta entre as representações e as ações humanas, ou seja, entre a representação e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento. Neste sentido, as representações apresentam-se como uma verdadeira revolução epistemológica no campo geográfico, abrindo várias perspectivas de pesquisa, notadamente na área didático-pedagógica. O ensino de geografia torna-se mais significativo ao trabalhar com pesquisas e análises das representações construídas pelas sociedades, considerando que o próprio aluno é agente de representações e conhecimentos necessários para o entendimento das relações estabelecidas na organização espacial. (Kozel, 2006, p.145).

Nesse sentido, é importante frisar que o objetivo primordial da pesquisa é trabalhar aspectos como: processo mental, construções, imagens, conceitos, idéias e teorias, concebidas pelos alunos e reproduzidas em forma de “*mapas mentais*,” que hoje, tratados de maneira ampla, ultrapassam as questões cartográficas e se caracteriza em aporte indispensável no ensino de geografia.

FIGURA 2 – Mapa Conceitual da Pesquisa

**REPRESENTAÇÃO E ENSINO A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA:
Emoção e Razão nas Representações Geográficas**



FONTE: Organizado por CORREIA, neste, 2008.

CAPÍTULO II

GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: PERCEPÇÃO FENOMENOLÓGICA E REPRESENTAÇÃO ESPACIAL

2.1 DESENVOLVIMENTO DOS SABERES: EMOÇÃO E RAZÃO NAS REPRESENTAÇÕES GEOGRÁFICAS

*"A razão nasce da emoção e vive da sua morte".
(Dantas)*

A pesquisa, ora realizada, busca atuar nas realidades pedagógicas distintas de dois grupos oriundos de diferentes escolas, mas pertencentes ao mesmo sistema de ensino. A questão central está na *ressignificação e resgate das emoções*, no fazer geográfico pedagógico, por meio da música/canção.

Sekeff (2002, p.109), lembra que várias idéias sobre ação da música na mente humana estão relacionadas ao tálamo, pois é nesta área do cérebro, atingida inicialmente, que é acionado o córtex, responsável pelas manifestações de: intelecto, pensamento e raciocínio do indivíduo.

Sendo assim, acreditamos que, a música em forma de canção, contém texto musicalizado em um contexto. Nesse sentido, torna-se, dentro e fora da escola, instrumento imprescindível nas apreensões cognitivas dos jovens em seu dia-a-dia, pois ela age no seu emocional e racional.

Entendemos que, a ressignificação de conteúdos e resgate da emoção no ensino, são preocupações complexas e sempre presentes no interior da geografia escolar. Acreditamos, que ambas, passam por elaborações culturais humanistas e aspectos psicossociais que suscitam explicações referentes às percepções fenomenológicas e representações individuais e coletivas.

Portanto, este capítulo apresenta antecedentes e pressupostos circunstanciais necessários à elaboração de pensamento que satisfaça teórica e metodologicamente o trabalho ora realizado, o qual aborda a geografia humanista cultural e seus aportes advindos da *fenomenologia* e das *representações sociais*, pois estes são imprescindíveis à execução do trabalho.

Outrossim, observamos que pela natureza da pesquisa e dificuldade de se encontrar procedimentos apresentados, na literatura científica, sobre o tema, optamos por mesclar a metodologia Kozel, que atende a boa parte do encaminhamento desta, à análise e interpretação das próprias elaborações didático-

pedagógica dos alunos, tendo pano de fundo as canções. A este conjunto, denominamos de: concepções sígno-imagética e/ou mapas mentais. Também lembramos que, o referido encaminhamento metodológico está apresentado no I capítulo e retomado no IV capítulo, para sua devida aplicação.

Estes aportes são indicados, pois, acredita-se, que na lida pedagógica diária, o individual e o coletivo devem ser tratados concomitantemente, para que possa existir participação dos diversos sujeitos/atores (Eu e o Outro: aluno, professor e outros) envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Sendo que, de um lado, o professor, preferencialmente, é detentor de saber científico, e os alunos possuem o conhecimento da experiência e do *senso comum*, os quais não devem ser negligenciados.

Antes de entrar na geografia humanista cultural, traça-se breve quadro do desenvolvimento dos saberes, em geral, e do conhecimento geográfico, em particular, para mostrar as modificações ocorridas, principalmente, entre a *emoção* e razão e sua pertinência no ensino.

Nota-se, que o ser humano tem na emoção e na razão seus principais condutos às suas apreensões e manifestações: cognitivas, espirituais, objetivas, subjetivas, estéticas, morais, políticas e outras. Em outras palavras, o interior e o exterior contemplam-se no gênero humano por meio da emoção e da razão. Por outro lado, independente de origem filosófico-teórica e proveniência epistemológica e científica, fica patente a intersecção e influência, recíproca, entre esses âmbitos da natureza humana.

O pesquisador Goleman (2008), em entrevista, relata que a Inteligência Emocional identifica a maneira como o indivíduo se relaciona e se comunica com seu semelhante, por meio de conteúdo emocional, que garante consciência individual e social. Ele diz que, existem duas inteligências: a racional e a emocional e que uma completa a outra e quando uma delas, principalmente a emocional, é mais dinamizada, a outra aumenta seu potencial simultaneamente, sendo que por esse caminho, o tabu do racional sobre o emocional cai por terra.

O autor, acima citado, afirma que outra questão importante em relação ao QE (Quociente Emocional) e o QI (Quociente de Inteligência), é que eles não são opostos, mas sim interdependentes e de certa forma distintos. Portanto, é nessa relação que ocorre o natural, o dialético e o eclético relacionamento humano.

Uma visão da natureza humana que ignore o poder das emoções é lamentavelmente míope. A própria denominação *Homo sapiens*, a espécie pensante, é enganosa à luz do que hoje a ciência diz acerca do lugar que as emoções ocupam em nossas vidas. Como sabemos por experiência própria, quando se trata de moldar nossas decisões e ações, a emoção pesa tanto – e às vezes muito mais – quanto a razão. (Goleman, 1995, p.18)

Goleman ressalta que as emoções são, em sua gênese, impulsos deixados pela evolução para ação instantânea e planejamentos imediatos a serem utilizados no cotidiano do ser humano. “A própria raiz da palavra emoção é do latim *movere* – ‘mover’ – acrescida do prefixo ‘e’, que denota ‘afastar-se’, o que indica que em qualquer emoção está implícita uma propensão para um agir imediato”. (Goleman, 1995, p. 20). Ele diz que a relação emoção-ação, imediata, fica mais visível nos animais e nas crianças e que nos adultos ‘civilizados’, talvez por influências culturais, apresentam-se dispersas e dissociadas de reflexo óbvio.

Na vida cotidiana é possível constatar que a elevação da temperatura emocional tende a baixar o desempenho intelectual e impedir a reflexão objetiva. O poder subjetivador das emoções (que volta a atividade do sujeito para suas disposições íntimas, orgânicas) incompatibiliza-se com a necessária objetividade das operações intelectuais; é como se a emoção embaçasse a percepção do real, impregnando-lhe de subjetividade e, portanto dificultando reações intelectuais coerentes e bem adaptadas. (...) Analogamente, é possível constatar que a atividade intelectual voltada para a compreensão das causas de uma emoção reduz seus efeitos, uma crise emocional tende a se dissipar mediante atividade reflexiva. (...) Assim, a relação entre emoção e razão é de filiação, e, ao mesmo tempo, de oposição. (Galvão, 1999, p.67).

O homem moderno está num estágio em que as determinações prévias, por exemplo, leis e teorias, perdem força e cedem lugar às manifestações advindas do interior do ser através da *memória, imaginação, sensações e percepções*. Partindo-se deste pressuposto, as coisas não devem ser determinadas antecipadamente, e nesse particular, introduz-se, o ser em movimentos perceptivos que relacionam a objetividade e a subjetividade, dinamizadas pela intersubjetividade.

A atitude fenomenológica, em ambiente educacional, resgata o homem em seu próprio mundo – no caso a sala de aula, e o lugar onde habita – aproximando-o da natureza. Ela se insere tanto na ciência geográfica, como na sua disseminação em ambiente educacional formal. A realidade, da sala de aula, associada ao *cotidiano do aluno*, demonstram a necessidade de práticas didáticas que valorizem a participação destes no processo de ensino.

Nesse sentido, observa-se que os dois grupos pesquisados (A e B), em suas respectivas escolas, de acordo com diagnóstico realizado, sentem a necessidade de mais espaço de participação, pois dão a entender que o ensino deve ser participativo, interativo, crítico e criativo.

As Representações individuais e coletivas, já pensadas por Durkheim e re-elaboradas teoricamente por Moscovici, tomam novo fôlego na contemporaneidade, e se apresentam como opção, clara e segura, nas composições metodológicas a serem construídas nas ciências sociais. Nesse sentido a *geografia (suas percepções e representações)*, é uma das primeiras candidatas a construir procedimentos, de cunho pedagógico, a serem implementados em suas pesquisas.

Como diz a canção,¹³ *o ser humano é um “eterno aprendiz.”* Seus diversos movimentos realizados no ato de aprender, e a própria consumação da aprendizagem, podem na medida de sua vontade, ambição e sonhos, transformar-se em ensino-aprendizagem.

Contudo, em suas apreensões cognitivas, as pessoas, de certa forma, perderam as capacidades de imaginar, criar e sentir, em detrimento do pensar/fazer. Estas, sem dúvida, conduziram a grandes avanços, em alguns setores do conhecimento, os quais serviram, pelo menos, à parte da humanidade, em determinado momento, os quais, hoje, não satisfazem aos seus anseios.

Atualmente, a ciência perdeu sua hegemonia na representação dos fatos e fenômenos, além de indicar que o processo de elaboração dos saberes não é simplesmente uma relação sujeito/objeto, mas se realiza com a participação destes dois elementos, simultaneamente. Estas transformações são evidenciadas por diversos teóricos, e estudiosos dos quais destacamos Capra (1999, p.14-23), quando diz que, atualmente, o mundo esta conectado, e os fenômenos naturais, sociais e psicológicos estão interligados e cada vez mais interdependentes.

Portanto, a que se vislumbrar novas formas de elaboração dos saberes, talvez, almejando até a união dos diversos níveis de conhecimentos. Nesse sentido, as estruturas filosóficas, epistemológicas e todas as demais teorias até aqui desenvolvidas, tornam-se, de certa forma, insatisfatórias às novas pretensões e necessidades humanas. Sendo assim, alguns ramos dos saberes apresentam-se

¹³ Música e letra: “O que é o que é” de Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (Gonzaguinha). (...) Viver, e não ter a vergonha de ser feliz. Cantar e cantar e cantar a beleza de ser um *eterno aprendiz*. (...) www.gonzaguinha.com.br www.gonzaguinha.com.br. [no site pode-se ouvir a música].

como opções colaborativas na evolução das apreensões dos saberes no atual estágio de vida e seu derredor.

Como reflete Capra (1999, p.44), a maior parte dos ramos científicos segue os princípios da física clássica, aceitando o reducionismo e o mecanicismo da mesma. O universo é visto como um todo harmonioso e indissociável, promovendo ligações dinâmicas, complexas, ligando todos os objetos, elementos e fenômenos que se interconectam aos indivíduos e grupos.

Gomes (1996, p.25-26), diz que a razão a partir do século XVIII, passa a ser o único parâmetro para se chegar ao conhecimento. Por outro lado, ocorreram manifestações contrárias a esta posição, como: as anarquistas e místicas, caracterizando-se como “Contracorrentes”, contestando o poder da razão, o espírito científico e a estrutura dos saberes científico ora institucionalizados.

No que concerne ao pensamento de Capra (1999, p.35-37), a razão e a intuição são maneiras indissociáveis no funcionamento do cérebro humano. A primeira é concentrada, analítica e linear. Por sua vez, a intuição parte da realidade, do vivido e do não pensado, privilegiando a percepção. Isto provocou cisão entre matéria e espírito, levando a um pensamento mecanicista, reduzindo e separando os elementos, seccionando a natureza.

2.1.1 Geografia Humanista Cultural: Descrição Subjetiva

A geografia humana “nasceu como um ramo das ciências naturais: isto explica o fato de que os geógrafos tenham, por muito tempo, resistido a levar em consideração certas dimensões da realidade humana e tenham sido mais sensíveis à diversidade das paisagens que à originalidade dos homens e das iniciativas que tomam”. (Claval, 1999, p.52). Ela, insere-se na estrutura geral da ciência, desenvolvendo-se, como indica Demangeon (1985, p.49), a partir do quarto quartel do século XIX, assentada nos modos de vida dos grupos humanos na superfície terrestre. Seus estudos, baseados na descrição simples e direta, relatando o viver cotidiano e diferentes maneiras de ser destes povos.

De modo geral, a descrição era instrumento substancial dos viajantes, e apresentavam-se como narrações românticas, despertando a imaginação em seus observadores; enumeravam lugares, informações econômicas, históricas, arqueológicas, estatísticas e outras. Com isto, pode-se dizer que, a natureza

topofílica da geografia sempre esteve presente, implícita ou explicitamente, nos assuntos relacionados aos estudos espaciais.

A geografia humana – Humanista Cultural – pode contribuir, neste contemporâneo status dos saberes científicos, tanto na elaboração, quanto em sua disseminação. Ela, neste modelo dialógico, rompe com o anterior, monológico, da ciência clássica, destacando o ser humano na sua existência e toda a sua capacidade de *sentir, se emocionar e criar* o seu saber, com seu semelhante.

O meu *Eu* e o *Outro*, no mesmo momento e na mesma intenção visada¹⁴; contextualizados e comunicados, criam em sua interface, seus respectivos *textos e contextos*, que cotejados, remodelam e refazem o conhecimento, partindo de suas necessidades individuais e coletivas, assumindo, respectivamente, formas subjetivas e intersubjetivas, refazendo e objetivando os saberes.

Segundo Gomes (1996, p.19-23), os tempos pós-modernos trazem preocupações de ordem estética e desencadeiam outras manifestações científicas e técnicas. Destaca *novas concepções estéticas, artísticas* e visões diferenciadas de espaço e tempo, tornando-se relativas e mutáveis, constituindo-se em renovadas “Unidades Fenomenológicas”.

Subjacente ao exposto, pode-se sublinhar algumas práticas na ciência geográfica, como: as viagens, observações no campo, caracterização de determinado espaço e outras atividades sócio-espaciais, envolvendo a percepção espacial, as quais, neste contexto, podem fazer uso de *descrições (subjetivas) e representações (espaciais)* destes fenômenos.

As descrições feitas para a percepção sensível podem ser realizadas paralelamente por nós (...) O objeto rememorado aparece, também, sob diversas faces, em diversas perspectivas, etc. Como se percebe quando se procede à execução, essas descrições vão extremamente longe. Mas, para poder diferenciar as modalidades da intuição (por exemplo, o dado da memória e o da percepção), a descrição deveria recorrer a dimensões novas. (Husserl, 2001, p.58).

Na pesquisa ora realizada, a **descrição subjetiva**, ancorada no sentimento, na emoção e no pensamento; alicerçada na fenomenologia husserliana e merleau-pontyniana, mediados pelas sensações e percepções corporais, auxiliam na concepção de *mapas mentais*, imprescindíveis nas elaborações de representações geográficas, as quais atingem os meios acadêmicos e do senso comum, constituindo-se em aportes para o ensino e pesquisa de geografia.

¹⁴ Equivale a noese (visada da consciência) – o ato de pensar – da fenomenologia husserliana.

2.2 POSSIBILIDADES CIENTÍFICAS E PEDAGÓGICAS DA GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL

A geografia humanista cultural tem no **subjetivo e intersubjetivo**, a dimensão pedagógica à geografia escolar, que procura reavivar elementos como sentimento, emoção, pois estes, de certa forma, estiveram a margem, tanto da pesquisa como do ensino de geografia.

Os elementos humanistas, culturais e sociais estão tendo lugar de destaque no atual estágio dos saberes. Mas, é bom lembrar que “a moderna geografia é a moderna expressão da geografia mais antiga”. Corrêa; Rosendahl (1998, p.22). Com isso, acredita-se que os autores, assim como boa parte da comunidade científica, esforçam-se em elaborar formatos epistêmico-metodológico para este conhecimento, colocando-os no cabedal dos relevantes saberes humanos.

Portanto, elabora-se uma geografia humanista assentada na dinâmica cultural dos diversos grupos humanos postos na superfície terrestre. E nesse sentido, em relação ao resgate da “Geografia mais Antiga”, Claval relata que, “a cultura é para Vidal de La Blache, e seus alunos, como para Ratzel e os geógrafos alemães, aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas, é também uma estrutura geralmente estável de comportamentos que interessa descrever e explicar”. (Claval 1999, p.35)

Sobre as possibilidades da geografia e abordagem cultural, Amorim Filho diz: “a idéia que permanece é aquela da extraordinária pluralidade e do alcance imenso desta atividade intelectual que escolhemos porque ela nos permite ver e sentir; descrever, representar e explicar, desmembrar e integrar; admirar e amar a natureza e a sociedade...” (Amorim Filho, 2007, p.31).

Como diz Claval (1999, p.55), a geografia cultural, juntamente com outras ciências, sofre renovação a partir dos anos setenta do século XX. Se concentra nos lugares que são diversos e não possuem as mesmas características, formas e cores, assim como funcionalidade racional e econômica. As pessoas que os habitam e os freqüentam estão ligadas por sentimentos e emoções, em relação aos mesmos.

O que os alunos sentem, imaginam e pensam, devem ser incorporado aos estudos. Neste aspecto os pesquisadores que estudam as percepções do espaço vivido e meio ambiente, aproximam-se de psicólogos que tornam seus estudos mais

proveitosos. Mesmo o romance pode ser transformado em documento: a intuição do romancista nos ajuda a perceber o espaço pelas emoções das personagens.

A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transferida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e à dos seres que a circundam e formam a sociedade da qual se sente membro. Ela não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida. (Claval, 1999, p.89).

A natureza desta geografia, unindo o material e o imaterial, o humano e o natural, é que torna viés apropriado à prática educativa e científica. Pode-se dizer que, uma nova forma de trabalhar o fazer geográfico tem seu início na escola, por meio das relações humanas praticadas neste ambiente de aprendizagem.

Portanto, inexistente entendimento real dos processos culturais quando negligenciamos o jogo da intersubjetividade. A cultura resulta de um processo de elaboração interminável, levado a cabo pelas pessoas.

Estes têm uma tripla finalidade: primeiro, guiar a ação inscrevendo-a em um quadro normativo; segundo, sublinhar a especificidade de tudo que é social, alcançando a uma dignidade superior o que passa por procedimentos de institucionalização, e, terceiro, dar um sentido à vida individual e coletiva. (...) Se a geografia cultural se dedica à experiência que os homens têm do mundo, da natureza e da sociedade, ela deve partir daquilo que os seus sentidos lhes revelam. (...). A cultura não fala somente do espaço; ela fala também da natureza. Ela o toma simultaneamente como um meio a dominar para extrair aquilo que é necessário à existência e como um conjunto carregado de sentidos. A paisagem retém a atenção, uma vez que é o suporte das representações. (Claval, 1997, p.97-101).

A geografia humanista, declara Holzer (1997, p.17), coaduna-se com o pós-modernismo e em alguns momentos foge do cartesianismo e do positivo. Por sua vez, Bailly (1995, p.155) diz que na geografia tudo parece progredir para adaptação a um novo modelo, nem revolução, nem mudança/desordem, porém, antes de tudo, uma alteração nos estados de espírito, ampliação dos pontos de vista e dos métodos. Nesta mesma obra, Pocock¹⁵ diz que a geografia não se contenta em estudar o homem que raciocina, mas também, aquele que experimenta os sentimentos, que reflete e cria.

Segundo, Bailly (1995, p.157), evidenciando as palavras de Christinger¹⁶, diz que, para cada indivíduo, o universo se compõe dele mesmo, de um domínio que lhe é inicialmente estranho, mas que ele procura dominar fisicamente e

¹⁵ Pocock, 1984 apud Bailly, 1995, p.155.

¹⁶ Christinger, 1987 apud Bailly, 1995, p.157.

*intelectualmente, baseado nos conceitos de ser/estar e conhecer-se, os quais estão indissolúvelmente ligados. Complementando, Fremont¹⁷ destaca o vivido e toda a carga geográfica e conceitual que permeia esta concepção. Este conceito sintetiza as relações muito complexas dos homens e seus espaços de vida materiais, ecológicos e psicológicos.

Bailly (1995, p.157) relata que, essa visão integra o próprio olhar dos estudiosos sobre as sociedades e as regiões que eles estudam, o qual seu olhar nunca é verdadeiramente neutro. O espaço vivido pode ser o mesmo do geógrafo. Por outro lado, à geografia, pode parecer como um jogo complexo de espelhos, onde os homens enviam sua própria imagem e a imagem dos outros.

É por meio de música/canção, e atividades advindas da mesma, que se procura adentrar no universo de cada aluno e explorar sua capacidade de percepção e representação subjetiva, em primeira instância, e posterior relação e representação intersubjetiva de cunho emocional e racional para ressignificar os principais conteúdos abordados na 1ª série do ensino médio, à saber: conceito de ciência geográfica, estrutura do Planeta Terra, agentes internos e externos, dinâmica do espaço geográfico, elementos cartográficos, questões ambientais e naturais do Planeta Terra, as ações humanas e seus espaços vividos (lugar, paisagem e região).

Estas percepções e representações, subjetivas e intersubjetivas, objetivadas no mundano e no humano equacionam os conhecimentos dos alunos transformando-os em saberes sistematizados, por meio do senso comum e da ciência a ser empregada em seu fazer pedagógico diário.

2.3 GEOGRAFIA HUMANISTA CULTURAL: O SUBJETIVO E O INTERSUBJETIVO

Segundo Bailly (1990, p.10), o *subjetivo*, de onde vem o imaginário e a representação é constantemente descartado por causa de nossa identidade racional cartesiana, a qual exalta a objetividade e o pensamento funcional. Por este caminho, o autor tenta aproximar o ensino da geografia à ciência, atitude esta compartilhada na elaboração desse trabalho.

8 Fremont, 1988 apud, Bailly, 1995, p, 157.

Na seqüência, diz que o conteúdo geográfico sistematizado não é tudo e o subjetivo e as representações sociais, assim como o imaginário, devem estar em estreita afinidade com o saber científico. Em relação ao subjetivismo, e seu desenrolar intersubjetivo, na ciência, e outras facetas que não o objetivismo e o racionalismo, têm-se, atualmente, várias discussões.

Bailly (1990, p.159), destacando as palavras de Pouliot¹⁸ diz que, um pesquisador não pode querer chegar ao nível do discurso científico se é colocado diante da paisagem armada somente de sua afetividade e de suas emoções. A partir de então, pode produzir unicamente um *discurso subjetivo*, portanto cientificamente inaceitável, sobre a paisagem analisada, mas mesmo isto, pode ser repensado diante das manifestações de mudanças do mundo contemporâneo.

Repensar a função do discurso subjetivo é um dos aspectos deste trabalho. Contudo, é ponto passivo a dificuldade do emprego do sentimento e da emoção em âmbito científico. Entretanto, é notável e indispensável seu emprego no ensino. Mas, é oportuno lembrar que, no *subjetivismo* está também no racional; basta considerar a imaginação e o pensamento de cada aluno.

Fica claro, que a percepção individual do aluno, seguida das representações organizadas por meio de atividades elaboradas pelos mesmos, e mediadas pelo professor, são o ponto de partida para a prática educativa, a qual num primeiro momento deve contar com o método fenomenológico, passando pela teoria das representações sociais.

As representações sociais, com substancial elaboração teórica, contribui efetivamente às ciências sociais e conseqüentemente à geografia, principalmente a de cunho humanista-cultural e social; como diz Kozel (2007, p.136), ressaltando as representações advindas dos os *mapa mentais*, pontuando que, estas caracterizam-se como aporte significativo, pois podem ampliar as bases fenomenológicas geográficas, por meio de uma "*Cartografia Cultural*".

De acordo com Santos (2006, p. 185-88) o desenho e o mapa são formas de comunicação que passam a ser mais aceitos na moderna cartografia, como expressões culturais diferenciadas, pois apresentam formas inovadoras de entender as coisas. Ao desenhar, o sujeito demonstra sua percepção e representa graficamente o seu raciocínio, sensibilidade e prazer, além de recuperar e reformular

¹⁸ Pauliot, 1989 apud Bailly, 1990, p.159.

as informações do mundo filtradas subjetivamente. Nesse sentido, Muehrcke¹⁹ define “mapa como uma criação humana para representar uma parte ou o todo da realidade que ofereça um interesse espacial”.

“Pensar os mapas mentais como uma forma de linguagem nos permite ir além da referência ao lugar e ao mundo vivido cujas bases teóricas se encerram na fenomenologia”. (Kozel 2007, p.136), pois os mapas mentais como são produtos de relações dialógicas estabelecidas entre *Eu e o Outro*, e constituem-se em estudos mais amplos do indivíduo em seu meio social e cultural ao qual pertence.

As representações provenientes das imagens mentais não existem dissociadas do processo de leitura que se faz do mundo. E nesse aspecto os mapas mentais são considerados uma representação do mundo real visto através do olhar particular de um ser humano, passando pelo aporte cognitivo, pela visão de mundo e intencionalidades. A imagem de algo reflete uma construção simbólica. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo “lugar” contém para os seus moradores e visitantes está ligada, sobretudo ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo ser humano conhece o mundo que habita. (Ibidem, 2007, p.121).

2.4 ANTECEDENTES FENOMENOLÓGICOS E A GEOGRAFIA

Segundo Husserl (1996, p.8), a ciência deve partir de conexão ideal e objetiva de noemas (objetos do pensamento) e suas respectivas noesis (ato de pensar). Então, se diz que, cada noema oferece várias possibilidades em relação às noesis manifestadas por seus respectivos indivíduos.

“A fenomenologia é comparável ao Cartesianismo (...). A semelhança cartesiana de uma *Mathesis Universalis* renasce em Husserl.; (...) ela quer saber onde tem apoio esse conhecimento científico. É este o ponto de partida, a raiz que ela procura conhecer, os dados imediatos do conhecimento. Kant pesquisava já as condições a priori do conhecimento, mas esse a priori prejudica a solução. A fenomenologia rejeita até mesmo tal hipótese. Daí seu estilo interrogativo, seu radicalismo, seu inacabamento essencial.”(Lyotard, 1967, p.08)”.

A unidade entre o ato de conhecer e o objeto que é conhecido encontra na fenomenologia, na ciência do fenômeno, isto é, da consciência enquanto manifestação de si mesma e das significações objetivas. (...) É nesse ponto que o papel da fenomenologia se destaca: cabe a ela distinguir, revelar o que há de essencial na percepção, na recordação, na imaginação. (Husserl, 1996, p.8-9).

¹⁹ Muehrcke, 1972 apud Santos, 2006, p.188.

A *percepção fenomenológica* coloca-se em momento precípua no que concerne ao conhecimento. O momento seguinte é o do registro dos fenômenos, colocando-se no lugar de suposta explicação racionalista. Isto é, as coisas: fatos, eventos e objetos, não são prescritivamente colocados, mas são descritos de acordo com os instrumentos materiais e imateriais de cada um, buscando a essência das coisas.

Em Gomes (1996, p.122-3), Husserl menciona que as *experiências vividas no mundo* são dirigidas pela consciência, a qual pode ser experienciadas por outros sujeitos e materializadas através da comunicação entre os mesmos. Aí é que entra a redução fenomenológica, introduzida pela experiência vivida. Então, à volta das coisas, ou essência das coisas consideram o fator cultural como elemento condutor das relações dos sujeitos e dos objetos, passando pela descrição e interpretação de seus significados pelo sujeito que observa e percebe seu mundo.

Esta é a contribuição deste método, que direcionado para o *espaço vivido*, pode auxiliar na organização epistêmico-metodológica e científica da geografia assentada na *fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty, principalmente, quando trata do espaço, mundo natural e mundano, como uma possibilidade a ser explorada na geografia humanista cultural.

Holzer (1997, p.11) exalta a pioneira participação de Relph, em relação à importância da fenomenologia para os interesses da geografia e sua elaboração epistemológica que de acordo com suas colocações poderia, a mesma, concentrar todos os geógrafos que se ocupam da subjetividade espacial, sem estar na vereda comportamentalista. Ele continua seu pensamento dizendo, “O método fenomenológico seria utilizado para se fazer uma *descrição rigorosa do mundo vivido* da experiência humana e com isso, através da intencionalidade, reconhecer as essências de estrutura perceptiva”. (Holzer 1997, p.11-2).

Esta visão foi reforçada por Buttimer que publica “Grasping the dynamism of Lifeworld” (Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido); sugerindo princípios fenomenológicos existencialistas, como a *intencionalidade e o mundo vivido*, à serem introduzidos nos estudos geográficos. Ainda nessa vertente, pode-se citar Lowenthal que se preocupa com o “Meio pessoalmente apreendido”.

Segundo Gomes (1996, p. 310-13), as mudanças na geografia proporcionada pelo humanismo destaca o método hermenêutico, que no caso da geografia,

concentra-se em certo tipo de arte de interpretar textos literários por meio da observação, análise e interpretação do espaço.

Portanto, a geografia pode se utilizar de *textos descritivos* para a interpretação dos ambientes, que se materializam com suas ações observando as elaborações simbólicas e representacionais dos lugares vividos descritos pelos indivíduos. E por falar em descrição do indivíduo, Spósito (2004, p.34-38) une considerações sobre o texto e o sujeito que descreve, e faz menção ao método fenomenológico-hermenêutico, dizendo que este passa pela redução fenomenológica e a intencionalidade ultrapassando o subjetivismo através da consciência.

A geografia humanista cultural é contemplada com instrumentos metodológicos abstraídos da *fenomenologia da percepção*, sustentada pelas experiências vividas no palco das manifestações sensibilizadas pelos sentidos, estimuladas pelo meio que condiciona os objetos, e forma o espaço construído na ligação perceptiva do sujeito do qual o interior se relaciona com o exterior que é acima de tudo, uma mútua existência presencial do sujeito e objeto, interagindo e criando a percepção do mundo vivido.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela se pressuposta por eles. Um mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é um meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (Merleau-Ponty, 1999, p.6)

O *sujeito da percepção* é desconsiderado no pensamento objetivo. O ser que percebe é parte das coisas e não consegue desvencilhar-se das mesmas. A percepção de mundo realizada fenomenologicamente, segundo Merleau-Ponty (1999, p.03), é uma reflexão de segunda mão,²⁰ realizada nos moldes da ciência clássica, ao mesmo tempo em que tenta ampliar as faculdades intervencionistas do humano no mundano, e perceber o quanto de humano está no mundo, e se, existe equivalência entre um e outro. No entanto, o conhecimento científico não consegue, ou não quer fazer valer a subjetividade humana, e para justificar este ato, diz que, não se pode fazer conhecimento científico usando do sentimento e da emoção.

Em relação ao espaço, Merleau-Ponty (1999, p.328) afirma que, ele não é sustentáculo dos objetos ambientais (reais ou lógicos), mas sim o meio que

²⁰ Merleau-Ponty (1999, p. 03) “diz que o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido.” Ela é “expressão segunda”, portanto de segunda mão.

possibilita a posição destes objetos. Por outro lado, tudo se reporta às inter-relações orgânicas do ser que pensa, e seu espaço, que caracteriza o poder do sujeito sobre a natureza dando origem à mesma, pois o próprio nascimento do interior do sujeito é marcado pela percepção e pelo espaço que estabelece a relação perceptiva precípua, sendo anterior a sua consciência de mundo.

Pode-se dizer que, a percepção apresenta-se como elo entre o mundo das representações e o mundo a ser representado. Neste sentido, diz-se que a geografia e seus interesses, são sustentados por essas teorias, que destacam o mundo racional, pré-concebido, e o mundo percebido, o qual é sentido e identificado em seu cotidiano vivido.

Na introdução da Poética do Espaço, Bachelard (2003, p.19) destaca temas que mais tarde seriam empregados na geografia humanística de Yi-Fu Tuan e podem ajudar na sustentação e explicação de conceitos como: topofilia e topoanálise, as quais podem se adaptar aos conhecimentos geográficos, caracterizando-se como: espaço percebido, espaço vivido, ou simplesmente lugar, que representa muito bem a essência deste estudo. Isto, é evidenciado pelas idéias bachelardianas quando lembram que:

[...] as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereciam o nome de Topofilia. Visam determinar o valor humano dos espaços de posse dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. (Bachelard, 2003, p.19).

Segundo Tuan (1980, p.05), o termo topofilia é a ligação afetiva entre o sujeito e o lugar ou a natureza. As manifestações são de várias ordens, evoluindo principalmente a estética ou sentimentos estéticos, assim como sensações e sentimentos relacionados ao meio ambiente mais próximo. Por outro lado, a topofilia pode perder para outras percepções, mas o lugar apresenta-se como símbolo mais forte aos sentimentos e emoções, servindo como motivo e veículo para os mesmos.

Tuan (1983, p.84-5), relata que, de forma geral, a absorção espacial está ligada a capacidade de abstrair e fazer conexões com outros espaços. As pessoas, por meio de seus sentidos corporais, estabelecem relações espaciais. Contudo, o espaço só se transforma em lugar a partir de seus motivos significativos. Neste sentido, é perfeitamente possível descrever o meio que se vive, topofilicamente, sem se reportar diretamente aos conceitos espaciais.

Nesse sentido, *o aluno, sujeito da percepção*, por meio de canções pode organizar conteúdos geográficos, pois suas expressões culturais, constantes nas melodias trazem detalhes dos elementos da natureza e da sociedade, os quais entram em seu saber a partir do momento de sua percepção. As canções oferecem texto estruturado, poético e temático, além de outros elementos que ajudam na ressignificação e valorização dos conteúdos trabalhados.

2.5 AS REPRESENTAÇÕES INDIVIDUAIS E COLETIVAS DO SUJEITO ENQUANTO ATOR GEOGRÁFICO E SOCIAL

O aluno, em seu dia-a-dia na sala de aula e em seu lugar de morada, atua, e enquanto sujeito adquire status de ator (social e geográfico), realizando papéis no campo individual e social, os quais determinam seu comportamento e ação.

Figura 3 – Homem (aluno): Ator Geográfico e Social

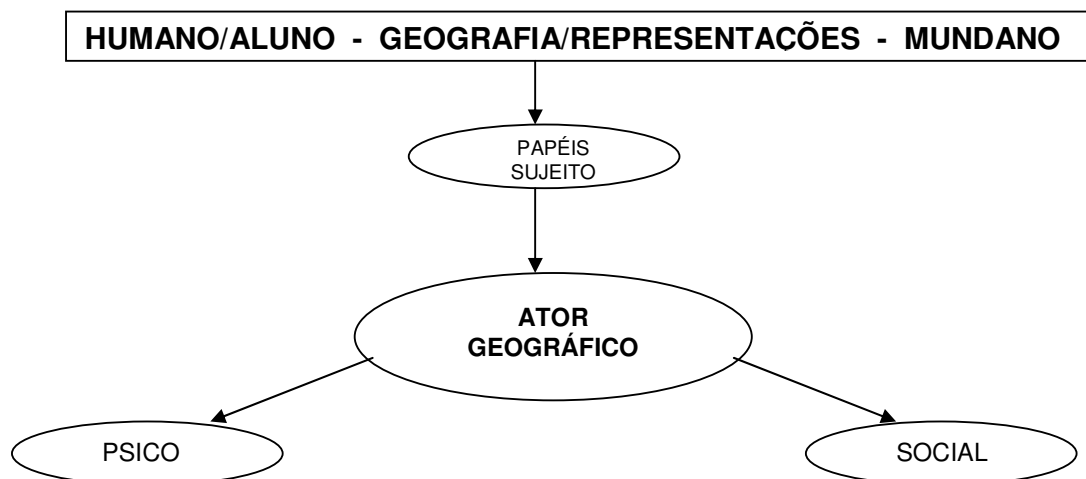


Figura 2 - Organizada pelo autor, neste

Bailly (1995, p. 158). Diz que: *“O homem é ator geográfico”* e que o lugar é seu espaço de vida. Todas as relações aí se misturam numa trama de ligações que veiculam nossos sentimentos pessoais, nossas memórias coletivas e nossos símbolos. Basta uma *emoção e uma lembrança* para conceber o mundo vivido.

Em texto que trata da música popular na geografia, Kong (1995, p. 183-98), lembra as palavras de Lull²¹, que diz: a música é "uma forma única de expressão simbólica". Ela é um meio através do qual as pessoas expressam suas experiências ambientais e enriquecem seus conceitos espaciais. Contudo, se geógrafos estão agora profundamente empenhados na investigação sobre as questões ambientais de diferentes maneiras, músicos também manifestaram preocupações semelhantes. Nos últimos anos, a música tem vindo a levar mensagens sobre a consciência e proteção ambiental, como assinala Mather²², (tradução nossa).

No que concerne a representação do indivíduo, – ator – Goffman (1999, p.230-31) diz que, o mesmo possui tacitamente dois papéis divididos simultaneamente: no caso do ator (personagem/figura), que por sua vez lhe é determinado um script enfático que o leva a tarefa humana de encenar uma representação. Ele diz que, na sociedade moderna, o personagem que uma pessoa representa e o próprio indivíduo, pode ser unidos formando um indivíduo-personagem.

Não é provavelmente um mero acidente histórico que a palavra 'pessoa', em sua acepção primeira, queira dizer máscara. Mas, antes o reconhecimento do fato de que todo homem está sempre e em todo lugar, mais ou menos conscientemente, representando um papel... É nesses papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nesses papéis que nos conhecemos a nós mesmos. (...) Entramos no mundo como indivíduos, adquirimos um caráter e nos tornamos pessoas. (PARK, 1950, p.249-50 apud GOFFMAN, 1999, p.27).

Os alunos dos grupos A e B assumem seus papéis de *atores geográficos*, que prescipientemente, se apresentam como *peçoas*, as quais trazem consigo duas atuações imprescindíveis: a do sujeito individual e do sujeito social, os quais, respectivamente, desempenham vários papéis, tanto na natureza como na sociedade. Contudo, no papel sujeito individual, prevalece representações mentais internas e subjetivas; no sujeito coletivo prevalecem as representações sócio-geográficas externas e intersubjetivas.

A sala de aula é local onde se acirram questões grupais, e afloram as percepções e representações. Sendo assim, os adolescentes constituem grupo social que tem na música uma de suas principais manifestações culturais e maneiras de representar suas conquistas e pensamentos, pois, a canção seja pela sua

²¹ Lull, 1987, p. 141-2 apud Kong, 1995.

²² Presidente da Associação de Geógrafos Americanos (1992).

melodia, harmonia, ritmo e sua mensagem textual ou imagética, estimula a participação individual e coletiva.

Algumas observações pertinentes são estabelecidas por Jodelet, em relação as representações sociais, como:

A representação social é sempre representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito); (...) tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significações) (...) atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito (...) o sujeito é então considerado de um ponto de vista epistêmico (...) o sujeito é considerado de um ponto de vista psicológico. Mas a particularidade do estudo das representações sociais é o fato de integrar na análise desses processos a pertença e a participação, sociais ou culturais, do sujeito. (...) Ela também pode relacionar-se à atividade mental de um grupo ou de uma coletividade, ou considerar essa atividade como o efeito de processos ideológicos que atravessam os indivíduos. (Jodelet, 2001, p.27-28).

Para situar o estudo das representações é interessante assinalar que, Durkheim, segundo FARR (2003, p.35-36), fez diferenciação em relação ao estudo das representações sociais e individuais, pois o primeiro estaria para a sociologia enquanto que o outro seria domínio da psicologia. Nesse sentido, distingue a interação entre indivíduo moldado pelo social e o indivíduo propriamente dito, reforçando os preceitos durkheimiano, os quais se manifestaram contrários a uma psicologia do indivíduo, mas, não se opõe a uma psicologia social.

Neste sentido, as *representações* se prestam a *elaborações mentais de objetos externos*, pois, além disso, as manifestações representacionais necessitam do mundano, e do outro (pessoa) para suas realizações. De acordo com Moscovici (1976 apud Moscovici, 2005, p.21), a representação pode ser considerada um sistema de valores, pensamentos e práticas, exercendo dupla finalidade: inicialmente, imprime uma ordem que dá condição dos sujeitos; orientarem-se em seu dia-a-dia material e controlá-lo, na seqüência, possibilita comunicação entre os indivíduos participantes de determinada comunidade, codificando e classificando as várias formas de seu mundo e de sua história individual e social.

Moscovici (2005, 32-36), diz que as representações podem acontecer porque estas vem de coisas realizadas do homem para o homem, assim elas são convencionadas e significadas. Então se diz: ninguém está isento das condicionantes prévias determinadas pelas representações, pela linguagem e pela cultura. As idéias são organizadas através de uma linguagem a qual se estrutura em nosso pensamento, os quais determinam e condicionam nossas representações.

Atualmente, a linguagem lógico-matemática faz parte do âmbito das ciências clássicas; trocou signos por palavras e equações por proposições. “O mundo de nossa experiência e de nossa realidade se rachou em dois e as leis que governam nosso mundo cotidiano não possuem, agora, relação direta com as leis que governam o mundo da ciência” (Ibidem, 2005, p. 47). Nesse sentido, ocorre separação entre o conhecimento científico e conhecimento advindo do senso comum.

Segundo Jovchelovith (2003, p.75-78), os símbolos têm a capacidade de codificar e decodificar, portanto, criam objetos representados rearticulando a realidade presente, pois promovem ações simultâneas de objetos e sujeitos advindas de realidades pretéritas dos mesmos objetos e sujeitos. A autora diz que: “através de símbolos, coisas diferentes podem significar umas as outras e podem mergulhar umas nas outras; eles permitem uma variabilidade infinita, e, ainda assim, são referenciais. Assim, é da essência da atividade simbólica” (Ibidem, 2003, p.75).

Minayo (2003, p.95-96), relembra a contribuição significativa de Schutz²³ na pesquisa social qualitativa. Ele une a sociologia e a fenomenologia em torno das representações sociais; emprega o ‘senso comum’ nas representações sociais do dia-a-dia, e considera que as significações e elaborações mentais formam representações da realidade denominada de ‘constructo’ de segunda ordem.

Minayo (2003, p.96-97), coloca que a quantidade e a natureza das experiências vividas pelo ator social dependem de seu histórico ou ‘situação biográfica’. Logo, o conhecimento de cada ator social vem de sua experiência. Isto permite que o conhecimento seja elaborado por meio da tipificação dos constructos do senso comum, que permite a compreensão do estudo específico de cada grupo social.

Segundo Calderano (2001), Schutz não se coloca contra a possibilidade de desvelamento da realidade. Mas, ao ser atingida, não significa que se obteve o conhecimento do mundo da vida. Este não é alcançado por meio das ciências lógico-matemáticas, ou da pura experiência do dia-a-dia. O *mundo da vida* também é cheio de *sonhos e imaginação* que, mesmo explicados pela ciência, mostram-se mais significativos do que o conhecimento sistematizado por ela. Nesse sentido, Schutz afirma que, o mundo da vida constitui-se como realidade primária e revela

²³Schutz 1982, apud Minayo, 2003, p.95.

que a *concepção do saber* é uma dimensão própria do sujeito situado no mundo. Por sua vez, Tuan diz “que a visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social” (Tuan, 1980: 4-5).

De acordo com Moreno (1997, p.84-5), as representações podem ser alteradas pelo ser que sente, pensa, interage e se emociona; por meio do ato criativo advindo do indivíduo, mesmo com muita interferência e irregularidades do mundo exterior, consagrado na sociedade.

Ela diz que, um mundo de significados é elaborado pelo sujeito na sua relação com os outros em seu mundo. Por outro lado, as representações liberam manifestações simbólicas que são fragmentos de realidade social acionados pela ação criadora de sujeitos sociais, os quais agem, ressignificando seus conceitos e idéias em sua vida.

Quanto ao resgate da emoção e ressignificação de conteúdo geográficos em seu ensino, pode-se dizer que, e as atuações do aluno, enquanto ator geográfico e social precisam de percepção e representação em seu espaço de vivência. Por isso, os elementos musicais, servem à essa empreitada, pois trazem símbolos, palavras e idéias que dinamizam as concepções signo-imagéticas e colaboram para as sistematizações didático-pedagógicas.

Na prática, a linguagem musical, assentada na emoção e na razão, oferece essa condição, ou seja, funciona como elo entre os mundos – real e imaginário – e as pessoas. Esta forma de comunicação atinge, com maior facilidade, os jovens de modo geral e em particular os grupos, motivos deste trabalho.

CAPÍTULO III

A GEOGRAFIA ESCOLAR E A MÚSICA: ATITUDE FENOMENOLÓGICA E REPRESENTAÇÕES SÓCIO-GEOGRÁFICAS NO ENSINO

*“O universo não é feito de matéria, mas sim, de música”
(Eisenberg, W. K.)*

3.1 A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Pontuschka (1999, p.111-2) relata que a geografia enquanto disciplina escolar concentra-se na dinâmica dialética da realidade da sala de aula e do ambiente escolar, assim como, entre as modificações históricas da produção geográfica nos meios científicos e as diversas ações governamentais, materializadas nos guias, propostas curriculares, parâmetros curriculares nacionais, entre outros.

Neste sentido as orientações curriculares brasileiras encaminham-se em tendência mundial direcionada, pela UNESCO, a qual evidencia elementos de *vivência cotidiana e local dos indivíduos*, portanto, indicando um resgate cultural das pessoas, em contexto globalizante, privilegiando ordem econômica instituída pelo capitalismo. Sendo assim, o ensino deve ser, além de crítico e reflexivo; criativo e flexível, pois o aluno deve estar preparado para administrar as diversas e distintas modificações em sua vida.

Nesse sentido, a educação formal brasileira enfrenta grande desafio de difícil solução. Por um lado, existe a necessidade de exercitar a reflexão lógica e racional; em contra partida, estimular a capacidade criativa e afetiva dos educandos. Têm-se de um lado, o rigor mental e intelectual, versus a subjetividade, emoção e liberdade de expressão, portanto, é preciso descobrir o equilíbrio entre eles. Nesse sentido os PCNs indicam que:

Como expressão do tempo contemporâneo, a estética da sensibilidade vem substituir a da repetição e padronização, hegemônica na era das revoluções industriais. Ela estimula a criatividade, o espírito inventivo, a curiosidade pelo inusitado, a afetividade, para facilitar a constituição de identidades capazes de suportar a inquietação, conviver com o incerto, o imprevisível e o diferente. (...) Por esta razão, procura não limitar o lúdico a espaços e tempos exclusivos, mas integrar diversão, alegria e senso de humor a dimensões de vida muitas vezes consideradas afetivamente austeras, como a escola, o trabalho, os deveres, a rotina cotidiana. Mas a estética da sensibilidade quer também educar pessoas que saibam transformar o uso do tempo livre num exercício produtivo porque criador. (...), a estética da sensibilidade é um substrato indispensável para uma pedagogia que se quer brasileira, portadora da riqueza de cores, sons e sabores. (BRASIL, 1999, p.75-6).

Por sua vez, para o ensino de geografia, os PCNs e as Orientações Curriculares Nacionais e as DCE do Estado do Paraná, destacam o *cotidiano*, o indivíduo em seu *espaço de vivência*, assim como a sua *identidade cultural, imaginação e criatividade*, como componentes imprescindíveis no fazer pedagógico geográfico.

Estas colocações evidenciam aprendizagem significativa, quando a referência do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula e quando se considerar o conhecimento que o aluno traz consigo, a partir de sua vivência. Pois, a construção do conhecimento, por esse sujeito ativo, se realiza a partir do cotidiano de seus lugares.

Então, para articular o diálogo entre a didática (o pensar pedagógico) e a epistemologia (o pensar geográfico), este trabalho diz que: antes de pensar, sentimos, e primamos pela liberdade. Evidencia-se que, para se atingir o humanismo na sua plenitude, tem-se que levar em consideração o individual e o coletivo em condição unívoca e equivalente.

Por isso, é fundamental estabelecer no processo de construção de conceitos, o conhecimento prévio, mas irrisado²⁴ subjetivamente e objetivado intersubjetivamente, iniciado no individual e completado no coletivo. Na prática, professor e aluno construiriam a ação didática, assentada na realidade, que destaca de forma perceptiva, representacional, crítica e criativas, as individualizações regionais, culturais, econômicas e ambientais de cada indivíduo em seu respectivo lócus.

Pode-se dizer que a geografia escolar, nos últimos anos, no Brasil e, principalmente, no Estado do Paraná, está sendo conduzida pelos ditames do humanismo, convertido em uma “geografia crítica”.

Isto é evidenciado na Orientações Curriculares para o Ensino Médio que diz: “é preciso ter clareza de que o local é influenciado pelo global, (...) particularidades e singularidades dos lugares, sendo o movimento do particular para o geral e do geral para o particular um dos fundamentos do método de análise da geografia crítica”. (BRASIL, 2008).

No Paraná as discussões sobre a emergente Geografia Crítica, como método e conteúdo de ensino, ocorrem no final da década de 1980 em cursos de formação continuada e discussões sobre reformulação curricular promovidos pela Secretaria de Estado da Educação, que publicou, em

²⁴ Sentido, pensado, criado e recriado.

1990, o Currículo Básico para a Escola Pública do Paraná. (PARANÁ, 2006).

No caso específico da geografia, a ser ensinada na escola, o Estado do Paraná optou pela vertente crítica,²⁵ de cunho marxista.

Assim, desde o início dessa Gestão 2003-2006, estabeleceu-se como linha de ação prioritária da SEED retomada da discussão coletiva do currículo. A concepção adotada é de que o currículo é uma produção social, construída por pessoas que vivem em determinados contextos históricos e sociais; portanto, não almejamos construir uma proposta curricular prescritiva, mas uma intervenção a partir do que está sendo vivido, pensado e realizado nas e pelas escolas. (PARANÁ, 2003/04, s/p).

O conhecimento se reelabora nas representações anteriores e sob a pressão de um conflito cognitivo organizado em conceitos; visto que estes são imprescindíveis à ciência.

Um conceito é a representação das características gerais de cada objeto pelo pensamento. Nesse sentido, conceituar significa a ação de formular uma idéia que permita, por meio de palavras, estabelecer uma definição, uma caracterização do objeto a ser conceituado. Tal condição implica reconhecer que um conceito não é o real em si, e sim uma representação desse real, construída por meio do intelecto humano. (BRASIL-PCNs, 1999, p, 24).

Os conceitos cartográficos (escala, legenda, alfabeto cartográfico) e os geográficos (localização, natureza, sociedade, paisagem, região, território e lugar) podem ser perfeitamente construídos a partir das práticas cotidianas. Na realidade, trata-se de realizar a leitura da vivência do lugar, em relação com um conjunto de conceitos que estruturam o conhecimento geográfico, incluindo as categorias espaço e tempo.

Adquirir competências e habilidades, para ler os fenômenos geográficos, requer saber utilizar a cartografia e a capacidade para elaborar mapas mentais, para leitura e uso de plantas cartográficas e mapas temáticos. Bem como, a observação, descrição, comparação e análise dos fenômenos observados na realidade, e descritos subjetivamente, transformam-se em habilidades intelectuais mais complexas e completas.

Sendo assim, a aprendizagem será mais significativa, quando o referencial do conteúdo estiver presente no cotidiano da sala de aula e quando se considerar o conhecimento que o aluno traz consigo, a partir da sua vivência, uma construção do conhecimento por esse sujeito ativo.

²⁵ Revelada nos documentos didático-pedagógicos emitidos pela SEED-PR, e visível também, por exemplo, nos livros didáticos e nos textos geográficos.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, sintetizam toda a estrutura brasileira do ensino de geografia, em três quadros, que trazem aspectos importantes à avaliação e possível utilização à pesquisa ora realizada. Pois, estes tratam de temas, conceitos e categorias geográficas compatíveis ao espírito humanista, de ordem fenomenológica e das representações sociais. Para tanto, passamos a analisar e comentar estes aspectos curriculares e sugerir algumas incursões retiradas dos quadros mencionados constantes nos PCNs e Orientações Curriculares, oriundas da (SEB) Secretaria de Educação Básica Nacional.

Este primeiro quadro traz informações sobre teorias categorias e conceitos geográficos, além dos termos: competências e habilidade, os quais ordenam, classificam e determinam propostas ao ensino de geografia em seu Nível Médio. É interessante destacar que estas nomenclaturas, ou seja, competências e habilidades são utilizadas para todas as disciplinas, e passaram a ser usadas a partir da última Lei da Educação Nacional, a LDB 9394/96.

Quadro 9: Competências e Habilidades para a Geografia no Ensino Médio

COMPETÊNCIAS	HABILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de operar com os conceitos básicos da geografia para análise e representações do espaço em suas múltiplas escalas. • Capacidade de articulação dos conceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Articular os conceitos da geografia com a observação, descrição, organização de dados e informações do espaço geográfico considerando as escalas da análise. • Reconhecer as dimensões de tempo e espaço na análise geográfica.
<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de compreender o espaço geográfico a partir das múltiplas interações entre sociedade e natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar os espaços considerando a influência dos eventos da natureza e da sociedade. • Observar a possibilidade de predomínio de um ou de outro tipo de origem do evento. • Verificar a inter-relação dos processos sociais e naturais na produção e organização
<ul style="list-style-type: none"> • Domínio de linguagens próprias à análise geográficas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os fenômenos geográficos expressos em diferentes linguagens. • Utilizar mapas e gráficos resultantes de diferentes tecnologias. • Reconhecer variadas formas de representação do espaço: cartográfica e tratamentos gráficos, matemáticos, estatísticos e iconográficos.

<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de compreender os fenômenos locais, regionais e mundiais expressos por suas territorialidades, considerando as dimensões de espaços e tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender o papel das sociedades no processo de produção do espaço, do território, da paisagem e do lugar. • Compreender a importância do elemento Cultural, respeitar a diversidade étnica e desenvolver a solidariedade. • Capacidade de diagnosticar e interpretar os problemas sociais e ambientais da sociedade contemporânea.
<ul style="list-style-type: none"> • Estimular o desenvolvimento do espírito crítico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Capacidade de identificar as contradições que manifestam espacialmente, decorrentes dos processos produtivos e de consumo.

Fonte: BRASIL/MEC-Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Geografia, p. 45, v. 3.

Em relação às competências, quando se diz da capacidade de operar os conceitos básicos de geografia, bem como suas respectivas habilidades, à saber: articular conceitos, observar, descrever, organizar o espaço, reconhecer escalas; fazemos uma pequena ressalva para dizer que, esta forma de trabalho, em sala de aula, acaba cansando o aluno tolhendo-o a imaginação, a emoção e a criação no trato destes conceitos.

O segundo aspecto, em relação as competência e habilidades, referentes a geografia no ensino médio, diz respeito as inter-relações sociedade e natureza, assim como a respectiva organização espacial em decorrência deste processo. Aqui, se propõe uma aproximação mais direta do indivíduo com o seu lugar, para depois buscar uma relação mais abrangente envolvendo a sociedade e a natureza.

Os dois últimos aspectos tratam da cultura e contradições, os quais se aplicam, através da ação de cada indivíduo em seu respectivo grupo. Sem a busca de impressão particular fica, incompleta as observações e análise espaciais, principalmente no campo educacional, o qual não se preocupa, apenas, com a reprodução do conhecimento, mas também assume o papel de formação integral do indivíduo em seu respectivo grupo social.

Quadro 10: Conceitos estruturantes e articulações

CONCEITOS	ARTICULAÇÕES
<ul style="list-style-type: none"> • Espaço e Tempo 	<ul style="list-style-type: none"> • Principais dimensões materiais da vida humana • Expressões concretizadas da sociedade. • Condicionam as formas e os processos de apropriação dos territórios. • Expressam-se no cotidiano caracterizando os lugares e definindo e redefinindo as localidades e regiões.
<ul style="list-style-type: none"> • Sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> • Consideradas as relações permeadas pelo poder, apropria-se dos territórios (ou espaços específicos) e define as organizações do espaço geográfico em suas diferentes manifestações: território, região, lugar. • Os processos sociais redimensionam os fenômenos naturais, o espaço e o tempo.
<ul style="list-style-type: none"> • Lugar 	<ul style="list-style-type: none"> • Manifestação das identidades dos grupos sociais e das pessoas. • Noção e sentimento de pertencimento de certos territórios. • Concretização das relações sociais verticais e horizontalmente.
<ul style="list-style-type: none"> • Paisagem 	<ul style="list-style-type: none"> • Expressão da concretização dos lugares, das diferentes dimensões constituintes do espaço geográfico. Pelas mesmas razões já apontadas, não limitaria a paisagem apenas ao lugar. • Permite a caracterização de espaços regionais e territoriais considerando a horizontalidade dos fenômenos.
<ul style="list-style-type: none"> • Região 	<ul style="list-style-type: none"> • Região se articula com território, natureza e sociedade quando essas dimensões são consideradas em diferentes escalas de análise. • Permite a apreensão das diferenças e particularidades no espaço geográfico.
<ul style="list-style-type: none"> • Território 	<ul style="list-style-type: none"> • O território é o espaço apropriado. Base da região. • Determinação das localizações dos recursos naturais e das relações de poder. • A constituição cotidiana de territórios tem como base, as relações de poder e de identidade de diferentes grupos sociais que os integram, por isso eles estão inter-relacionados com conceitos de lugar e região.

Fonte: BRASIL/MEC-Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Geografia, p.53, v. 3.

Este quadro traz os conceitos estruturantes e suas respectivas articulações, constantes nas orientações mencionadas. Como visto, segue padrão humanista de ordem crítica, mas pelo exposto, pode-se acrescentar princípios fenomenológicos e aproximação hermenêutica e artística, a qual será evidenciada mais adiante. No

caso do tempo e do espaço o que chama a atenção é o destaque para o lugar, território e região, impressões identitárias reforçando as manifestações sociais.

Fazendo paralelo com a fenomenologia, pode-se dizer que esta é de grande valia, pois as impressões subjetivas dos lugares, região e território auxiliam nas apreensões topofílicas e estéticas dos mesmos, ampliando suas configurações representacionais.

Em relação à sociedade, diz-se que ela redimensiona os fenômenos naturais.. No caso da paisagem – expressão da concretização e ampliação estética dos lugares –, pode-se coletar, através de sua apreensão física o sentido material e emocional deste, que associado ao território, completa a estrutura fenomenológica e representacional.

Quadro 11: Eixos de Área

<ul style="list-style-type: none"> Área 	<ul style="list-style-type: none"> Analisar, construir e aplicar conceitos geográficos, bem como das áreas afins, para a compreensão de fenômenos naturais, de processos geo-históricos, da produção tecnológica, das manifestações culturais artísticas.
	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer a importância e o significado do lugar como espaço de vivência cotidiana dos homens e instrumento de estudos e análise da realidade para perceber a capacidade e as potencialidades de ação de cada indivíduo no exercício da cidadania.
	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer os processos de mundialização dos espaços e a constituição das novas regionalizações.
	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer e perceber o papel dos meios de comunicação na atual configuração do espaço e do tempo.
	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer e utilizar a cartografia como linguagem nos diversos temas geográficos.

Fonte: BRASIL/MEC-Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Geografia, p.56, v. 3.

O terceiro quadro mostra os eixos de área, as quais sugerem a construção e aplicação dos conceitos geográficos e suas áreas afins, assim como reconhece a importância do significado do lugar como espaço de vivência cotidiana, reforçando a capacidade e potencialidades individuais. Assim como destaca a importância dos

meios de comunicação e também as diversas linguagens, principalmente a linguagem cartográfica.

Observando os eixos de área, do quadro acima, pode-se dizer que estes poderiam ser complementados com a abordagem fenomenológica, pois esta oferece elasticidade epistemológica suficiente a algumas adaptações que podem enriquecer a disseminação dos conteúdos geográficos praticados nas turmas A e B.

Os PCNs e as DCEs, realçam a intervenção do educando no processo ensino-aprendizagem e destaca a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, a utilização de novas abordagens e o uso de novas linguagens, entre elas a bem recomendada, linguagem artística (neste caso, música/canções), realizadas através da percepção, sensibilização, criação e elaboração estética, as quais auxiliam na elaboração de abordagem didáticas e metodológicas no ensino de geografia.

3.2 A MÚSICA NO ENSINO: COMUNICAÇÃO E FUNÇÃO PEDAGÓGICA

Segundo Sekeff (2002, p.148-149), apreciar a música é interpretar o mundo, externo e interno. Ela não é simples decodificação de símbolos; só adquire sentido quando penetramos em seu conteúdo, e sua dimensão será maior a medida da capacidade que o ouvinte tem de interpretar o seu mundo.

Esta é a principal capacidade atribuída à música/canção neste trabalho, ou seja, levar o educando a interpretar e representar o mundo em que vive. Pois como diz Wisnik, “ a música ensaia e antecipa aquelas transformações que estão se dando, que vão se dar, ou que deveriam se dar, na sociedade.” (Wisnik, 1999, p.13).

A música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam, enquanto outras nos atingem diretamente – e podem até mesmo transmitir significados concretos. “O cérebro de todo ser humano se interessa muito por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado”, explica Stefan Kölsch, do Instituto Max Planck de Ciências Cognitivas e Neurológicas, em Leipzig. Kölsch investiga a ligação entre a música e a fala. O músico e psicólogo descobriu que o cérebro não faz grande diferença entre as duas: ambas são trabalhadas na mesma região. (Schaller, 2005, 64-9)

A música, de acordo com Ferreira (2005, p. 17), é, além da arte dos sons, uma maneira de comunicação e interação entre as pessoas. Ela remonta os

primórdios da humanidade, por outro lado, o próprio ato da comunicação verbal se manifesta por meio de combinações sonoras.

A música, som ordenado, assim como é uma linguagem universal também é uma linguagem por meio da qual uma idéia é mais bem difundida ao longo dos tempos (...). Com a música, é possível ainda despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina alvo. (...). A música é por essa razão, um tipo de expressão humana dos mais ricos e universais e também dos mais complexos e intrincados. (Ferreira, 2005, p.9-13).

Swanwick (2003, p.18-22) destaca que a música, presente em todas as culturas em seus respectivos tempos e lugares; com seu discurso, elementos simbólicos e sonoridade, é importante para o ensino, pois, favorece a comunicação de idéias acerca de nós mesmos e dos outros. E acrescenta que, ela é: “caminho de conhecimento de pensamento e sentimento.” (Ibidem, 2003, p.23).

Como evidenciado no meio educacional, os aprenderes: conhecer e fazer estão mais presentes na cultura ocidental; em contrapartida os aprenderes: *viver e ser* carecem de mais atenção. A música, na educação formal, pode unir a emoção e a razão enriquecendo o processo ensino-aprendizagem por meio de elementos culturais, artísticos e estéticos, provocando ressignificação, resgate e valorização dos conteúdos escolares geográficos.

O pensamento de Kant, lembrado em Galeffi (1986, p.263), diz que a educação é uma arte, mas, deve ser organizada de forma sistemática e científica, balizada por princípios de disciplina (moral), pois esta é o freio da natureza selvagem; promoção da instrução geral e da cultura, amparadas pela: leitura, escrita e *música*, entre outras.

Atualmente algumas teorias relacionadas ao processo ensino-aprendizagem apresentam-se diferenciadas em relação as tradicionais²⁶, pois partem de outros parâmetros no estudo das apreensões cognitivas. É o que diz Gardner (1994, p.76-81) – o idealizador das Inteligências Múltiplas – quando comenta que, no ato da linguagem, sempre está presente o trato vocal e mensagem auditiva, mesmo sendo ela transmitida de forma escrita ou gestual. Ele acredita que os elementos auditivos e orais possuem papéis fundamentais na linguagem, e que esses elementos agem diretamente nas inteligências: lingüística e musical. Ao mesmo tempo, diz que a música e a linguagem humana podem ter evoluído de forma comum.

²⁶ Entende-se por teorias tradicionais de ensino-aprendizagem, aquelas que se concentram em formas lógico-matemáticas e lingüísticas, quando da produção e disseminação do conhecimento.

Segundo Campbell; Dickson, (2000, p.132), as inteligências múltiplas, acrescentam que a música é indubitavelmente uma das formas artísticas que mais tempo tem na existência humana. Utiliza-se da voz e do corpo como elementos naturais para a auto-expressão. A música, por envolver natureza sonora, pode ser vinculada biologicamente, por meio do útero materno, pois convivemos um bom período ouvindo as batidas do coração, assim como a respiração dos nossos pulmões e os movimentos mais delicados do nosso metabolismo, juntamente com os ciclos cerebrais.

Gardner (2008) ressalta as Múltiplas Inteligências, e diz que cada indivíduo é singular, e quando se trata de inteligências, cada um tem a sua e estas são diferenciadas. Ele relata que, no caso da educação: “todos nós temos tipos diferentes de mente, e o bom professor tenta se dirigir à mente de cada criança de forma mais direta e pessoal possível (...)” (Gardner, 2008). Ele diz que, o professor é um antropólogo e orientador do educando, e o ajuda a atingir seus objetivos e os objetivos idealizados pela sociedade.

No Portal Aprende Brasil, Massi (2008) diz que as expressões pensar, sentir e querer podem ser associadas a razão, sentimento e vontade. “Pelo pensar, o homem raciocina, argumenta, representa, imagina, idealiza, calcula, julga etc. A ciência, a matemática e a filosofia são seus frutos mais importantes. (...). Pelo querer, o homem age, decide, realiza, executa uma ação”. (Massi 2008). Com o sentir, o homem percebe e recebe as impressões do ambiente à sua volta e as do seu próprio mundo interior. As sensações físicas ou psicológicas, as emoções ou sentimentos maneiras de ser dessa faculdade notável. Dela acontecem as artes e a estética, a música e a poesia.

“Os aspectos associados ao corpo e ao meio ambiente estão presentes, principalmente, no domínio da faculdade de sentir. (...) Fomos levados a acreditar que o papel mais importante do educador é ensinar a pensar.” (Massi, 2008). O ensinar a sentir passou a fazer parte do trabalho dos educadores, embora não com a mesma intensidade do ensinar a pensar.

Por outro lado, a emoção é fundamental para a razão, como lembra Goleman.

As emoções, portanto, são importantes para a racionalidade. Na dança, entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando – ou incapacitando – o próprio pensamento. Do mesmo modo, o cérebro pensante desempenha uma função de administrador de nossas emoções – a não ser naqueles

momentos em que elas lhe escapam ao controle e o cérebro emocional corre solto. . (Goleman, 1995, p.18).

Nesse sentido, a linguagem musical potencializa os conceitos e representações e estimula a mediação junto aos educandos e professores, pois traz em seu cerne, além de natureza emocional e racional, a trans e a interdisciplinaridade, sugeridas nos programas curriculares do Ensino Básico em seu Nível Médio.

Quanto a sua origem, a música e sua poesia, remontam a tempos remotos e imemoráveis. Tem propósito funcionais e prove “registro contínuo em culturas orais, utilizando técnicas mnemônicas e reforçando os ritmos da métrica verbal associado aos ritmos da dança, dos instrumentos musicais e da melodia” Tomás (2002, p.46).

Nessa vereda, a autora diz que, o “próprio ato de composição era oral e a linguagem era ‘mérica’ (termo antigo correto), ou seja, própria para ser cantada. A fama do poeta baseava-se na recordação que era amparada pela música e pela dança no acompanhamento das palavras”. Tomás (2002, p.46). Ela relata que, um poema é melhor decodificado e memorável do que algo escrito em forma de prosa, sendo assim uma melodia em forma de canção é melhor fixada na mente.

Portanto, a música apresenta-se como fonte alternativa na elaboração dos conhecimentos, bem como em sua comunicação, pois esta, desde sua gênese, apresenta-se como serva das palavras e seus ritmos foram construídos para obedecer a divulgação das mensagens através da fala.

A arte musical, em forma de canções, das quais podem-se explorar textos descritivos, poéticos e narrativos, presta-se à educação. Neste sentido, pontuam-se as palavras de Fusari (1992, p.99), dizendo que ela é uma das mais instigantes e eloqüentes tarefas do ser humano. Apresenta aspectos lúdicos, auxilia nos processos perceptivos e cognitivos; transmissora e receptora de mensagens ligadas diretamente aos sentimentos humanos.

E para se aproximar dos princípios educacionais brasileiros, Gainza (1989, p.112-13), relata que: “É fundamentalmente importante que em todos os países, as autoridades educacionais sejam o suficientemente lúcidas, para poderem resgatar uma vez mais a música e colocá-la a serviço da educação, ou seja, do desenvolvimento integral do homem” Gainza (1989 p.112-13).

Dentre todas as manifestações artísticas a música foi escolhida, acompanhando o pensamento de Schopenhauer (2001, p.269), por se distinguir de

todas, sabendo-se que ela sai da questão da reprodução de uma idéia, por outro lado, é uma manifestação artística das mais elevadas, comovendo os nossos sentimentos mais profundos, ao mesmo tempo em que se torna facilmente compreensível, possui uma linguagem universal acessível que colabora eficazmente nas comunicações das intuições. Além disso, a música oferece-se como uma essência do mundo e uma essência do indivíduo, assim como apresenta grandes efeitos estéticos e sîgnicos.

Mas a música, que vai para além das idéias, é completamente independente do mundo fenomenal; ignora-o totalmente, e poderia de algum modo continuar a existir, na altura em que o universo não existisse: não se pode dizer o mesmo das outras artes. A música, com efeito, é uma objetividade, uma cópia tão imediata de toda vontade como o mundo o é, como o são as próprias idéias cujo fenômeno múltiplo constitui o mundo dos objetos individuais. Ela não é, portanto, como as outras artes, uma reprodução das idéias, mas uma reprodução da vontade como as próprias idéias. É por isso que a influência da música é mais poderosa e mais penetrante que a das outras artes: estas exprimem apenas a sombra, enquanto que ela fala do ser. E como é a mesma vontade que se objetiva na idéia e na música, embora diferentemente em cada uma das duas, deve existir não uma semelhança direta, mas, no entanto, um paralelismo, uma analogia entre a música e as idéias, cujos fenômenos múltiplos e imperfeitos formam o mundo visível. (Ibidem, 2001, p.270)

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. Os estudantes podem apreciar várias questões naturais, culturais, sociais políticas e outras, escutando canções, música clássica e outros gêneros musicais.

O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como: na expressão e comunicação, linguagem lógico-matemática, conhecimento científico, saúde e outras. Os currículos de ensino devem incentivar a interdisciplinaridade e suas várias possibilidades. (...) A utilização da música pode incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino. (Correia, 2003, p.84-85).

A importância, função e natureza da música estão presentes em todas as indicações legais e fundamentos teórico-metodológicos constantes nos documentos norteadores da educação brasileira e em suas respectivas unidades federativas, a exemplo do Estado do Paraná, o qual relata que:

A música no contexto escolar, defendida nessas Diretrizes, objetiva a educação dos sentidos e não está dissociada do lugar onde é composta e interpretada nem está desarticulada dos valores de um determinado grupo social. Exemplos disso são os textos de canções do repertório de cultos religiosos e de manifestações de cunho político e social. (Paraná-DCE, 2007, p.43).

Para a geografia, a música utilizada em forma de canções, pode além do aspecto sonoro estéticos, ser utilizada em sentido poético e imagético quando da

necessidade de comunicação textual²⁷. Auxilia nas percepções e representações materializadas em linguagens. Ela facilita a elaboração de conceitos geográficos descritos subjetivamente, e objetivados transsubjetividade por meio de trocas de informações compartilhadas.

A música apresenta-se como estímulo e inspiração didático-pedagógica, pois ameniza o tratamento pedagógico da disciplina de geografia adotada, tradicionalmente, nas escolas. Principalmente quando se trata das matérias da 1.^a Série do Ensino Médio, na qual se aborda a natureza física da geografia. Esses conteúdos são taxados de estáticos e inoperantes diante dos anseios dos educandos em relação ao ensino-aprendizagem desta disciplina.

3.2.1 A Fenomenologia e a Música no Ensino de Geografia

Um dos pontos fortes da moderna geografia cultural a partir do ponto de vista da sala de aula praticante é a sua vontade de integrar uma gama de materiais, em uma tentativa de produzir mais profunda, mais matizada e múltiplas áreas geográficas. Isso oferece oportunidades para introduzir o conteúdo geográfico que não eram considerados no passado. Nesse sentido, o trabalho ora realizado, coloca elementos metodológicos baseados em atitude fenomenológica, pois nota que o resgate do emocional no fazer pedagógico se faz necessário.

Como indicado o emocional toma acento e cumpre papel significativo no processo ensino-aprendizagem, pois favorece a aplicação dos aspectos pedagógicos e didáticos na ação educativa no ensino formal, em seu Nível Médio. Sem falar da maneira livre e valorativa, principalmente visando o indivíduo, suas vontades e práticas cotidianas em seus respectivos mundos vividos.

O Brasil e seus atributos, sua gênese e desenvolvimento, bem como sua cultura e diversas riquezas ambientais, expressa por meio dos elementos: da natureza, das paisagens, das regiões e dos lugares, possibilidades de fundamental e concreto aprendizado em sentido integral e formal, que se concretizam em

²⁷ Nesta pesquisa o texto – associado aos mapas mentais - deve ser entendido de maneira ampla, como toda a elaboração imagética interna ou imanente presente ou elaborada pelo indivíduo (aluno), externalizada em forma de gravura, desenhos, teatro, paródias; atividade em geral, produzida pelos educandos.

elementos estéticos de singular beleza as quais são *cantadas e contadas em versos e prosas*, por meio de textos musicais.

Nesta via, pode-se elaborar parceria entre o ensino e a música como agente inovador e estimulador de apreensões cognitivas da disciplina geográfica. Pois neste sentido, a música acaba sendo uma forma de se estudar o mundo. Por outro lado, ainda existe certa incompreensão em relação a esta manifestação humana.

(...) a música, observada em toda sua complexidade pela óptica do pitagorismo, constituía muito do que uma simples doutrina filosófica: ela era o substrato de uma lógica do mundo, um tipo de modelo universal para o conhecer e o sentir que, posteriormente – ao menos nas interpretações mais usuais e restritas –, foi compreendida apenas como sensibilidade (Tomás, 2002, p.83-84).

Para fundamentar cientificamente a pesquisa, optou-se pela aproximação ao método fenomenológico, o qual já tem histórico de suporte aos conhecimentos geográficos, pela sua natureza subjetiva e intencional, assim como sua relação com as coisas, objeto, sujeito e fenômenos. Na realidade, a música funcionaria como uma chave para abrir as diversas possibilidades que o aluno traz dentro de si, e que pode compartilhar com seu próximo. Este seria o primeiro passo dentro do processo ensino-aprendizagem. Na seqüência, tem-se na intersubjetividade certa dose de objetividade, também proporcionada por conteúdo musical através de comunicação materializada por trabalhos executados pelos educandos.

Mais avante, no IV Capítulo, na aplicação das atividades pedagógicas espera-se demonstrar, de forma mais clara, essas relações subjetivas, intersubjetivas e objetivas. Mas, para situação momentânea, diz-se que a subjetividade é a manifestação perceptiva individual do aluno – imaginação, sentimento/emoção e pensamento – em relação aos conteúdos e temas abordados de forma intencional disseminadas pela estrutura oficial do ensino básico constantes nos documentos norteadores educacionais brasileiros. A troca dessas impressões, materializadas nos trabalhos dos estudantes, é que possibilitam a intersubjetividade e conseqüente objetividades, que seria a materialização dos diversos trabalhos elaborados pelos alunos.

De acordo com Bicudo (1999, p.39-40) – inspirado por Husserl – existe uma conexão indissolúvel entre as pessoas e seus mundos os quais se substanciam no

temporal e no mundano²⁸. Cada homem se projeta no seu cotidiano como uma psique envolvida por psiques, que se relacionam e se equalizam entre si.

Portanto, a realidade psíquica é assentada na intersubjetividade. Neste caminho o ego é elaborado e constitui o outro. Outras culturas são colocadas em oposição ao mundo familiar e cultural do indivíduo. Isto determina relação peculiar entre o mundo físico e muitos mundos culturais, que são compreendidos através da própria cultura de cada um e sua relação com os mundos estranhos.

Acredita-se que, os elementos musicais introduzidos aos conteúdos geográficos formam cabedal metodológico e didático-pedagógico imprescindíveis a formatos mais dinâmicos, lúdicos e agradáveis ao ensino de geografia. Pois a música, pela sua expressão cultural e artística, se apresenta como suporte ao conhecimento científico. Principalmente no Ensino Médio, no qual as teorias de ensino-aprendizagem ainda não conseguiram substanciar e construir metodologicamente, medidas mais apropriadas às atividades e práticas pedagógicas.

Para tanto, nesta pesquisa, a movimentação ligando a música e a geografia afirma-se como as primeiras representações de ordem imanente; favorece uma descrição direta, pura e subjetiva do fenômeno geográfico.

De acordo com Costa (2002), o ensino de Geografia por meio de música, favorece maneiras de representar o saber elaborado pela ligação racional e emocional dos indivíduos e dos grupos humano ao meio ambiente, oferecendo interação natureza-sociedade em seu cotidiano.

3.2.2 A Linguagem Musical e as Representações no Ensino de Geografia

Uma das primeiras dificuldades, quando se fala no emprego da linguagem musical no ensino de geografia, é a escassez de indicações teórico-metodológicas, seja na pesquisa/ensino e/ou nos programas curriculares nacionais e estaduais. Sendo assim é necessário algumas adaptações, pois a música em si já é tema para estudos amplos e particulares.

O BRASIL (1997, p. 53-6) traz no PCNs de arte, colocações apropriadas ao trabalho ora desenvolvido, pois mostra a natural e evidente interdisciplinaridade

²⁸ No pensamento husserliano, o mundo natural e externo ao indivíduo.

desta com a natureza e a geografia. Inicialmente, coloca que a comunicação, expressão e interpretações de músicas provoca processo de expressão individual e grupal, dentro e fora da escola; estimula conexões com a própria localidade e suas identidades culturais em determinado contexto histórico, social e geográfico dos educandos observando suas diversidades.

As representações sociais, transferidas e adaptadas para o ambiente pedagógico traz excelente instrumental metodológico e didático-pedagógico na aplicação dos conteúdos geográficos. O apelo às representações permite enraizar os conhecimentos sobre a experiência diária dos alunos. Ela, também, oferece abertura ao pensamento racional e modelizante, porque uma representação justapõe duas funções: uma função de organização e a outra para apropriação pessoal.

De acordo com André (1990, p.213-14), as representações aparecem como um meio para apreender as divergências sociais e suas *percepções espaciais*, os quais se mostram pertinentes por meio de *representações dos alunos* – os "atores" do meio social e – no caso educacional. O professor é quem conduz os seus alunos à uma representação daquilo que é necessário saber sobre algum conteúdo.

A pedagogia e a didática não podem ignorar a lei do imaginário e isto é particularmente verdadeiro para a geografia, disciplina do imaginário espacial: não é ela representada como um convite a viajar, uma fonte de sonho para sair do cotidiano espacial? Mas um sonho freqüentemente desejado, porque o mundo enumerativo do saber sabe onde o rigor estatístico não tem mais nada a ver com as aspirações dos alunos²⁹. (Ibidem, 1990, p.13 – tradução nossa).

De modo geral, a representação em geografia, na visão destes autores, pode ser sinalizada de acordo com a representação espacial geográfica seguindo a idéia do real e por outro lado, destaca a questão da psicologia social nos moldes moscovicianos que retrata a representação social, visto que esta pode adquirir caráter pedagógico e ser adaptada e relacionada às representações no ensino.

Segundo André; Bailly (1990, p.10-13), no caso do ensino de geografia ocorre ausência de reflexões referentes ao papel das representações e do imaginário em seu circuito pedagógico. A ciência não pode se considerar soberana em relação ao

²⁹ La pédagogie et la didactique ne peuvent ignorer ce rôle de l'imaginaire et c'est particulièrement vrai pour la géographie, discipline de l'imaginaire spatial: celle-ci n'est elle pas représentée comme une invitation au voyage, une source de rêve pour sortir du quotidien spatial? Mais un rêve souvent déçu, car le monde énumératif du savoir savant ou de la rigueur statistique n'a plus rien à voir avec les aspirations des élèves.

saber. A faceta do imaginário deve estar presente na elaboração dos conteúdos científicos e pedagógicos.

Relatam também que, o imaginário ainda não é bem aceito nas elaborações científicas e no ensino, no mundo ocidental, e que isso, de certa forma, pode prejudicar a elaboração dos saberes e também dificultar a formação do psicológico e do social, desarticulando a coesão dos grupos sociais, pois afetam diretamente as resoluções simbólicas alterando as suas representações.

A intersecção das percepções (representações primeiras) fenomenológicas com as representações objetivas – nos moldes das representações sociais concretizam a meta pedagógica de caráter geográfico.

“A questão do sujeito deve, definitivamente, ser formulada em termos de conhecimento objetivo de compreensão subjetiva; uma compreensão autêntica modificada a percepção que o sujeito tem de si mesmo e de seus próprios interesses” (Kerlan, 1987, p. 79 apud André, 1998, p.28-29). Com os alunos é necessário ir além da “vitrine” de uma geografia objetiva e descritiva, para entrar no “ateliê” onde se elaboram os espaços, ou se afrontam os valores e as estratégias espaciais, e desde então, conceber manipulações que conduzam os alunos a trabalhar com suas próprias representações espaciais e as dos outros.

Segundo André (1998, p.29), as representações espaciais permitem responder a estas novas exigências. Colocando o aluno em situação de procura, insistindo nos processos espaciais, sublinhando o papel dos atores e de suas capacidades possíveis e prováveis. Esta abordagem permite transitar em todas as escalas, dando sentido aos espaços globalizantes. A geografia não se resume unicamente a uma compilação de resultados e a repetição de conceitos. Portanto, os professores de geografia, no seu dia-a-dia, buscam procedimentos eficazes à educação.

CAPÍTULO IV A MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: TRATAMENTO EMPÍRICO-METODOLÓGICO

4.1 APLICAÇÃO E RESULTADOS: RESSIGNIFICAÇÃO DOS CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS POR MEIO DA MÚSICA – RESGATE DAS EMOÇÕES

A aplicação foi dividida em dois momentos distintos. No primeiro momento – *Subjetivo* – concentrado no I semestre de 2008; buscamos captar e explorar as emoções dos jovens dos grupos A e B, e em seguida fazer com que eles demonstrassem esse processo mental (**mapas mentais**). Usamos para tanto, o desenho (ilustrações)³⁰ e o texto escrito³¹ na manifestação dos sentimentos e pensamentos dos alunos. Aliás, estes artifícios foram usados em todo o processo aplicativo da pesquisa, tanto no primeiro como no segundo momento.

Com estas imagens conseguimos retirar algumas informações interessantes ao processo didático-pedagógico experimentados por eles, junto com seu professor regente em seu cotidiano. As imagens levantadas foram concebidas a partir da audição de duas canções, escolhidas por este professor, e que tem em sua estrutura textual e musical os conteúdos geográficos trabalhados ao longo do ano letivo, à saber: “**o Lugar e a Terra.**”

No segundo momento, – *Intersubjetivo* – concentrado no II semestre de 2008, foram trabalhados os conteúdos constantes no quadro 5 mencionados no primeiro capítulo deste, os quais tratam: da geografia como ciência (percepção e representação espacial); do **espaço vivido no cotidiano** (do aluno: ator social); agentes internos e externos; aspectos topofílicos (dimensão cultural); **elementos da natureza** (relevo, rochas, solos, mares, rios, lagos, fauna flora e outros); **meio ambiente** (ação antrópica) e sua dimensão sócio-ambiental: **percepção e representação**.

Em relação às primeiras atividades, para testar instrumentos e procedimento, foram selecionadas duas músicas que expressam o espírito da pesquisa, por sua estrutura musical, relacionadas aos conteúdos geográficos explorados nas séries

³⁰ O desenho foi a forma elementar de idealizar e ilustrar as primeiras concepções sócio-imagéticas dos alunos. Estas impressões revelaram as percepções e representações materializadas em mapas mentais e demais atividades realizadas pelos educandos.

³¹ O texto escrito foi utilizado quando das descrições subjetivas e objetivas, elaboração de projetos para as atividades, comentários e outros.

iniciais do ensino médio, á saber: “**Canto do Povo de um Lugar**”³² de Caetano Veloso e “**O Sal da Terra**”³³, música de Beto Guedes, além de outras escolhidas e trabalhadas pelos alunos. Essas e seus conteúdos artísticos e geográficos, mediados pela estética, subjetividade, objetividade e intersubjetividade, foram contextualizadas, materializadas e apresentadas em forma de várias atividades pedagógicas criadas pelos próprios alunos.

Como ilustração de diversidades sonoras e musicais, usamos parte do roteiro explicativo do CD (da faixa 2 à 15), do texto de Ziskind (1999, p.261-266), na obra o Som e o Sentido, qual faz menção, nas faixas: 2, 14 e 15, à canção “Canto do Povo de um Lugar.”

4.1.1 Momento Subjetivo: Primeiras Percepções e Representações Geográficas Motivadas pelas Canções

No primeiro momento usamos alguns elementos metodológicos idealizados por Kozel, principalmente no que diz respeito ao item n.º4, constante no quadro 7 do I capítulo deste trabalho, ou seja: **Apresentação de outros aspectos ou particularidades**. Optamos por este item, pelo seu caráter generalizante, pois na pesquisa, este modo atende as intenções de se estudar: o Lugar, a Terra, sua natureza, meio ambiente e seus elementos.

Depois de ouvir a canção mencionada, as alunas do G.A,³⁴ individualmente, fizeram descrições subjetivas reveladas no desenho. Elas dizem que:

Foi através da música que surgiu a idéia de montar cartaz ilustrando os fatos ocorridos na canção. Ela esta dividida em três períodos: manhã, tarde e noite, os quais cada um deles mostra a passagem de situações explicitadas em cada estrofe e assemelham-se a um começo, um meio e um final. (Maristela, Vauliane e Vera).

A interpretação da música feita por nós: contempla o nascer do Sol e a felicidade das pessoas com relação a um novo dia. (Vauliane). Quando chega a tarde as pessoas choram, pois o

³² Esta canção inspira sentimento de pertencimento a um lugar no Planeta Terra e induz, metaforicamente, à idéias de: começo, meio e fim, importante quando se trabalha textos (neste trabalho: descrições subjetivas, objetivas, intersubjetivas e depoimentos), além de projetos idealizados pelos alunos para realização de atividades individuais e coletivas.

³³ A canção, “O Sal da Terra,” provoca reflexão sobre as condições da Terra, da natureza e seus elementos.

³⁴ Daqui para frente usa-se G.A para identificar o grupo A.

dia está chegando ao fim. (Vera). Chega à noite volta à alegria, pois a lua chega iluminando as suas vidas. (Maristela).

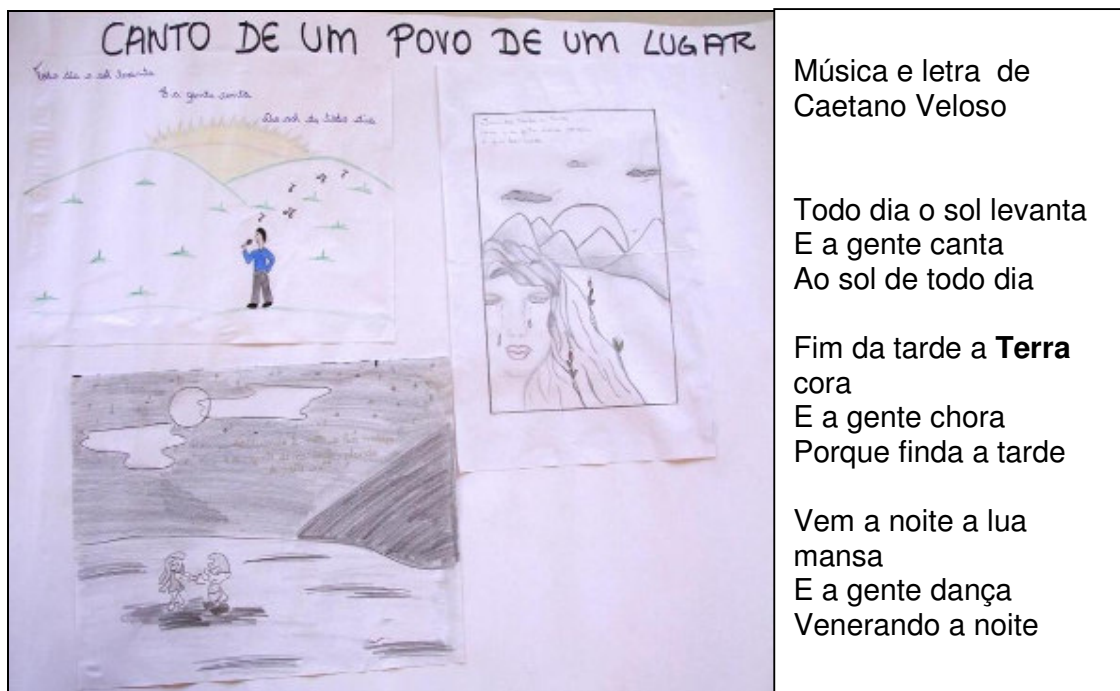


FIGURA 4 – Imagem e letra da canção “O Canto do Povo de um Lugar”³⁵ Alunas: (Maristela, Vauliane e Vera) do G.A.

A música/canção de Caetano Veloso (fig. 4), apresenta melodia suave, movimento, e altura musical, em seu transcorrer que proporcionam sensações dos três momentos comentados. Pelo traçado e disposição das imagens, pode-se identificar percepção e representação dos educandos em relação ao seu espaço vivido e o seu próprio Planeta.

A seguir, apresentamos alguns depoimentos de alunos do G.B³⁶, em relação a canção.

- Guilherme - G.B:

A primeira música fala sobre o Sol, diz que ele nasce de manhã, se põe a tarde e noite. Isso nos mostra que é como nossa vida, a gente nasce, vive e morre.

- Marcos - G.B; inspirado pela canção diz que lembrou de parte da poesia “Motivo” de Cecília Meireles:

Eu canto, porque o instante existe e minha vida está completa.
Não sou alegre nem triste: sou poeta. (...) Sei que canto. E a

³⁵ Canção. O Canto do Povo de Um Lugar, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=U7n26IWsjI>

³⁶ Daqui para frente, usa-se G.B para identificar grupo B

canção é tudo. Tem sangue eterno a asa ritmada. E um dia sei que estarei mudo: mais nada³⁷

Hoje em dia as pessoas não pensam mais sobre o nosso planeta,...
na correria do dia-a-dia nem param mais para o raiar do Sol,
para ver a lua e as estrelas .
As pessoas não valorizam mais o planeta, (...)
não teremos mais aquele **lugar** aconchegante,
bom para morar,
aí sim elas vão perceber a falta que ele faz.

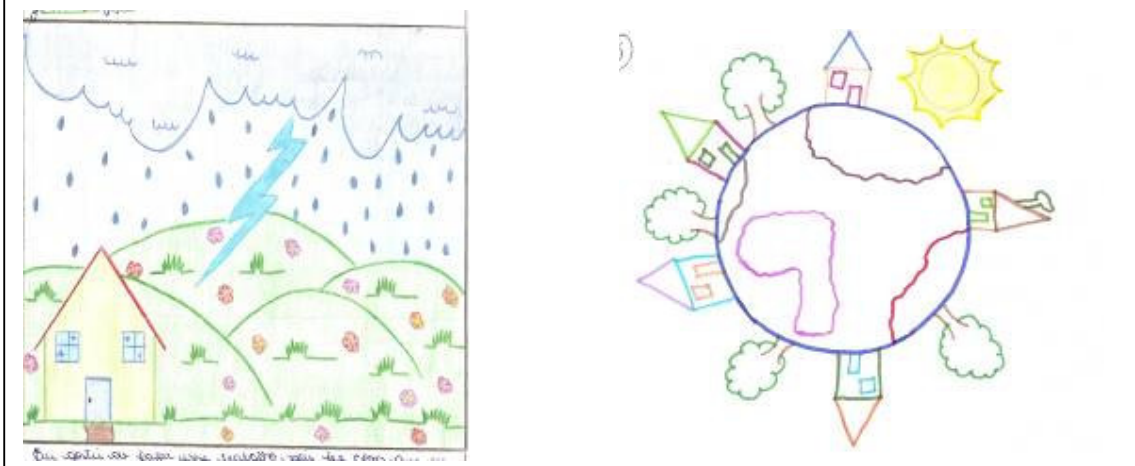


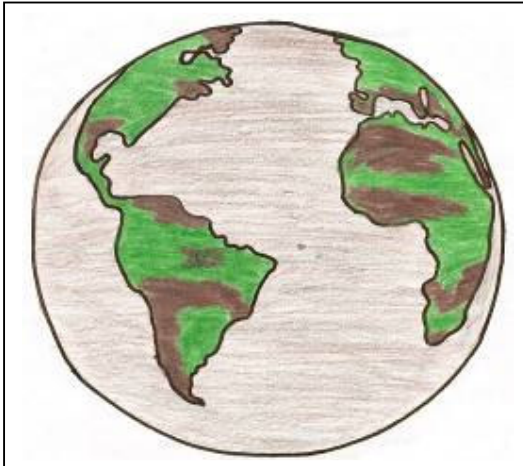
FIGURA 5 - Lucimara G.B: Terra – Lugar

As intervenções dos alunos (fig.5), dos grupos A e B³⁸, inspirados no senso comum, revelam parte da multiplicidade de percepções e possibilidade que a canção oferece aos saberes, desde sentimentos poéticos, ideológicos, religiosos, científicos e outros. Na seqüência, ainda no primeiro momento, colocamos outras participações concentradas na canção “O Sal da Terra” e canções sugeridas pelos alunos.


³⁷ Poesia Motivo de Cecília Meireles. Eu canto porque o instante existe /e a minha vida está completa. /Não sou alegre nem sou triste: sou poeta. /Irmão das coisas fugidias, /não sinto gozo nem tormento. /Atravesso noites e dias no vento. /Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou se desfaço, /- Não sei, não sei. Não sei se fico ou passo. /Sei que canto. E a canção é tudo. / Tem sangue eterno e asa ritmada. / E um dia sei que estarei mudo: - mais nada. <http://www.geocities.com/fedrassp/motivo.html>.

³⁸ As opiniões e comentários dos alunos seguem fidedignamente sua forma de expressão, daí a ocorrência de alguns possíveis “erros”, na estrutura da língua portuguesa, devem ser desconsiderados preservando, assim, o interesse desta pesquisa.

O Sal da Terra
Música de Beto Guedes
Interprete: Roupa Nova e Ivete Sangalo



Terra, és o mais bonito dos planetas. Tão te maltratando por dinheiro, tu que és a nave nossa irmã.
Anda, quero te dizer nenhum segredo. Falo desse chão, da **nossa casa**, vem que tá na hora de arrumar.
Tempo, quero viver mais duzentos anos. Quero não ferir meu semelhante, nem por isso quero me ferir.
Vamos **precisar de todo mundo** prá banir do mundo a opressão
Para construir a vida nova vamos precisar de muito amor. A felicidade mora ao lado e quem não é tolo pode ver
A paz na Terra, amor, o pé na Terra. A paz na Terra, amor, o sal da...



Terra, és o mais bonito dos planetas. Tão te maltratando por dinheiro, tu que és a nave nossa irmã.
Canta, leva tua vida em harmonia. E nos alimenta com teus frutos, tu que és do homem a maçã.
Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois. Prá melhor juntar as nossas forças é só repartir
melhor o pão. Recriar o paraíso agora para merecer quem vem depois

Deixa nascer o amor. Deixa fluir o amor. Deixa crescer o amor Deixa viver o amor
O Sal da Terra O sal da Terra

FIGURA 6 - Letra Ilustrada da canção “O Sal da Terra”³⁹ (organizado pelo autor – com base nas ilustrações dos alunos).

O texto da canção (fig.6), “O Sal da Terra,” somado a sua concepção musical revela forte apelo à preservação do nosso **Planeta Terra**, o nosso **Lugar**. O primeiro verso chama a atenção para o cuidado com o Planeta e seus problemas sócio-ambientais. As dificuldades devem ser enfrentadas por todos que precisam perceber e se sensibilizar com a destruição do meio ambiente.

³⁹ Canção. O Sal da Terra, Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=U7n26IWsjI>

De todos os astros errantes és o mais bonito, mas te maltratam por dinheiro, “tu que és a nave nossa irmã. **Canta**, leva tua vida em harmonia. E nos alimenta com teus frutos”(…). Nesta passagem é difícil não lembrar da teoria da Música das Esferas:

É uma teoria muito antiga (...). Dizia que cada um dos planetas e estrelas fazia música enquanto viajava pelos céus. Pitágoras, que havia elaborado as razões entre as várias harmonias de cada corda sonante, descobriu que havia uma correspondência matemática perfeita entre eles, e, como também estava interessado nos céus, notou que esses, do mesmo modo, se moviam de maneira ordenada, conjecturou que as duas coisas eram aspectos da mesma lei matemática perfeita, que governava o universo. Se fosse assim, então, obviamente os planetas e as estrelas deveriam fazer sons perfeitos ao se mover, exatamente do mesmo modo que a vibração da corda produzia harmônicos perfeitos. (Schafer, 1991, p 163-4).

Os três depoimentos ilustrados, referentes à canção de Beto Guedes, relatam que devemos cuidar do mundo e nos preocuparmos com o desmatamento, não jogar lixo no chão e também economizar e cuidar da água e da natureza em geral. Alerta que, se o homem não mudar, o Planeta pode ser destruído, temos que ter mais consciência dos nossos atos. Estamos prejudicando toda a biodiversidade desencadeando o efeito estufa e outros efeitos danosos; as pessoas devem se mobilizar para reverter a situação.

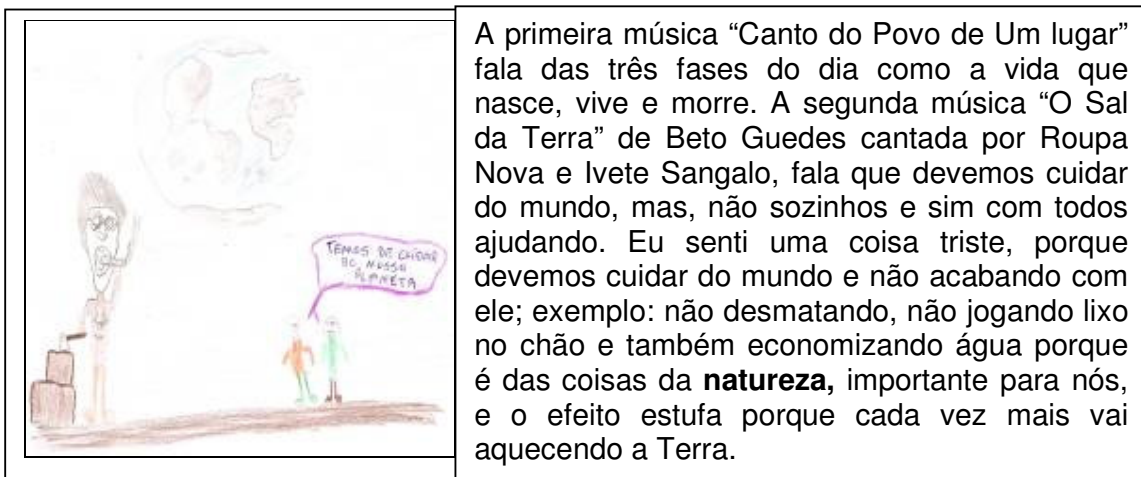


FIGURA 7 – Luis, G.B - comentário ilustrado sobre a Natureza

A hora que eu escutei a música senti uma grande preocupação, porque parei para pensar e vi, que se o homem não mudar esse planeta tão lindo. Ele pode ser destruído, uma coisa tão grande o homem esta acabando com suas próprias mãos. Muitas vezes a gente acaba destruindo inconscientemente, como quando nós gastamos muito o caderno, as vezes a gente fica desenhando no caderno e gastando folhas e quanto mais folhas a gente gasta, mais arvores são derrubadas, mais nós **destruímos a natureza** ajudando para o superaquecimento global. Essa música me fez refletir como temos que ter mais consciência dos nossos atos, para nós não destruímos a natureza.

☉ Mundo:☉ Meio Ambiente
NA ATUALIDADE



FIGURA 8 - Jéssica J, G.B: O Meio Ambiente na Atualidade



Nosso planeta está sendo **destruído** e nós temos que nos conscientizar disso. Estamos prejudicando toda a biodiversidade (...) Jogando lixo (...) a **Terra** está sendo poluída com lixo, agrotóxico e outras porcarias. (...) Nosso planeta é um **paraíso** e merece respeito. As pessoas dão as costas às maravilhas da natureza. Só pensam em explorar os recursos naturais. Com o efeito estufa as pessoas irão se mobilizar pouco a pouco, mas talvez quando isso acontecer seja tarde demais.

FIGURA 9 - Gustavo G.B: Problemas Ambientais

Aqui, o aluno Vinicius demonstra ter internalizado a mensagem musical e faz uma reflexão apropriada ao tema indicando sua percepção e sensibilização diante dos problemas ambientais do espaço geográfico.

- Vinicius G.B, diz que:

A Terra nos dá alimento, água e ar. É o lugar onde vivemos: este é o nosso lar. Nada seríamos sem ele, a este planeta tudo devemos. E sofreremos com nossos atos, as queimadas, o ar que poluímos e a natureza que não protegemos.

Deveríamos parar por um momento, abandonar nossa indiferença e nos unir em favor de um bem comum: salvar o mundo da ganância de uns e do egoísmo de outros. Nesta luta difícil uma pessoa pode fazer a diferença. Então, vamos nos unir e começar a agir para salvar a Terra, nosso bem mais precioso.

- Luís G.B – poesia: A Realidade de Nossos Dias

Na névoa da noite/ Na bruma do amanhecer/ Penso no Paraíso que temos /Em nossas mãos/ E, com muito desprezo/ Estamos tratando /Precisamos tratar com respeito/ Nossa terra, nossa gente, nosso lar. /O Planeta Terra!

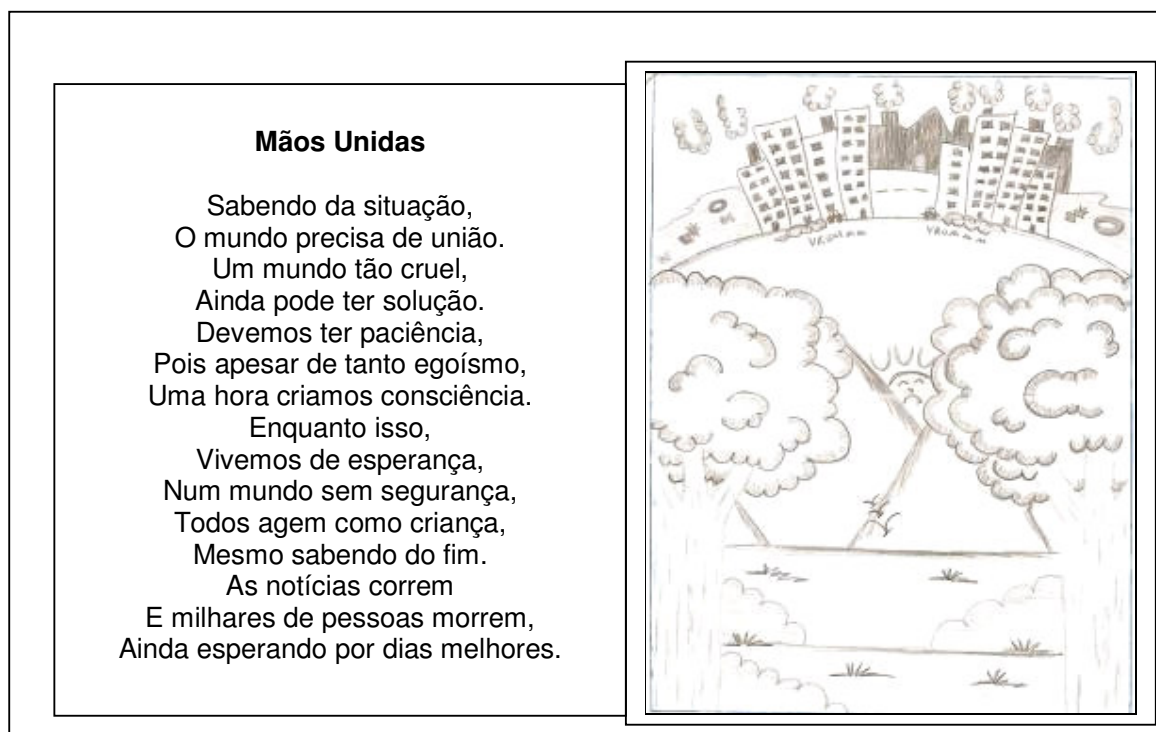


FIGURA 10 – Vanessa (ilustração) G. A: Poesia ilustrada – Mãos unidas

Os trabalhos, colocados anteriormente foram selecionados de forma a expressar parte dos sentimentos e pensamentos dos alunos dos grupos A e B, das escolas mencionadas; a diversidade e riqueza de opções pedagógicas na realização de abordagens geográficas, advindas da arte (música e outras), são constatadas por essas amostras de atividades. Obviamente, não constam todas as atividades realizadas nesta oportunidade, por questões de ordem didáticas e também pelas possíveis redundâncias de dados.

QUADRO 12 – Comentários referente a canção “O Sal da Terra” - alunos da 1ª Série G.A, respondendo: o que sentiu e o que aprendeu com a música (canção)?

Marisa

1. Eu fiquei emocionada porque eles falam do planeta como se ele estivesse perfeito, mas infelizmente ele não é perfeito, porque as pessoas estão poluindo o ar, os rios, as ruas, enfim o planeta.
2. A Terra pode ser comparada a um organismo vivo, pois, desde que se formou, está em constante transformação, tanto em seu interior, quanto na superfície. Essas transformações continuam acontecendo porque o planeta possui muitas energias em seu interior e porque a superfície da crosta terrestre sofre a ação permanente de forma extrema, como a chuva ou o vento e do próprio homem, que constrói cidades, desmata, refloresta, extrai minérios, faz aterros, represas, desvia rios, etc.

Luiz

1. O mais bonito dos planetas, nos alimentando com seus frutos, o sal da terra, a união do ser humano com o ser humano para salvar o planeta.
2. Acho que a natureza é um assunto que não podemos deixar de abordar, pois não bastam projetos com visão voltada para a natureza, não é o suficiente e sim ações, devemos agir, por a mão na massa, cuidar do mais bonito dos planetas, que por sinal é nosso, e ficará para nossos “herdeiros de terra”, cuidar desse maravilhoso bem que possuímos.

Lia

1. Terra, sal, chão, tem idéia de unir todos para uma maior conscientização de que nós todos temos que lutar pela paz e pela natureza no nosso planeta. Imagino todos unidos em um lugar calmo e bonito. O que só será possível se lutarmos.
2. Se todas as populações se unissem, não haveria conflitos entre nações e haveria crescimento demográfico, também se as ciências servissem poderiam descobrir juntas curas o que diminuiria a taxa de mortalidade.

Jéssica Josiane

1. Essa música nos faz parar para pensar sobre o nosso planeta que todos nós temos que tentar salvar o planeta antes que seja tarde, mas ninguém consegue fazer isso sozinho, por isso todos nós temos que se juntar por essa causa que todos vamos ganhar.
2. Todos nós sabemos que estamos nos destruindo e o planeta, estamos destruindo a camada de ozônio, e a única forma de salvá-lo é preservando o meio ambiente, tentando poluir menos, e isso é todo mundo se unindo.

Jéssica

1. Eu percebi que a música queria passar uma mensagem de conscientização. Devemos amar a terra, e quem ama cuida.
2. A música, como eu mencionei na outra questão fala da população como um todo. Unir as nações e construir uma vida nova. Com a finalidade de acabar com as guerras o crescimento demográfico vemos. Sem guerras o crescimento demográfico será maior, com isso a partilha do pão será maior, num mundo menos egoísta.

Flaviana

1. Eu fiquei feliz, porque na música, eles quiseram nos incentivar a termos um mundo feliz e perfeito sem violência e impunidade.
2. Ao longo da história a natureza foi sendo transformada pelo trabalho do homem, que passou a produzir um espaço com o objetivo de garantir sua subsistência. Esse processo de humanização tornou a natureza cada vez mais artificializada, graças ao desenvolvimento de técnicas.

João Luiz

1. Passa uma energia muito boa pelo ritmo e pela letra e é uma música com uma melodia suave.
2. Fala sobre o planeta, que temos que refletir de tudo de ruim que fizemos e não repetir os nossos males para não agredir esse planeta que ainda pode ser maravilhoso.

Observando os comentários do quadro (12) notamos certa reserva na comunicação dos alunos, aliás, em todos os momentos das atividades, percebemos que existe grande dificuldade, por boa parte dos educandos, em demonstrar seus sentimentos em relação a algo, principalmente, quando é feito de maneira intencional e mais especificamente quando o tema (geografia) é sugerido pelo professor. Contudo, essa questão deve ser transposta, pois os resultados compensam as dificuldades e rompem com barreiras antigas que dificultam o ensino de geografia em sala de aula.

QUADRO 13 – Comentários referente a canção “O Sal da Terra” - alunos da 1ª série g. B respondendo: o que sentiu e o que aprendeu com a música (canção)?

Luis Rodrigo

1. Eu vejo a beleza de nossa terra, ao encontrar as maravilhas do sol ao nascer, as plantas etc.
2. As músicas são para criar motivações, passar felicidade. Essas músicas que eu escutei passam alegria, beleza cantadas com palavras emocionantes, emotivando e conscientizando as pessoas quando escutam.

Danielly

1. Fala da Terra em si, mas ela também fala sobre o que existe na natureza, animais, sal da terra, água, céu e fala da paz e que esse planeta é muito puro e bonito.
2. Eu pensei muito sobre o que acontece, do que nós fazemos para cuidar ou às vezes descuidando do planeta que nós temos que cuidar.

Joyce

1. É uma música que se refere as coisas lindas que existem na terra, e que nós temos que nos unir para essas coisas não se acabarem.
2. A terra e a natureza são os bens mais preciosos que possuímos e temos que nos unir para salvar esse bem.

Lidiane

1. Tem tudo a ver, pois essa música fala sobre a Terra – o lugar onde vivemos, na música pede muito a paz, falam que a Terra é o mais bonito dos planetas.
2. Bom adorei essa música fala sobre a natureza em um todo. Ela é muito introspectiva, me fez refletir muito sobre tudo o que fazemos diariamente, como nós fazemos para cuidar da nossa casa “a Terra”.

Júlio

1. Fala do planeta para juntar as forças para melhorar o planeta.
2. Ajudar a Terra a ter mais paz, ter um planeta digno não desmatar nos ajudar e ter uma vida melhor não estragar as coisas que o planeta nos dá.

Júlio César

1. O planeta Terra, o mundo, o mar.
2. Fala sobre o planeta que temos que refletir sobre o que nós fazemos dia-a-dia para ajudar o planeta, que estamos destruindo a terra só por causa de dinheiro, que já não estamos mais ligando para os animais. Que vamos precisar de todo mundo senão nunca mudaremos o mundo onde vivemos.

Ezequiel

1. Introspectiva.
2. Fala sobre o planeta terra que temos que juntar as nossas forças, melhorar o nosso planeta, para construir uma vida melhor para buscar a paz porque a terra é o mais bonito que existe, porque ela que nos dá a vida.

Josiane

1. Planeta, sal
2. Essa música fala da conscientização de todos, que todos nós podemos melhorar o mundo com a união de todos e que precisamos parar e pensar, em repartir o pão e ser solidário e ajudar o planeta terra que esta aos poucos se acabando.

FONTE: Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

Os alunos destacados no quadro (13 – g.B) apresentam as mesmas dificuldades em comunicar suas emoções. Quanto a atividade, observa-se sutil diferença em seus comentários em relação ao assunto proposto.

Para fazer apanhado avaliativo deste primeiro contato dos alunos em relação a música e os conteúdos de geografia usaremos as palavras da aluna Lia (G.B) e da aluna Jéssica (G.A), a primeira diz que:

As músicas nos inspiram, nos fazem pensar no futuro, no presente nas futuras gerações e pensar se em alguns anos vai ter um ar ainda puro, árvores em grande quantidade, se ainda teremos água potável (...) A camada de ozônio que vem sendo destruída cada vez mais todo dia por causa do desmatamento, poluição, escassez da água, derretimento de geleiras, perda de terras para a água, mortes, câncer, doenças. (...) Então vamos pensar no nosso futuro, mas não só pensar e também agir, fazer da **Terra um lugar** melhor e mesmo descobrindo outros planetas onde podemos passar a viver devemos cuidar do nosso, porque no final nosso lugar sempre será aqui.

Por sua vez a aluna Jéssica coloca:

A música é um dom divino. Nós a ouvimos e normalmente ela nos transmite alguma mensagem, sejam elas de paz, amor, política, união, natureza, enfim assuntos que estão presentes no nosso cotidiano. Ela desperta sentimentos às vezes inesperados e nos conforta nas horas difíceis. Ouvir música de boa qualidade pode trazer muita calma, e foi isso que aconteceu durante as aulas de geografia. (...) É muito bom poder expressar o que se passa no pensamento e o que se sente na alma através da música (...) Enfim, um sentimento revolucionário toma conta de nós. Revolucionário, porque a vontade de poder ajudar o próximo é muito grande, querer fazer algo, mas saber que sozinho não se vai muito longe, por isso os meios de comunicação, a arte-música, pode ser uma maneira muito mais eficaz para resolver problemas do que a gente imagina.

4.1.2 Momento Subjetivo: Percepções e representações geográficas Motivadas por Canções Escolhidas pelos Alunos

Numa segunda intervenção, ainda trabalhando com aspectos subjetivos, apresentamos aplicações e resultados de mapas mentais retirados de canções escolhidas pelos próprios alunos. Para tanto, solicitamos fichamento padronizado elaborado previamente e preenchidos pelos alunos. Conforme quadro 8 na página 29.

Nesses exercícios elaborados pelos alunos, colocamos como demonstra o quadro, três aspectos importantes, ou seja: os dados, as características e **Atividades** (PIS-DIS e Mapas Mentais), sendo que para a pesquisa ora realizada enfocou-se o item C do quadro mencionado, onde é evidenciado o **Projeto Intencional Subjetivo** com sua respectiva descrição subjetiva e a **sistematização dos mapas mentais**, compostos principalmente por **textos e desenhos** (ilustrações).

Para a apresentação das atividades colocamos os trabalhos mais significativos e, independente do grupo a que pertencem; tomamos o cuidado de, na medida do possível, apresentá-los de modo proporcional em relação a quantidade de amostras (Grupos A e B) analisadas. Nesta ocasião usamos alguns elementos da metodologia Kozel para auxiliar na análise, interpretação e possível ressignificação dos conteúdos geográficos. Iniciamos com o trabalho da aluna Marisa que diz:

1. É uma música que fala do planeta, como poluição, fumaças, pessoas poluindo e dá para entender que tudo isso é gerado pelos carros, chaminés das fábricas, pelos cigarros, etc. Mesmo dentro das próprias casas enxergamos essa poluição. As pessoas imaginam um mundo melhor, as fantasias, que um dia poderão existir.

2. Ao longo da história a natureza foi sendo transformada pelo trabalho do homem, que passou a produzir um espaço com o objetivo de garantir sua subsistência. Esse processo de humanização tornou a natureza cada vez mais artificial, graças ao desenvolvimento de técnicas. Mas infelizmente essas novas técnicas estão poluindo a nossa natureza, como: rios, ar, plantas, enfim estamos poluindo nós mesmos.



Tarde Vazia
(grupo Ira)

Pela janela vejo fumaça,
vejo pessoas
Na rua os carros,
no céu o sol e a chuva
O telefone tocou
na mente fantasia

Você me ligou naquela
tarde vazia

E me valeu o dia (...)
Na mente fantasia (...)
Cantando a melodia.
Cantando a melodia

FIGURA 11 – Marisa g. A: Música/canção ilustrada ⁴⁰

⁴⁰ Canção. Tarde Vazia: video-clip: Disponível em: <http://letras.kboing.com.br/ira/tarde-vazia>

Na figura (11) podemos observar os enfoques das atividades, ou seja, a subjetividade advinda da audição quando a aluna coloca com apelo emocional que: “as pessoas imaginam um mundo melhor, as fantasias, que um dia poderão existir”. O texto, elaborado principalmente do segundo item da figura contém ressignificação dos conteúdos, seguido da ilustração que completa o mapa mental. Essas três etapas captam vários elementos do processo mental que auxiliam na concretização suas respectivas representações.

Aplicando os quesitos da metodologia indicada observa-se alguns elementos como a **forma de representação** do globo terrestre inclusive com cores identificando as águas (azul) e a superfície terrestre com cobertura vegetal (verde); além da própria Terra, a indústria e a ruas desenhadas como figuras geométricas planas (circulo, quadrado e retângulo...). As figuras estão dispostas (**distribuição**) de forma dispersa (quesito 2 da metodologia). Quanto a **especificidade dos ícones**, notam-se elementos da paisagem natural como: árvores, águas e campos; paisagem construída como casa, indústria, ruas e como elemento móvel o carro. No caso de **outros aspectos** podemos observar a fumaça e a questão da luminosidade identificada com a ilustração significativa do Sol.


<p>Luiz</p> <p>1. A música é de um ritmo nordestino, com batidas pulsativas, muito bom de escutar. Uma música contagiante, que fala sobre o poder da natureza e as suas grandiosidades. Traz a beleza das florestas e dos animais contado de um modo que passe para quem ouve a importância dos seres vivos.</p> <p>2. Baseado na canção os seres vivos são muito importantes para nós. O leão que levanta cedo e demonstra sua fúria... todos os animais que vivem na imensidão da floresta. A beleza das águas, das árvores que dão sentido e harmonia para a vida no Planeta.</p> 	<p>A NATUREZA (Zé Ramalho)</p> <p>O que prende demais minha atenção (...) Poderosa e suprema a natureza (...) Observo a coragem do condor/ Que nos montes rochosos como presa/ Urubu empregado na limpeza/ Como é triste a vida do abutre/ Quando encontra um morto é que se nutre/ Quanto é grande e suprema a natureza (...) Não há pedra igualmente ao diamante/ Nem metal tão querido quanto o ouro (...) A natureza (...)</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

FIGURA 12 – Luiz (G. A): “A Natureza”⁴¹ música/canção ilustrada

⁴¹ Canção. A Natureza: vídeo clip disponível em: <http://br.youtube.com/watch?v=SF2dmSNggho>

Além da percepção e interpretação representada pelo texto elaborado pelo aluno, esta figura (12) revela a concepção imagética dos elementos mencionados na canção. Quanto aos elementos metodológicos pode-se destacar o segundo quesito, o qual trata da disposição em perspectiva ilustrativa dos elementos da natureza (3 - Interpretação quanto a especificidades dos ícones).

Na seqüência, mostramos mais dois trabalhos de alunos do G. A, que tratam de elementos da natureza, seguidos por três atividades semelhantes de alunos do G.B. Há que se destacar que, mesmo os textos mencionando ações humanas, as imagens raramente identificam estas manifestações. Pode-se dizer que o educando tem dificuldade em colocar o ser humano como participe na natureza.

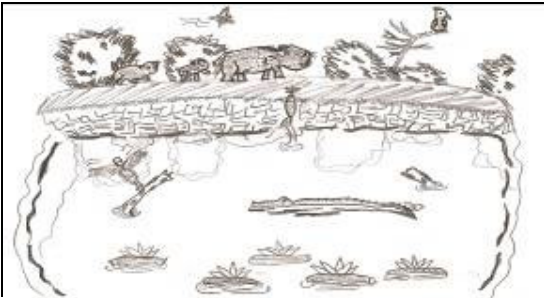
<p>Vinicius. 1. A música possui um ritmo lento, o som varia entre o médio e o grave, mas não possui um andamento pesado; a harmonia é marcada pelas batidas e constantemente pela viola, sendo uma música bastante introspectiva e um pouco triste. 2. A garça, matas, o por do sol, pantanal, as fases da lua, uma borboleta, estrelas, o céu, plantações e colheitas, o povo do pantanal em si. O complexo do pantanal fica na região de clima tropical (...) é uma região plana (...)</p>	
<p>Pantanal - Sagrado Coração da Terra (Almir Sater) São como veias, serpentes/Os rios que trançam o coração do Brasil/ Levando a água da vida Do fundo da terra ao coração do Brasil /Gente que entende/ Que fala a língua das plantas, dos bichos/ Gente que sabe/ O caminho das águas, das terras, do céu/ Velho mistério guardado nos seio das matas sem fim/ Tesouro perdido de nós Distante do bem e do mal/ Filho do Pantanal (...)</p>	

FIGURA 13 – Vinicius (G. A: A Natureza - Pantanal⁴² – música/canção ilustrada


<p>Danielly 1. O ritmo é bem gostoso, muito suave. 2. Bem a música, que eu escolhi fala sobre as nuvens, chuva, céu, sol, água de um mundo maravilhoso. Coisas boas, como se nada de ruim esteja ou estivesse acontecendo um mundo perfeito que tenho certeza todos querem morar.</p>	
	<p>Aquarela Chimarruts Vinicius de Moraes / Toquinho</p> <p>Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo/ E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo/ Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva, E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva Se um pingüinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,/ Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu. (...)/ Vamos todos numa linda passarela De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá</p>

FIGURA 14 – Danielly (G. A): Aquarela⁴³ – música/canção ilustrada

⁴² Canção. Pantanal (Sagrado Coração da Terra), vídeo clip disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=l6_umP5-pVE

As figuras (13 e 14) seguem padrão da figura (12), mostrando breve análise e comentário das canções seguido de texto explicativo elaborado pelo aluno referente a questões geográficas exploradas pelas letras das mesmas, e para complementar nota-se a presença de parte das canções e suas respectivas representações, nas quais podemos identificar elementos dos quesitos (3 e 4) da metodologia Kozel, descritos no quadro (7) do capítulo I desta pesquisa.


<p>Lucimara</p> <p>1. A música tem um ritmo médio, ela aparenta ser triste com esperanças de que um dia tudo mude e volte ao normal. O sol que aquece a Terra, uma luminosidade tão significativa para todos nós, como tudo seria sem ele? Não tem como imaginar. A chuva, tão boa nos dias quentes de verão, vem e refresca a alma, traz a tão precisa água até nós. Assim como o sol a chuva é essencial a Terra, mas com tanta poluição estão apenas começando a retribuir os estragos que fazemos a eles. Temos que refletir sobre as coisas essenciais da vida e nos conscientizar que sem elas nós não existimos.</p> <p>2. O Sol aquece a Terra... a água evapora, acumula-se e vem em forma de chuva; então tudo recomeça novamente ... não seríamos nada sem a luz e o calor do Sol. Essas maravilhas estão virando decepções, o planeta cada vez mais aquecido e cidades sendo inundadas por fortes chuvas...</p>	
<p>Quando a Chuva Passar (Ivete Sangalo)</p> <p>(...) Quando a chuva passar Quando o tempo abrir Abra a janela E veja: Eu sou o Sol... Eu sou céu e mar Eu sou seu e fim E o meu amor é imensidão (...)</p>	

FIGURA 15 – Lucimara (G. B): Quando a Chuva Passar⁴⁴ – música/canção ilustrada

Esta (fig.15), e as próximas figuras (16 e 17) são montagens feitas por alunos do G.B que trazem os mesmos exercícios das figuras anteriores dos alunos do G.A Esta, figura (15), traz vários quesitos da metodologia indicada como a distribuição dos elementos na imagem (2) perspectivas, formas dispersas e a horizontalidade (estrada que avança para o horizonte, bancos alinhados horizontalmente com

⁴³ Canção. Aquarela, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=QHFrOvFZTOI>.

⁴⁴ Canção. Quando a Chuva Passar, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=eBfu8f5pesM>

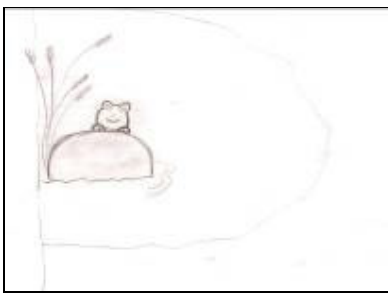
recipientes de lixo); traz elementos da paisagem natural e sua distribuição. Como outros aspectos – quarto quesito – podemos citar o “sorriso” do Sol.

Maricléia

1. Este CD foi gravado ao vivo em Uberlândia em 2007, a música escolhida foi com o título “Vida Boa”, é uma música popular que vem sendo tocada muito nas rádios, talvez por ter um estilo sertanejo com uma letra romântica com um ritmo alegre contagiante, transmitindo grande entusiasmo.

Esta música faz pensar numa natureza linda e perfeita que pela intervenção sem consciência do homem está destruindo um pedaço de nós, pois somos uma natureza. Transmite-nos a vontade de proteger a natureza. Ela fala sobre uma vida simples ao contato com a terra com os rios, nascentes, sementes, água, frutas, pássaros, sol, neve, flor, palmeiras, florestas, sombra, céu enfim com a natureza. Mas também diz que todo esse paraíso está sendo trocado por uma mata queimada, destruída uma madeira ferida, sem vida. Fala sobre o sertão, uma vida simples, feliz com paz, amor, transmite até mesmo uma vida perfeita sem problemas.

2. Aplica também a vida, o homem e a natureza, tudo aliada e respeitada de ambas as partes.



Vida Boa
(Victor e Leo)

Composição: Victor Chaves

Moro num lugar
Numa casinha
inocente do sertão
De fogo baixo aceso
no fogão, fogão à lenha ai ai (...)
Que vida boa ô ô ô
Que vida boa
Sapo caiu na lagoa,
sou eu no caminho do meu sertão (...)

FIGURA 16 – Maricléia (G. B): Vida Boa⁴⁵ – música/canção ilustrada

Jéssica

Um lugar que tenha paz e alegria.
mesma canção (Vida Boa)
da figura (15).

1. Música alegre,

2. A imagem que vem na mente É um lugar bonito em um sítio, Uma lagoa, uma casa simples e uma vida feliz.




FIGURA 17 – Jéssica (G. B): Vida Boa⁴⁶ – música/canção ilustrada.

⁴⁵ Canção. Vida boa, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=ngdNuH3TuoU>

Nessas duas últimas figuras (16 e 17) além dos elementos já mencionados, pode-se destacar como as relações topofílicas são imprescindíveis para a realização humana e social, também mostra a imagem do humano, presente de várias formas e em vários elementos da natureza.

Para sistematizar esta parte subjetiva e individual, na qual buscamos o resgate da emoção e a ressignificação dos conteúdos, colocamos algumas questões que acreditamos serem importantes para a aplicação e observação de resultados prévios e outros à serem analisados nas atividades coletivas e/ou intersubjetivas.

Neste caso elaboramos algumas questões com as quais fazemos breve análise do trabalho, priorizando o subjetivo (imaginação, emoção e pensamento), que segue o seguinte roteiro, à saber:

- 1- A geografia como ciência – percepção e representação.
- 2- Eu no espaço vivido – Lugar.
- 3- Planeta Terra: agentes internos e externos.
- 4- Elementos da natureza.
- 5- Meio ambiente
- 6- Comente sobre a música nas aulas de geografia.

Quanto à primeira questão – **a geografia como ciência** – boa parte dos alunos independente de grupos (A e B), disseram algo semelhante a esta colocação: ela é uma “ciência... do espaço. Com ela podemos perceber melhor o mundo em que vivemos.” Outro pensamento corrente é que “ela é toda organizada e toda dividida, temos a ciência natural e humana ... ela faz refletir sobre o lugar onde eu vivo, como ele é importante ...”; outro aluno diz que “ela tem leis ... tem a ver com meio ambiente e com a vida humana ... meche com o lugar onde moramos...”.

Na seqüência outros relatos como: “mostra fatores importantes do nosso universo;... acontece no espaço;... o espaço (lugar) e a ação do homem e da natureza sobre ele;... a geografia não é só estudo dos mapas, mas o planeta Terra como um todo;... é uma ciência que tem um pensamento organizado;... estuda a Terra e o Universo, população, relevos, industrialização, a sociedade de uma forma geral;... o mundo tem que ser cuidado melhor;... Pela geografia percebemos a necessidade dos grandes cuidados que devemos ter pelo nosso planeta, pois o

⁴⁶ Canção. Vida boa, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=ngdNuH3TuoU>

sistema todo de nosso planeta é muito frágil.... É importante para minha vida saber da minha origem e de onde veio tudo que está a minha volta.”

Para encerrar a questão relacionada à geografia escolhemos esta colocação, para chamar atenção da percepção de que o estudo da geografia pode servir para estudar o nosso lugar como expressa o educando: “acontece no espaço e muitas vezes em nosso espaço” e na seqüência outro pensamento, “podemos representá-la com nossa própria perspectiva”. Contudo esta colocação sintetiza a primeira questão, pois diz que: “a geografia, o espaço, o mundo em si, pode ser representado de várias formas, não só por livros mapas, mas através de músicas também, pois a música atinge vários tipos de pessoas como aquelas que não gostam de ler, isso faz com que elas escutem e prestem mais atenção à nossa natureza, ao nosso espaço”.

Na segunda questão – **Eu no espaço vivido (Lugar)** – observamos alto grau topofílico, pois quase totalidade dos alunos dizem que gostam muito de seu espaço vivido, como estes depoimentos: “meu espaço é pequeno nesse mundo mas esse espaço é limpo, bem cuidado eu gosto dele me sinto importante nesse lugar;... gosto muito do lugar onde vivo, porque o clima é bom, a natureza é bonita e o povo é muito acolhedor; ...gosto do lugar onde vivo, por causa da natureza, dos animais, do rio, dos morros, das paisagens e tudo o que nos rodeia;... Tudo perto, calmo, calmo sossegado, todo mundo é amigo, árvores, meio ambiente preservado, ar não tão limpo, mas em comparação digamos que com São Paulo é limpo. ... Eu adoro o lugar onde vivo pois é calmo, e eu tenho uma convivência muito boa com todos, aqui a diferença de cultura me ajudam aprimorar e ampliar meus horizontes.”

O que chama a atenção, além da manifestação emotiva das pessoas é a necessidade de justificar o amor e gosto pelo seu lugar, observado na seqüência de depoimentos. “Eu gosto muito do lugar onde moro, gosto das pessoas;... é tudo calmo,... pássaros silêncio da natureza, mas o que mais gosto é ver as estrelas à noite. Na cidade a gente não tem a mesma visão. E o ar é tão puro, tão suave.... Toda a vez que eu percebo as belezas onde vivo me emociono;... gosto dos lugares que freqüento, como escola, minha casa, lugares próximos e vários lugares bons para se divertir na cidade; ... faço tudo o que for possível para se tornar o lugar bom pra mim e para os outros; ... me sinto feliz e tranqüila aqui”.

Segundo alguns alunos por meio da música, foi possível observar alguns elementos. Nesse caso foi questionado sobre os **agentes internos e externos da Terra**, Obtivemos algumas colocações como: “a música que ouvi falou da luz do Sol,

chuvas, céu, mar, neve;... a música que ouvi falou de toda a natureza, me fez refletir na água e outros elementos;...água e chuva ajuda o meio ambiente;...o Sol nos anima para viver;...água purifica, mar harmonia, vento, brisa e ar bem estar (...).

Talvez pela dificuldade de se identificar conceitos prontos ou idéias mais claras nas canções, alguns alunos preferiram colocar textos inspirados em conhecimentos formalizados como: “Os abalos sísmicos são causados pela pressão do magma, os terremotos são movimentos da terra... agentes externos luz, água, chuva, neve, vento e ação antrópica, pois as pessoas modificam o ambiente onde vivem, isto causa um impacto ambiental”.

Outra consideração semelhante diz: “os agentes internos modificam freqüentemente a paisagem e determinam as ações humanas. Por exemplo, a passagem do furacão Katrina nos EUA destruiu casas, inundou grandes áreas, mudando radicalmente o ambiente das cidades atingidas. Ao lado disso, terremotos e maremotos levam as pessoas a construir barricadas e proteções contra ondas e no Japão, onde há terremotos freqüentes, muitos prédios possuem uma tecnologia que minimiza o dano causado pelos tremores. Os agentes externos também influenciam no ambiente e na vida das pessoas; por exemplo, as praias são procuradas pelo sol (luz) e mar (água), e lugares mais frios são procurados por pessoas que gostam de vento, neve, geada, etc”.

Nesta última consideração podemos notar que o aluno coloca certa dose de ressignificação manifestada por meio de exemplos que caracterizam capacidade de conexões com seu conhecimento do dia-a-dia e o conhecimento científico. Nesse sentido as canções trazem inspiração e motivações na estruturação do processo mental.

Os elementos da natureza e o meio ambiente são os temas mais explorados e, portanto os mais presentes em todo o trabalho. Procuramos direcionar para o espaço mais próximo do educando. Nesse sentido tivemos colocações da seguinte maneira: “nossa região possui grutas, cachoeiras, e morros que são excelentes para trilhas, passeios e turismo; a vegetação é bem diversa, e uma das principais árvores da região é a araucária (pinheiro do Paraná). Todos os elementos são úteis ao homem de alguma forma. Entretanto todos nós precisamos poupar os recursos naturais o máximo possível, e usar recursos renováveis como energia solar, eólica, etc. O meio ambiente, a natureza, transmitem tranqüilidade e paz de espírito, as árvores, as rochas e a água possuem propriedades únicas.”

Em relação à **música nas aulas de geografia**, fizemos apanhado e constatamos que, quase a totalidade dos estudantes gostaram da introdução de canções nas atividades didático-pedagógicas geográficas. Aqui seguem alguns depoimentos. “Eu acho bom, porque a música muda o estado de espírito das pessoas.... Na minha opinião está sendo legal, criativo e diferente,... deixa a aula mais animada, ...interessante e a gente aprende melhor;...bacana e divertidas;... inclui mais dinamismo nas aulas e sai um pouco da teoria escrita;...acho que podemos aprender bem melhor as coisas;...além de melhorar nossa inteligência e cultura, é prazerosa e relaxante”.

Para encerrar as questões deixamos estas intervenções que, junto com as apresentadas anteriormente atingem as expectativas do trabalho ora realizado. “Seu uso é ótimo. A música nos transmite a matéria e o conhecimento de uma maneira diferente, gostosa de se aprender, faz com que nós pensemos mais e cuidemos mais do **lugar onde vivemos**. Acredito que não só eu, mas também outros alunos adoraram a idéia da música nas aulas.”

A aluna Daiane, do G.B, faz colocação que sintetiza o pensamento geral de seu grupo: “a música é um bom instrumento para se estudar a natureza, pois quando você ouve uma música que trata sobre o aquecimento global você para e fica pensando que poderia mudar a natureza. Tem as músicas que tratam do lugar e da região aonde vivemos; ultimamente as músicas tem tratado mais os problemas ambientais, a poluição dentre outras”. A sociedade, com a música está mudando o modo de pensar, quando você pensa em jogar um papel você lembra da música que escutou que dizia cuide do que é seu para viver, ou melhor, cuide do Planeta Terra, pois ele é o lugar onde vivemos, pois ele nos dá a terra, a água o ar... daqui um tempo, se não cuidarmos melhor da nossa floresta, dos animais... do nosso lugar, não teremos onde viver.”

Aqui a aluna Pâmela resume reflexão de seu grupo (A), que diz:: “ouvindo a música relacionada com a natureza podemos imaginar lugares diferentes, refletimos sobre os problemas ambientais, percebemos a importância de se ter um lugar pra viver, uma paisagem bonita para se observar. Frente ao Universo somos pequenos, mas através de nossos atos podemos cuidar ou destruir o espaço onde vivemos. Pois não é só os animais que dependem da natureza para viver, nós seres humanos, também. Todos nós precisamos de um lugar, um espaço para viver.

4.2 MOMENTO INTERSUBJETIVO: ATIVIDADES COMPARTILHADAS

4.2.1 Mapas Mentais Concebidos por Canções

Após várias atividades subjetivas e individuais, demonstradas anteriormente, destacamos o momento intersubjetivo constituído por projetos organizados, em grupo, pelos alunos os quais depois de ouvirem várias canções com temas semelhantes compartilham suas descobertas com seus pares e organizam outras atividades didático-pedagógicas.

QUADRO 14 – Atividades Compartilhadas: Projeto (desenho e texto)

Será que não conseguimos ou não queremos ver a realidade de nossa natureza?

A idéia de todo esse trabalho é tentar fazer com que todas as pessoas que o vejam, comecessem a pensar e a enxergar com outros olhos a nossa natureza friamente destruída. Nós escolhemos o desenho para expressarmos de maneira criativa o descuido das pessoas para com a nossa natureza. Para que o desenho fosse desenvolvido, tivemos que escutar outras músicas além das que o professor levou nas aulas, tais como: Meu Reino Encantado, do cantor Daniel, que retrata uma vida no campo, que foi trocada pela vida urbana, deixando saudades aos seus personagens. Quem é ele?, dos cantores Zezé de Camargo e Luciano, que nos mostra a beleza da natureza criada por Deus. Bem-te-vi, dos cantores Chitãozinho e Chororó, que fala desta ave frágil, que voa em nossa natureza. Eu te Amo Meu Brasil, de Guilherme e Santiago, que nos mostra o amor dos autores pelo Brasil e por suas riquezas naturais, entre outras. Algumas dessas músicas nos da à idéia de uma natureza muito bela, que hoje já foi reduzida ou não existe mais, tudo isso nos leva a pensar que o ser humano não vê ou não enxerga o mau que esta fazendo a si mesmo.

O **desenho** foi feito em uma cartolina dobrada ao meio, na primeira parte ele nos mostra um motorista chegando à cidade de São Paulo, e se deparando com uma bela paisagem, o que seria impossível de ver nesta cidade atualmente, com toda a sua urbanização. a segunda parte do desenho, ao seguir em frente, o motorista vê que toda aquela linda paisagem, se tratava de um enorme outdoor de preservação a natureza, e logo a sua frente está a grande e poluída cidade de São Paulo.

Texto

Muitas vezes nós acabamos não vendo as coisas, não porque somos cegos ou porque passa despercebido, mas sim porque acostumamos com a situação, para nós uma lata jogada no chão ou um pneu em um rio, se tornou uma coisa tão corriqueira como tomarmos um copo de água, por exemplo.

A poluição vai afetar a todos, não só aos seres humanos, mas os animais e todo o meio ambiente em que vivem, pois já começaram a aparecer às conseqüências, que podemos ver em todos os meios de comunicação, o grande aquecimento global; não só o aquecimento de nosso planeta mostra os efeitos da poluição, mas podemos ver nos grandes centros urbanos que as enchentes estão se tornando cada vez mais freqüente, e o tratamento da água mais difícil.

Um gesto tão simples como jogar uma lata lixo ou deixar de jogar um papel de balas no chão, pode representar muito no futuro. Nós ainda não começamos a sentir todos os efeitos da poluição. Mas será que nossos filhos e netos terão a mesma sorte?

E nós como bons cidadãos estamos fazendo a nossa parte para preservarmos o meio ambiente?

- Estamos ajudando economizar luz e água?
- Estamos separando o lixo para a reciclagem?
- Estamos evitando jogar lixo nas ruas, mantendo as mesmas limpas?
- Estamos evitando a poluição do solo, do ar, dos rios e oceanos?
- Estamos evitando os desmatamentos e queimadas?
- Estamos efetuando o plantio de mais arvores?

Talvez não tenhamos a capacidade de solucionar todos os problemas ambientais que ora se apresentam, no entanto cada um fazendo a sua parte, por pequeno que o gesto possa representar, a somatória desses gestos vai fazer a diferença para que tenhamos um mundo melhor para se viver.

FONTE: Alunos (Oberdan, Tatiane, e Cleverson) – 1ª série do Ensino Médio, g. A1. Dados da Pesquisa, União da Vitória-PR, 2008.

No quadro (14) consta o compartilhamento das diversas impressões mentais advindas de cada aluno sistematizadas em projeto do qual resultou em desenho, objeto principal do trabalho idealizado pelo grupo, juntamente com texto elaborado pelos mesmos.



FIGURA 18 – Atividade: Desenho Inspirado pelas canções⁴⁷ – 1ª série G.A1 .

O desenho (fig. 18) concebido pelos alunos revela vários elementos da metodologia Kozel, os quais facilitam observação e análise desta atividade.

1- Interpretação quanto forma de representação dos elementos na imagem

Como explicitado, o grupo criou ilustração de situação hipotética que revela comparação de uma São Paulo menos urbanizada, representada em outdoor, contrapondo-se à realidade atual e diária desta cidade. Isto é constatado pela disposição das formas distribuídas na gravura, como: formas geométricas, linhas, letras, figuras e outras. Estas revelam uma cidade tomada pela ação antrópica, muitas vezes desenfreada e pouco amistosa em relação à natureza.

2) Interpretação quanto à distribuição dos elementos da imagem

Na seqüência observa-se a distribuição das formas no desenho. Nesse sentido as imagens horizontais, verticais e inclinadas caracterizam a perspectiva evidenciada pela visão do observador e/ou motorista marcada pelo painel do automóvel, seguida pelos traçados das linhas representadas nas ruas e rio, em

⁴⁷ Canções e vídeos-clipes – Do quadro: atividades compartilhadas 14 (p.89)
 Meu Reino Encantado, Vídeo-clip: http://www.youtube.com/watch?v=Z90bHH_k35E;
 Bem Te Vi, Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=OSMloIWHhc>;
 Quem é ele?, Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=JrUcGdjQAAo>
 Eu te Amo Meu Brasil, <http://www.youtube.com/watch?v=gW9fTy22dFY>

contraste com os morros e prédios ao fundo. Formas como o volante, o pinheiro aparecem isolados e dispersos; o desenho como um todo foi composto em quadro, mas os prédios, as árvores e as montanhas são os mais evidentes e de certa forma delatam a destruição do meio ambiente.

3) Interpretação quanto à especificidade dos ícones

As formas representadas no desenho apresentam-se em duas situações diferentes que mostram, uma paisagem natural bem caracterizada com vários elementos moldados pela natureza como: rio, sol (iluminação), vegetações, animais, solos e montanhas, em contraste com a paisagem construída configurada por prédios, ruas, pontes e outros. O interessante deste desenho é que o observador vê a paisagem pela visão do motorista a qual dele só foi desenhada sua mão, portanto o elemento humano e o elemento móvel aparecessem parcialmente, mas exercem grande influência na mensagem pretendida pelo grupo.

4) Apresentação de outros aspectos ou particularidades

No que diz respeito a outros aspectos ou particularidades pode-se dizer que por meio dos mapas mentais e das atividades (textos, projetos e trabalhos) podem-se mostrar além dos elementos colocados os seguintes: a modificação da paisagem, os problemas sócio-ambientais, percepção e representação topofílica, diversas formas de observar e estudar o espaço geográfico.

4.2.2 Atividades Didático-Pedagógicas Oriundas de Mapas Mentais Musicalizados

Esta seção apresenta as derradeiras atividades apresentadas pelos alunos das Turmas A e B, no decorrer desta pesquisa, concretizadas de maneira compartilhada e intersubjetiva. Aqui a intenção é revelar as concepções e construções mentais dos próprios alunos, sem preocupação de enquadrá-las em estruturas prévias, de modo que, por hora, deixamos de usar os quesitos da metodologia Kozel e buscamos a constatação dos respectivos mapas mentais oriundo dos trabalhos de cada grupo.

Para melhor entendimento é necessário dizer que vários sub-grupos foram montados, tanto no grupo A (turma) quanto na turma B, sendo que não foi determinado o número de participantes, pois dependendo da modalidade cada

apresentação poderia contar com mais, ou menos participantes. Vários trabalhos foram elaborados, todos foram apreciados, mas nem todos estão discriminados. As atividades aqui colocadas sintetizam as impressões e produções elaboradas pelos educandos.



FIGURA 19 – Atividades Apresentadas (G.A): Cartaz, Maquete, Painel e Mapas

Na figura (19), estão alguns trabalhos realizados por grupos de alunos da turma (A) do colégio CEJA, depois do trabalho individual subjetivo e da realização de projetos para a organização das atividades. Lembrando que os elementos do projeto seguem padrão discriminado no quadro (09), ou seja, procura identificar dados fonográficos, características da música/canção em questão, e organizar as **atividades oriundas de mapas mentais musicalizados**, destacando descrições subjetivas e intersubjetivas visando objetividade amparada no senso comum e conhecimento científico, mediados pela intervenção do professor regente de classe.

Com as ilustrações mostradas na figura (19) procuramos destacar a grande motivação dos alunos na realização das tarefas. Nesse sentido, evidenciamos a ressignificação dos conteúdos geográficos e o regate da emoção por ocasião das aulas.

Isto pode ser exemplificado no trabalho apresentado pelos alunos, que aparecem na figura acima, principalmente os meninos (da foto), que sempre se colocaram de modo arredo em relação às “tradicionais” aulas de geografia. No entanto, foi uma agradável surpresa quando estes alunos apresentaram seu trabalho, que além do cartaz o exercício foi completado com poesias, textos e depoimentos (apelo) pedindo maior conscientização em relação ao meio ambiente.

O grupo usou a música como ponto de partida na concepção, ao ouvir algumas canções e também como inspiração na apresentação do trabalho quando o jovem Lucas (que segura o violão) executou fundo musical para declamação dos poemas dos alunos (ao lado) Alexandro e Cristina.

Nesse trabalho em particular, e em outros foram exploradas a expressão artísticas (declamação, dramatização, canto, execução instrumental e outros) dos alunos que deixaram transmitir contentamento e prazer em tratar de conteúdos geográficos por meio de linguagem artística principalmente vinculada à música.

No caso da maquete o grupo da figura (19) faz comentário avaliativo e diz que sua inspiração vem da música “Meu Reino Encantado”⁴⁸, interpretada pelo cantor Daniel e tem objetivo de divulgar os elementos da natureza.

O grupo faz a seguinte **descrição subjetiva**: “Qualquer pessoa que ouça a canção “Meu reino encantado”, interpretada pelo cantor Daniel, e que tenha laços com a vida interiorana, logo a relaciona com imagens de lugares do interior de nosso país. Com a gente não é diferente. Apesar de ser nascido na cidade, ao ouvir a canção, recordo-me dos passeios de fim de semana no interior de outro município. O contato com a natureza daquela época é algo que ainda carrego nas minhas lembranças. A paisagem com densas matas de pinheirais e seus enormes troncos, onde eram necessários vários homens para abraçá-los; os lagos e os rios que eram de larguras imensas, com suas águas cristalinas, onde se visualizava os cardumes de peixes que ao sol, punham-se a dormir. Hoje tudo é diferente, a paisagem

⁴⁸ Meu Reino Encantado, Vídeo-clip: http://www.youtube.com/watch?v=Z90bHH_k35E; (Idem p. 93)

mudou. As densas matas de pinheirais deram lugar a imensas lavouras, as lagoas secaram, os rios tornaram-se estreitos e os carros de boi não existem mais.”

Também partindo da canção o grupo faz a seguinte avaliação quanto à **descrição objetiva**: “Nosso planeta Terra como o conhecemos hoje no meio físico, esta sempre em constantes transformações, seja pela ação das chuvas, dos animais que no seu ir e vir atrás de alimentos transformam o seu território, do homem industrial que usa os recursos naturais para a aquisição de capital necessário a sua sobrevivência e das pessoas que dele dependem, do homem urbano que expande cidades com suas construções e alterações do meio geográfico, do homem rural que também transforma o seu espaço, subtraindo dele, enquanto pequeno agricultor, para a sobrevivência sua e dos seus ou quando grande empreendedor de vultuosas transformações ambientais, agregando terras e derrubando matas para dar espaço à grandes pastos e plantações.”

Finalizam dizendo que “pessoas atentas a estas transformações e que possuem o dom da composição musical, expressam seus **sentimentos** através da música. O homem é o único que detém o poder da escrita, que aliada à tecnologia de mídia consegue espalhar as canções à todos e às gerações futuras.”

O grupo que apresenta o painel (figura 18) inspirados na canção “Tocando em Frente”⁴⁹, de autoria de Almir Sater diz que “a música faz parte da vida de todo o ser humano. Cada pessoa tem pelo menos uma trilha sonora que marcou a sua vida; a música liberta os sentimentos e enche de alegria qualquer ser vivo”.

Os alunos que fizeram trabalhos com desenhos e pinturas de mapas (figura 19) em isopor passaram pelo mesmo processo dos grupos anteriores e fazem a seguinte colocação: “não gostávamos de geografia, mas sempre gostamos de música, tivemos a sorte de ter um professor que as uniu. A geografia ficou mais fácil, pois a maioria das pessoas gostam de canções e foi com elas que aprendemos a ouvir os sons da natureza e entendê-la. As aulas ficaram mais fáceis, pois começou a envolver os sentimentos e as **emoções**; viajamos pelo universo que ficou mais perto de nós. Aprendemos várias coisas como a importância de cuidar da Terra e de tudo que faz parte dela.”

⁴⁹ Música/canção. Tocando em Frente, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=1QjtpNfdFwE>



FIGURA 20 – Atividades Apresentadas (g.A): História em Quadrinhos, Textos Cartazes, Painéis e Desenhos.

A figura (20) traz outras atividades apresentadas por alguns grupos da Turma (A) seguindo mesmo padrão de elaboração, com destaque para ilustrações por meio de desenhos, figuras e textos. Todos escolheram a canção “Casinha”⁵⁰ de Armandinho e avaliam que as aulas de geografia ficaram mais dinâmicas e interessantes com a utilização de música, pois esta despertou sentimentos, emoções, além de provocar a ressignificação dos conteúdos e criar várias possibilidades de aprendizagem.

Eles relatam alguns pontos geográficos que conseguiram encontrar na letra da canção como: “casinha no alto do morro”, leva a pensar em paisagem, relevo e vegetação. “Sair dessa cidade” lembra aspectos demográficos e IDH (Índice de Desenvolvimento Humano). “Natureza”, insinua algo sobre fauna e flora (vegetação). “Viver de frente pro mar” e “maré cheia ajudará”, lembra mar, oceano, água e a importância que tem para nós esse bem precioso à vida. E quando a “noite chegar” lembra os movimentos de rotação que a Terra faz para termos os dias e as noites.

⁵⁰ Música/canção. Casinha, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=qM7iaV2PiEk>

“Brisa de oeste sopra” lembra vento, mudanças climáticas, orientação, localização e mapas.



FIGURA 21 – Algumas Atividades Apresentadas pelo Grupo B

No canto superior esquerdo da figura (21), destacamos foto de parte da Turma B após apresentação de trabalhos. Nesta, é notável o grau de entusiasmo, satisfação e emoção expressos pelos alunos. Aproveitamos esta imagem para relatar que, além de provocar bons relacionamentos individuais, grupal e inter-grupal a prática docente também é beneficiada dentro desta dinâmica, ou seja, as aulas de geografia melhoram em todos os sentidos.

Na mesma figura estão algumas impressões mentais elaboradas e compartilhadas a partir de músicas/canções que sintetizam as concepções sócio-imagéticas dos alunos do G.B do colégio CESC, transformadas em atividades didático-pedagógicas. Vários trabalhos foram realizados seguindo diversos formatos desde de desenhos, gravuras e outras ilustrações até textos escritos, dramatizados e musicalizados.

Para ilustrar, destacamos o trabalho da figura (21), a primeira no canto inferior esquerdo, que dá idéia dos demais trabalhos. Este pode ser observado no quadro a

seguir que organiza as percepções e representações compartilhadas pelo grupo, que teve como apreensão sógnico-imagética a elaboração de maquete.

QUADRO 15 – Atividades Compartilhadas: Projeto (maquete) Planeta Água⁵¹

PROJETO: concebido a partir da canção Planeta Água de Guilherme Arantes

Água que nasce na fonte/ Serena do mundo/ E que abre um profundo grotão

Águas escuras dos rios/ Que levam/ A fertilidade ao sertão ...

Águas que caem das pedras (...) Água que o sol evapora

Águas que movem moinhos/ São as mesmas águas/

Que encharcam o chão/ E sempre voltam humildes/ Pro fundo da terra (...)

Terra! Planeta Água/ Terra! Planeta Água/ Terra! Planeta Água

TEMA: Planeta Terra.

TÍTULO: Água, um bem precioso.

Descrição Subjetiva: Na maioria das vezes não paramos para pensar na beleza da natureza, mas ouvindo esta música percebemos a importância das pequenas coisas, de como a água é um bem precioso. Algo que nos acalma e com o seu som nos deixa felizes pelas várias maneiras de utilização e em geral o maior meio de sobrevivência terrestre. Nos transmite uma certa paz, um ar de reflexão, uma calma de espírito e nos faz imaginar várias coisas de uma maneira perfeita. A melodia calma da música, relacionada com a letra que fala de uma coisa tão bela e essencial para a vida de todos nós, nos faz pensar em tudo o que existe nesse mundo principalmente na água.

Descrição Objetiva: A água nasce e se transforma em um belo riacho. Leva a fertilidade a todos os lugares, mas as vezes a água trazida pela chuva causa muitas enchentes. Elas movem moinhos. Sem ela não viveríamos, pois é o bem precioso da natureza.

É nas nascentes que se começa todo o caminho que um rio vai percorrer até chegar a sua foz. O pequeno riacho ou o grande rio neste caminho que percorre, leva a vários lugares a água, uma coisa tão essencial para a vida de todos.

A água leva fertilidade ao solo, serve para cozer alimentos, tomar banho, para refrescar-se nos dias quentes, para beber, pois é muito saudável.

Esta água também é usada como energia mecânica para mover turbinas de grandes hidrelétricas ou pequenos moinhos.

Os rios são fonte de alimento para várias pessoas e, mesmo assim, com a consciência de que não podemos viver sem água, e que ela pode acabar, continuamos a poluir rios, fazer desmatamentos, desperdiçá-la, então esta dívida da natureza pode acabar, também a vida pode acabar, então cada um deve fazer a sua parte cuidando para que ela não acabe.

FONTE: Alunos da 1ª série do Ensino Médio, G.B. – União da Vitória-PR, 2008.

Quanto a apresentação da maquete, em sala de aula, cada aluna comentou sobre sua impressão advinda da música: a aluna Rita retira impressão que denomina de “Paz em movimento” e diz que: “cuidar da natureza, das águas, com a intervenção do homem, o meio ambiente sofreu transformações drásticas; precisamos entrar em equilíbrio com a natureza, pois precisamos dela para sobreviver. A aluna Liliane mostra “os contrastes da cidade e do campo, a destruição que o homem causa na natureza para obter benefícios.” Por sua vez, Veroní

⁵¹ Música/canção. Canção Planeta Água, vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=5humo0Xk-V0>

destaca que “a luz do Sol é essencial à vida tanto animal quanto vegetal sem ela os seres vivos não se desenvolvem.” Vanessa representa na maquete “a natureza preservada e o homem apossando-se dela, destruindo-a e conseqüentemente acabando com sua própria vida.” Finalizando, a apresentação a aluna Andressa diz que “as pessoas querem entrar em contato com a natureza para ter paz, tranqüilidade e se livrar do stress da cidade grande, mas em conseqüência destroem o meio ambiente jogando lixo, limpando áreas para colocar suas barracas, etc. Se continuar assim, não haverá mais este lugar para seu bem estar.” Com o detalhamento desta apresentação, deixamos algumas idéias das atividades compartilhadas, pelos alunos e mediadas pelo professor regente, as quais sintetizam boa parte das impressões sÍgnico-imagéticas (mapas mentais) na concepção e realização das atividades.

4.3 AVALIAÇÕES E CONSTATAÇÕES

Por ocasião do tratamento empírico-metodológico, aplicação e resultados da pesquisa ora realizada, observou-se de modo geral, que a música continua sendo ótimo componente metodológico e pedagógico, podendo ser utilizada em qualquer momento do processo ensino-aprendizagem. Genericamente, por parte dos educandos, notou-se acentuadas modificações na aceitação, concepção, vivência e assimilação das propostas e práticas docentes apresentadas.

Contrapondo-se às primeiras impressões, diagnosticadas no primeiro capítulo desta pesquisa, pode-se dizer que, a maioria dos alunos dos Grupos A e B reconsideraram pensamentos negativos e arredios que tinham em relação às aulas de geografia, isto pode ser confirmado, neste capítulo, pelos depoimentos dos próprios alunos.

Quanto às concepções e vivências, em relação à apreensão de conteúdos, por meio da música, observamos melhorias na prontidão e aceitação das proposições dos conteúdos sugeridos no dia a dia da sala de aula. Praticamente, a totalidade da classe se empenhou nos dois momentos (subjetivo e intersubjetivo) aplicados no ano letivo de 2008 nas escolas indicadas.

Sendo assim, constatamos que as primeiras intervenções discentes postas sobre as canções: “Canto do Povo de Um Lugar” e “O Sal da Terra” atingiram excelente grau de cognição desencadeada pelo sentimento e criatividade.

Os mapas mentais, tanto no momento subjetivo e intersubjetivo, desencadeados pelos textos musicais, tiveram papéis semelhantes, mas, com dimensões diferenciadas, pois o primeiro liberou o indivíduo e sua idiossincrasia e deixou que sua imaginação, por meio das canções intencionalizadas pelo texto geográfico, recriassem, ao seu comando, as percepções e representações.

Nesse caso, como o estudante ficou relativamente livre para suas manifestações, foram explorados: formas, imagens, ícones elementos naturais e humanos da paisagem e principalmente, de acordo com a metodologia Kozel, a apresentação de outros (diversos) aspectos ou particularidades constantes no imaginário dos alunos. Nesse sentido, constatou-se que as produções descritivas (textos narrativos e poéticos) e desenhos – solicitados pelo professor, por serem mais simples e eficientes para a representação – foram as manifestações mais praticadas.

No momento intersubjetivo ocorreu a troca de experiência, sentimento e criação; dimensão fundamental para a concretização da pesquisa. A emoção, sempre presente e compartilhada, também contribuiu para a ressignificação de conteúdos geográficos. Apenas para lembrar, os conteúdos básicos foram: a geografia como ciência, espaço vivido (lugar), Planeta Terra e seus agentes internos e externos, elementos da natureza, meio ambiente, foram alguns dos conteúdos trabalhados sob a inspiração de música/canção.

No geral, notamos que a objetividade foi mantida e renovada nas sistematizações sógnico-imagéticas, produções individuais e coletivas realizadas pelos alunos movidas pelas músicas compartilhadas e reproduzidas pelos grupos e materializadas em forma de: paródias, história em quadrinho, elaboração e interpretação de poesias, dramatizações, teatro, crônicas, depoimentos, ilustrações gráficas, confecção de cartazes, painéis, maquetes, mapas, desenhos etc., fazendo da geografia uma disciplina bem aceita no ambiente educativo, dinamizando as aulas de geografia.

O objetivo central do tratamento empírico-metodológicos dado nos dois momentos foi demonstrar que o sentimento, o pensamento, a emoção e a razão, provocados pela arte musical, devem ser realizadas, principalmente no ensino de geografia em sala de aula, de forma conjunta e que o aluno, ator geográfico e social, deve ampliar as diversas maneiras de conceber e representar as coisas, fenômenos, fatos e acontecimentos que os rodeiam em seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentamos as considerações finais deste trabalho, notamos a necessidade de constante renovação e realimentação de elementos tanto epistemológicos como pedagógicos no trato da ciência geográfica.

Por isso, acreditamos que a representação e ensino de geografia por meio de textos musicais, serviram de base metodológica tanto no fazer geográfico como no fazer pedagógico, pois a emoção e razão são constituintes naturais da música as quais somadas à geografia exploraram, de modo criativo e crítico os saberes naturais, ambientais e sócio-culturais.

A realização da pesquisa, tendo como objeto o acompanhamento das produções perceptivas e representacionais dos grupos A e B, em relação aos conteúdos geográficos por meio de linguagem musical, ampliou o fazer pedagógico no nível médio da educação básica, ao mesmo tempo que alterou algumas percepções, em relação ao ensino de geografia dos alunos envolvidos.

Notamos que os grupos (A e B), nos momentos subjetivos e intersubjetivos, por meio de atividades musicalizadas tiveram momentos criativos, emocionais e interdisciplinares.

Observamos que não ocorreu acentuada diferenciação no ensino-aprendizado dos alunos em relação a questão de ordem sócio-econômica, sugeridas no início da pesquisa, bem como, no que diz respeito a capacidade de imaginação, emoção e racionalização, no tocante à elaboração das atividades desenvolvidas.

Teoricamente, diante da proposição desta pesquisa, e para refletir a problemática do ensino formal, no âmbito da geografia escolar, tivemos que beber da fonte inesgotável da geografia humanista cultural, a qual serviu de aporte científico e reflexivo.

Dentro desta perspectiva, no tocante à disciplina de geografia, na escola, realizada no Ensino Básico, observou-se adaptação mais eqüitativa em relação aos alicerces constantes na LDBEN 9394/96, ou seja, diante da proposta apresentada, os aprenderes: **ser** e **viver**, juntamente, ao fazer e conhecer, se adaptaram melhor dentro da perspectiva humanista cultural.

Vimos que para atender as necessidades no ensino-aprendizagem, o humanismo, a cultura e comunicação constituem-se dimensões imprescindíveis. Nesse sentido, o individual e o coletivo devem ser tomados como referencial de

partida e chegada, pois as atuações das pessoas (atores/alunos) no geográfico e no social, despertam estudos que perpassam aspectos fenomenológicos e representacionais de seus espaços de vivência.

Com o desenvolver das atividades, observou-se reversão às impressões negativas que os alunos dos grupos pesquisados colocavam em relação às aulas de geografia.

Acreditamos que a maneira tradicional de condução das aulas, ou seja, a colocação prescritiva dos conteúdos é que as tornam enfadonhas e monótonas. Por outro lado, o aluno se sentindo agente/ator e produtor do conhecimento, pode provocar nova visão cognitiva ante a disciplina em questão.

Percebemos, que ao terminar a pesquisa, conseguimos ressignificar o fazer geográfico, seus principais conteúdos e categorias (lugar, paisagem, região e outras), assim como regatar a emoção nas aulas de geografia por meio da música em forma de canção. Também, obtivemos êxito na abordagem do Eu (subjetivo) e do Outro (intersubjetivo).

Destacamos as atividades desenvolvidas nos dois semestres que ampliaram o processo ensino aprendizagem, através das primeiras percepções e representações, quando da audição das canções, tornaram possível o trabalho sígnio-imagético e reflexivo dos alunos, assim como, a realização das diversas atividades resultando nos mapas mentais.

Quanto a adaptação da metodologia Kozel às atividades didático-pedagógicas, pudemos notar grande grau de pertinência em sua execução, servindo aos interesses do trabalho, pois além de sua validação acadêmica, ocorreram facilidades nas ações pedagógicas e nos procedimentos, facilitando a sistematização das concepções e produções dos educandos.

Contudo, para que haja aprendizagem o aluno (sujeito individual e coletivo) deve reunir toda sua bagagem cultural, racional e sua vivência diária em seu ambiente (lugar) para que possa realizar seus mapas mentais oriundos de percepções, situações, fatos do espaço sócio-geográfico que podem ser representados por imagens inspiradas e resgatadas no conteúdo textual das canções.

Esse caminho foi escolhido, porque acreditamos nas relevantes contribuições à educação, pois traz vários exemplos eficazes, de sua aplicabilidade ao longo do tempo. A idéia central foi usar, basicamente, o *conteúdo poético e textual da música*

e sua linguagem universal, assim como outras manifestações, na promoção da interdisciplinaridade junto aos conteúdos geográficos.

Percebemos, claramente, que com a utilização de linguagem musical em sala de aula, foi mais fácil organizar as ações de ensino, pois as diversas sonoridades e suas qualidades dinamizaram e adequaram emoções, sensações, percepções e raciocínios refletindo-se no modo de sentir, perceber e pensar de sujeitos em seu espaço de permanência, ou seja, a sala de aula e adjacências.

Observou-se que letras e estilos musicais facilitaram o trato de assuntos voltados aos ecossistemas, ambientes ecológicos, culturais e ligações para situações da vida real na sala de aula e o dia a dia do aluno.

Na escola, onde se pratica a educação em sua plenitude, não pode deixar de lado os princípios até aqui sinalizados, sendo que corre o risco de continuar apenas reproduzindo a sociedade.

À geografia escolar a disseminação do conhecimento é fundamental, e o aluno é centro das ações pedagógicas e ponto de partida e chegada no processo ensino-aprendizagem, pois os conteúdos estudados sugeridos e mediados pelo professor, devem deflagrar o fazer geográfico e mover educando e educador em direção dos saberes dentro de contextos: topofílico, corporal, sócio-cultural e natural.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Osvaldo Bueno. A Pluralidade da Geografia e a Necessidade das Abordagens Culturais. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Org.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstrução teórica da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Mensagem, 2007. pp. 15-35.

ANDRÉ, Yves. Et al. **Modèles Graphiques et Representations Espatiales**. Paris: Anthropos, 1990.

ANDRÉ, Yves. **Enseigner les représentations spatiales**. Paris: Anthropos, 1998.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. (Trad. Antonio de Pádua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção Tópicos), 6ª tiragem 2003.

BAILLY, Antoine; SCARIATI, R. **L' Humanisme en Géographie**. Paris: Anthropos, 1990.

BAILLY, Antoine et al. **Géographie Régionale et Représentations**. Paris: Anthropos, 1995.

BICUDO Maria Aparecida Viggiani; CAPPELLETI, Isabel Franchi. (Org.). BICUDO Maria A. Viggiani. **A Contribuição da Fenomenologia à Educação**. In: **Fenomenologia, Uma Visão Abrangente da Educação**. São Paulo: Olho d' Água, 1999. pp. 11-51

BRASIL– PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais): **Arte** - Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

____ MEC - Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

____ MEC - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

____ MEC-Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Geografia, p. 45, v. 3.

____ MEC - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação. Orientações Curriculares Nacionais Para o Ensino Médio. Ciências Humanas e suas Tecnologias. 2007, v. 03. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br.mec.gov.br>>. Acesso 12 out. 2008.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro: Difel, 1985. pp.165-194.

CALDERANO, Maria da Assunção. **Notas Sobre a Fenomenologia Social de Schutz: Considerações acerca de alguns pressupostos filosóficos.** 2001 Artigo disponível em: <www.ufpe.br/eso/revista7/social.html>. Acesso em: 21 dez. 2008.

CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas:** inteligências múltiplas na sala de aula. Trad.: Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2000.

CAPRA, Frijof. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente.** (Trad.) Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1999.

CLAVAL, Paul. A Geografia Cultural. (trad.) de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CLAVAL, Paul. As Abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; LOBATO, Corrêa. (Organizadores). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp.89-117.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Organizadores). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CORREIA, Marcos Antonio. **Música na Educação: uma possibilidade pedagógica.** Revista Luminária, União da Vitória-PR, n. 6, p. 83-87. 2003. Publicação da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. ISSN 1519-745-X.

COSTA, L. Silva; VLACH, V.R. Farias. **O Curso de Licenciatura de Geografia em Debate.** Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/EDU/edu1415.htm>> Acesso em: 03 set. 2008.

COSTA, Franklin Roberto da. O ensino da geografia através do cancioneiro potiguar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 13, 2002, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa, 2002.

DEMANGEON, Albert. **Uma Definição da Geografia Humana.** In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia.** 2. ed. Rio Claro SP: Difel, 1985. pp. 49-57.

FARR, Rob M. Representações Sociais: A teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais.** 8.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2003. pp. 31-59.

FERREIRA, Martins. **Como Usar a Música na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto. 2005. (Coleção como usar na sala de aula).

FUSARI, M. F. de R.; FERRAZ, Maria H. C. de T. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1992.

- GAINZA, V. H. **Estudos de psicopedagogia musical**. São Paulo: Summus, 1989.
- GALEFFI, R. **A filosofia de Immanuel Kant**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 5 .ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. (Coleção: Educação e conhecimento).
- GARDNER, Howard. **Estrutura da Mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
- GARDNER, Howard. Entrevista sobre: **Inteligências Múltiplas**. Entrevista cedida pela revista Pátio – Ed. Artes Médicas. Disponível em: <http://www.abrae.com.br>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Representação do Eu na Vida Cotidiana**. (Tradução de Maria Célia Santos Raposo). Petrópolis, Vozes, 1985.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GOLEMAN, Daniel - Entrevista cedida pela revista Pátio – Ed. Artes Médicas sobre Inteligência Emocional. Disponível em: www.abrae.com.br/entrevistas/entr_gar.htm - 13k. Acesso em: 21 dez. 2008. (s/data).
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. (Trad.) Marcos Santarrita. 69 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.
- HOLZER, Werther. **A geografia humanista: uma revisão**. Revista Espaço e Cultura (NEPEC), Rio de Janeiro, n. 3, 1997.
- HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. (Trad. Frank de Oliveira). São Paulo: Madras, 2001.
- HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas – Sexta Investigação: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento**. (Seleção e Tradução de Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic). Editora Nova Cultural, 1996.
- JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução: Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001
- JOHNSTON, R.J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo: Difel, 1986.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a Vida com os Outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. 8.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2003. pp.63-85.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o Jornal e Outros Cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 135-169.

KOZEL, Salette. Mapas Mentais – Uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto. (Org.). **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstrução teórica da geografia cultural e humanista**. São Paulo: Terceira Mensagem, 2007. pp.114-138

_____. Comunicando e Representando: Mapas Como Construções Socioculturais. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) **A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza-CE: Expressão, 2006. pp.131-149.

_____. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Contexto, 2002. pp. 215-230

KONG, Lily. Popular Music in Geographical Analyses by Lily Kong - Department of Geography National University of Singapore - 10 Kent Ridge Crescent Singapore 0511. Progress in Human Geography 1995, Vol. 19, pp 183-98. Disponível em: <<http://usj.sagepub.com/cgi/content/abstract/34/3/441>>. Acesso Lily em: 21 set. 2008

KROPOTKIN, Piotr. O Que a Geografia Deve Ser. In: Vesentini, José William. **Geocrítica – Geopolítica: Ensino de Geografia**. Disponível em: <<http://www.geocritica.com.br/texto08.htm>>. Acesso: 30 mar. 2009.

LENCIONI, Sandra. Região e Geografia: a noção de região no pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 1999. pp 187-204.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LYOTARD, J. F. **A Fenomenologia**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Difusão Européia do Livro. 1967. Coleção “Saber Atual”.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. 2. ed. Rio Claro: Difel, 1985. pp.103-142.

MASSI, Cosme D. B. **Educação Integral** - Portal Aprende Brasil. Disponível em: <<http://www.aprendebrasil.com.br/articulas/cosme0001.asp>>. Acesso em: 03-mar. 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. (Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representações Sociais Dentro da Sociologia Clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em Representações Sociais**. 8.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro:Vozes, 2003. pp. 89-111.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix 1997.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. (Trad.) Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PARANÁ. SEED - Secretaria de Estado da Educação. **DCE-Diretrizes Curriculares da Rede Pública do Estado do Paraná**. Curitiba, PR, 2007. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 30 mar. 2008.

_____. SEED - Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná. **DCE - Diretrizes Curriculares de Geografia para a Educação Básica**. Curitiba-PR, 2006. 54 p.

_____. SEED - Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, Diretrizes Curriculares da Educação de Educação Básica. Paraná, 2003/04.

PEREIRA, Diamantino. Geografia escolar: uma questão de identidade. In: **Cadernos CEDES**. (39): p. 47-56, dez. 1996.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A geografia: pesquisa e ensino. In CARLOS, ANA Fani Alessandri. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, pp. 111-142, 1999.

RELPH, Edward. Phenomenology. In: HARVEY, M. E.; HOLLY, B. P. **Themes in geographic thought**. Londres: Croom Helm, 1981, pp. 99-114.

SANTOS, Clézio. Desenho e Mapas no Ensino de Geografia: A linguagem visual que não é vista. In: SEEMANN, Jörn. (Org.) **A Aventura Cartográfica: Perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza-CE: Expressão, 2006. pp.185-200.

SCHAFER Murray. **O Ouvido Pensante**. Tradução Marisa Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lúcia Pascoal. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SCHALLER, Katrin. Acordes curativos. **Viver Mente&cérebro: revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento**. São Paulo, 64-69, junho 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. (Trad.: M. F. Sá Correia). Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da Música, Seus Usos e Recursos**. São Paulo: UNESP, 2002.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.

SWANWICK, Keith. **Ensinando Música Musicalmente**. São Paulo: Moderna, 2003.

TOMÁS, Lia.: **Ouvir o Logos: música e filosofia**. São Paulo: UNESP 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**; um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo, Difel, 1980.

_____. **Espaço e lugar**: A perspectiva da experiência, trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ZISKIND, HÉLIO. O Som e Sint: uma trilha para o som e o sentido. In: WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. pp.259-277.

REFERÊNCIAS PRIMÁRIAS

PPP-CEJA. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual José de Anchieta**. Julho de 2008. União da Vitória/Paraná. p. 55. (SEED-PR/ Núcleo de Educação de União da Vitória).

PPP-CESC. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual São Cristóvão**. Abril de 2008. União da Vitória/Paraná. p. 78 (SEED-PR/ Núcleo de Educação de União da Vitória).

REFERÊNCIAS DISCOGRÁFICA⁵² (PRIMÁRIAS) – VÍDEO CLIPS

Canto de um Povo de um Lugar. Caetano Veloso. Composição: Caetano Veloso
Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=U7n26lWsJsl>>. Acesso: 03 mar. 2008.

O Sal da Terra. Roupas Nova. Composição: Beto Guedes - Ronaldo Bastos.
Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FmzExNQJi3g>> . Acesso: 03 mar. 2008.

Tarde Vazia. Ira!. Composição: Scandurra e Gaspa. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JJ2KlvuTQlw>>. Acesso em: 03 set. 2008.

O Autor da Natureza. Elba Ramalho. Comp.: Zé Vicente da Paraíba; Passarinho do Norte / Bráulio Tavares. Disponível em: <<http://br.youtube.com/watch?v=SF2>>

⁵² Obs.: Organizado de acordo com seqüência das: letras, CD e Vídeo Clips - anexos.

dmSNggho>. Acesso em: 03 set. 2008.

Pantanal. Sagrado Coração da Terra Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=l6_umP5-pVE>. Acesso em: 03 set. 2008.

Aquarela – Chimarruts. Composição: Vinícius de Moraes / Toquinho. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=QHFrOvFZTOI>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Quando a Chuva Passar. Ivete Sangalo. Composição: Ramón Cruz. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=eBfu8f5pesM>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Vida Boa. Victor e Leo. Composição: Victor Chaves. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ngdNuH3TuoU>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Meu Reino Encantado. Daniel. Composição: Valdemar Reis e Vicente F. Machado. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Z90bHH_k35E>. Acesso em: 03 set. 2008.

Quem é Ele?. Zezé Di Camargo e Luciano. Composição: Zezé Di Camargo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=JrUcGdjqaAo>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Bem-Te-Vi. Zé Fortuna & Pitangueira. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OSMloIWyHhc>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Eu te Amo, meu Brasil. Guilherme e Santiago. Composição: Dom/Ravel. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gW9fTy22dFY>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Tocando em Frente. Almir Sater. Composição: Almir Sater e Renato Teixeira. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=1QjtpNfdFwE>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Casinha. Armandinho. Composição: Armandinho. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qM7iaV2PiEk>>. Acesso em: 03 set. 2008.

Planeta Água. Guilherme Arantes. Composição: Guilherme Arantes. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=5humo0Xk-V0>>. Acesso em: 03 set. 2008.

ANEXO A - ENQUETE DISCIPLINAS PREFERIDAS

Colégio: _____

Série: _____ Idade: _____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Marque (X) na alternativa que melhor lhe convém.

1- Estudar é ...

() Importante () Necessário () Dispensável

2- Marque a ordem das disciplinas de sua preferência:

() Matemática, Física, Química, L. Portuguesa., Biologia Artes, Ed. Física, História e Geografia.

() L. Portuguesa., Biologia Artes, Ed. Física, História, Geografia Matemática, Física e Química.

() Artes, Ed. Física, História, Geografia Matemática, Física, Química, L. Portuguesa e Biologia.

() Geografia, História, Matemática, Física, Química, L. Portuguesa e Biologia Artes, Educação Física.

() Geografia, Matemática, História, Química, L. Portuguesa, Biologia Artes, Física e Educação Física.

3- Escreva o nome de três disciplinas de sua preferência

a) + + + _____

b) + + _____

c) + _____

4- Escreva o nome de três disciplinas que você não faz questão de estudar.

a) + + + _____

b) + + _____

c) + _____

5- Escreva o que pensa sobre as aulas de geografia, durante sua vida escolar.

Você mudaria algo nas aulas de geografia? Explique. (no verso)

ANEXO B - Plano: Dados, Características e Atividades (PIS e Mapas Mentais)

A - Dados fonográficos – Obra - CD musical e outros

SOBRENOME, Prenome do(s) compositores(s). Intérprete da parte.

Título:

In: TÍTULO DO CD.

Local:

Editor, ano.

descrição:

Indicação da faixa.

(tempo de duração).

B- Características da Música/Canção:

1. Gênero:

2. Andamento (com base nas batidas do seu coração e do seu andar)

() muito rápido () rápido () médio () lento

() alternados outros [se marcar este – último – descreva]

3. Escreva o que, e como entende sobre a música/canção que ouviu: ritmo, melodia, harmonia; som (grave, médio agudo), suave, agitada, introspectiva, triste) e outras características.

C – ATIVIDADES (PIS e Mapas Mentais)

1- PIS - Plano Intencional Subjetivo

a) Tema:

b) Título:

c) DIS - **Descrição Intencional subjetiva** – procure identificar o que tem de geográfico (elementos, conceitos, idéias, palavras, e categorias) na música/canção. Use a **imaginação** (imagens que vem em sua mente), a **emoção** e o **pensamento**.

2 – Mapas Mentais

a) **DIS: Descrição Intencional Objetiva:** elabore texto (conteúdo geográfico) baseado na música/canção; nas aulas e pesquisa bibliográfica.

b) **Concepções Sígnico-Imagéticas:** represente por meio de: imagens, desenhos, figuras, cartazes, maquetes, painéis e outros) o que aprendeu (aprendeu).

ANEXO C – LETRAS, CD e VÍDEO-CLIPS

1- Canto de um Povo de um Lugar - Caetano Veloso -

Composição: Caetano Veloso

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=U7n26lWsJsl>

Todo dia o sol levanta/ E a gente canta/ Ao sol de todo dia

Fim da tarde a terra cora/ E a gente chora/ Porque finda a tarde

Quando a noite a lua mansa/ E a gente dança/ Venerando a noite

2 - O sal da Terra - Roupas Nova - Composição: Beto Guedes - Ronaldo Bastos

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=FmzExNQJi3g>

Anda, quero te dizer nenhum segredo/Falo nesse chão da nossa casa/ Vem que tá na hora de arrumar/ Tempo, quero viver mais duzentos anos/ Quero não ferir meu semelhante/ Nem por isso quero me ferir/ Vamos precisar de todo mundo/ Pra banir do mundo a opressão/ Para construir a vida nova/ Vamos precisar de muito amor/ A felicidade mora ao lado/ E quem não é tolo pode ver/ A paz na Terra, amor / O pé na terra/ A paz na Terra, amor/ O sal da Terra/ És o mais bonito dos planetas/ Tão te maltratando por dinheiro/ Tu que és a nave nossa irmã/Canta, leva tua vida em harmonia/ E nos alimenta com teus frutos/ Tu que és do homem a maçã/ Vamos precisar de todo mundo/ Um mais um é sempre mais que dois/ Pra melhor juntar as nossas forças/ É só repartir melhor o pão/ Recriar o paraíso agora/ Para merecer quem vem depois/ Deixa nascer o amor/ Deixa fluir o amor/ Deixa crescer o amor/ Deixa viver o amor/ (O sal da terra)

3 - Tarde Vazia - Ira! - Composição: Scandurra e Gaspa

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=JJ2KlVuTQlw>

Pela janela/ Vejo fumaça/ Vejo pessoas... / Na rua os carros/ No céu o sol e a chuva/ O telefone tocou/ Na mente fantasia.../ Você me ligou/ Naquela tarde vazia/ E me valeu o dia...(2x) / Pela janela/ Vejo fumaça/ Vejo pessoas.../ Na rua os carros/ No céu o sol e a chuva/ O telefone tocou/Na mente fantasia.../ Você me ligou/ Naquela tarde vazia/ Na mente fantasia...(2x)/ Você me ligou/ Naquela tarde vazia/ E me valeu o dia.../ Valeu o dia!/ Valeu o dia!/ Você me ligou/ Naquela tarde vazia/ Na mente fantasia/ Na mente fantasia/ Na mente fantasia.../ Podia ter/ Muitas garotas/ Mas você é diferente/ Você me ligou/ Naquela tarde vazia/ E me valeu o dia/ Valeu o dia!/ Valeu o dia!.../ Na mente fantasia/ Na mente fantasia.../ Cantando a melodia/ Cantando a melodia...

4 – Pantanal (Sagrado Coração da Terra) - Composição: Indisponível

Vídeo-clip: http://www.youtube.com/watch?v=l6_umP5-pVE

São como veias, serpentes/ Os rios que trançam o coração do Brasil/ Levando a água da vida/ Do fundo da terra ao coração do Brasil/ Gente que entende/ E que fala a língua das plantas, dos bichos/ Gente que sabe/ O caminho das águas das terras, do céu/ Velho mistério guardado no seio das matas sem fim/ Tesouro perdido de nós/ Distante do bem e do mal/ Filho do Pantanal// Lendas de raças,cidades perdidas/ Nas selvas do coração do Brasil/// Contam os índios de deuses/ Que descem do espaço no coração do Brasil Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois/ Lutar com unhas e dentes/ Pra termos direito a um depois/ Vem de um milênio o resgate da vida do sonho do bem/ A terra é tão verde e azul/ Os filhos dos filhos dos filhos// Dos nossos filhos verão// Lendas de raças,cidades perdidas/ Nas selvas do coração do Brasil/ Contam os índios de deuses/ Que descem do espaço no coração do Brasil/ Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois/ Lutar com unhas e dentes/ Pra termos direito a um depois/ Vem de um milênio o resgate da vida do sonho do bem/ A terra é tão verde e azul/ Os filhos dos filhos dos filhos/ Dos nossos filhos verão/// O futuro é tão verde e azul/ Os filhos dos filhos dos filhos/ Dos nossos filhos verão

5 – Aquarela - Chimarruts - Composição: Vinícius de Moraes / Toquinho

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=QHFrOvFZTOI>

Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo/ E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo. / Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva,/ E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva./// Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel,/ Num instante imagino uma linda gaivota a voar no céu./ Vai voando, contornando a imensa curva Norte e Sul,/ Vou com ela, viajando, Hawái, Pequim ou Istambul./ Pinto um barco a vela branco, navegando, é tanto céu e mar num beijo azul./// Entre as nuvens vem surgindo um lindo avião rosa e grená./ Tudo em volta colorindo, com suas luzes a piscar./ Basta imaginar e ele está partindo, sereno e lindo,/ E se a gente quiser ele vai pousar./// Numa folha qualquer eu desenho um navio de partida/// Com alguns bons amigos bebendo de bem com a vida./ De uma América a outra consigo passar num segundo,/ Giro

um simples compasso e um círculo eu faço no mundo./// Um menino caminha e caminhando chega no muro/// E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está./ E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar./ Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar./ Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar./ Nessa estrada não nos cabe conhecer ou ver o que virá./ O fim dela ninguém sabe bem ao certo onde vai dar./ Vamos todos numa linda passarela/ De uma aquarela que um dia, enfim, descolorirá.

6- Quando a Chuva Passar - Ivete Sangalo - Composição: Ramón Cruz

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=eBfu8f5pesM>

Pra que falar?/ Se você não quer me ouvir/ Fugir agora não resolve nada.../// Mas não vou chorar/ Se você quiser partir/ Às vezes a distância ajuda/// E essa tempestade/ Um dia vai acabar.../// Só quero te lembrar/ De quando a gente/ Andava nas estrelas/ Nas horas lindas/ Que passamos juntos...///A gente só queria amar e amar/ E hoje eu tenho certeza/ A nossa história não/ Termina agora/ Pois essa tempestade/ Um dia vai acabar.../// (Refrão)/ Quando a chuva passar/ Quando o tempo abrir/ Abra a janela/ E veja: Eu sou o Sol.../ Eu sou céu e mar/ Eu sou seu e fim/ E o meu amor é imensidão.../// Só quero te lembrar/ De quando a gente/ Andava nas estrelas/ Nas horas lindas/ Que passamos juntos.../// A gente só queria amar e amar/ E hoje eu tenho certeza/ A nossa história/ Não termina agora/ Pois essa tempestade/ Um dia vai acabar.../// Refrão (2x)/ Oh! Oh! Oh! Oh!/ Hey! Hey!/ Oh! Oh! Oh! Oh!...

7 - Vida Boa - Victor e Leo - Composição: Victor Chaves

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=ngdNuH3TuoU>

Moro num lugar/ Numa casinha inocente do sertão/ De fogo baixo aceso no fogão, fogão à lenha ai ai/ Tenho tudo aqui/ Umas vaquinha leiteira, um burro bão/ Uma baixada ribeira, um violão e umas galinha ai ai/// Tenho no quintal uns pé de fruta e de flor/ E no meu peito por amor, plantei alguém(plantei alguém)/// Refrão/ Que vida boa ô ô ô/ Que vida boa/ Sapo caiu na lagoa, sou eu no caminho do meu sertão/// Vez e outra vou/ Na venda do vilarejo pra comprar/ Sal grosso, cravo e outras coisa que fartá, marvada/ pinga ai ai/ Pego o meu burrão/ Faço na estrada a poeira levantar/ Qualquer tristeza que for não vai passar do mata-burro/ ai ai/// Galopando vou/ Depois da curva tem alguém/ Que chamo sempre de meu bem, a me esperar (a me esperar)

8 - Meu Reino Encantado - Daniel - Composição: Valdemar Reis e Vicente F. Machado

Vídeo-clip: http://www.youtube.com/watch?v=Z90bHH_k35E

Eu nasci num recanto feliz/ Bem distante da povoação/ Foi ali que eu vivi muitos anos/ Com papai mamãe e os irmãos/Nossa casa era uma casa grande/Na encosta de um espigão/ Um cercado pra guardar bezerro/ E ao lado um grande mangueirão/ No quintal tinha um forno de lenha/ E um pomar onde as aves cantava/ Um coberto pra guardar o pilão/ E as traíças que papai usava/ De manhã eu ia no paiol/ Um espiga de milho eu pegava/ Debulhava e jogava no chão/ Num instante as galinhas juntava/ Nosso carro de boi conservado/ Quatro juntas de bois de primeira/ Quatro cangas, dezesseis cansis / Encostados no pé da figueira/ Todo sábado eu ia na vila/ Fazer compras para semana inteira/ O papai ia gritando com os bois/ Eu na frente ia abrindo as porteiras./ Nosso sítio que era pequeno/ Pelas grandes fazendas cercado/ Precisamos vender a propriedade/ Para um grande criador de gado/ E partimos pra a cidade grande/ A saudade partiu ao meu lado / A lavoura virou colônia/ E acabou-se meu reino encantado/ Hoje ali só existe três coisas/ Que o tempo ainda não deu fim/ A tapera velha desabada/ E a figueira acenando pra mim/ E por ultimo marcou saudade/ De um tempo bom que já se foi/ Esquecido em baixo da figueira/ Nosso velho carro de boi. .

9 - Quem É Ele ? - Zezé Di Camargo E Luciano - Composição: Zezé di Camargo

Vídeo-clip: <http://www.youtube.com/watch?v=JrUcGdjgAao>

Está no vô livre de um passarinho/ Está numa taça de vinho/ Está na brisa, no vapor/ Está na chuva que cai sobre a terra / No verde que cobriu a serra/ No Bem-te-vi, no Beija-flor/// Está na mente dos homens de bem/ Está na luz que vem do além/ Está nos olhos da criança/// Está no sol que brilha, está na luz do dia/ Na força do ciclone a madrugada fria/ Está na minha fé, na minha companhia/// Está no frio do inverno, calor do verão/ No abraço do amigo, no aperto de mão/ Na semente que brota, no calor do chão/// Quem é Ele ?/ O dono de todos os mares/ Dos rios, serras, matas e vales/ Filho de Nosso Senhor/// Quem é Ele ?/ A força maior do universo/ A trova que rima meus versos/ Jesus Cristo Salvador/ Filho de Nosso Senhor

10 - Bem-Te-Vi - Zé Fortuna & Pitangueira**Vídeo-clip:** <http://www.youtube.com/watch?v=OSMl0lWYHhc>

Composição: José Fortuna/ Numa estrada na beira da mata/ No sertão distante aonde eu nasci / Entre as folhas de um velho coqueiro/ Se escondia um ninho de um bem-te-vi / Eu me lembro quando era criança / Nas tardinhas que eu passava ali / O feliz passarinho me vendo/ Alegre cantava: - Bem-te-vi!/ E o eco a dizer: - Bem-te-vi!/// Fiquei moço deixei meu sertão/ E a porteira da estrada chorando eu bati / Bem de longe avistei o coqueiro / Balançando as folhas distante sumi / Bem-te-vi magoado comigo/ Porque dele eu não me despedi, / Lançou triste nas ondas do vento/ Seu canto de adeus: - Bem-te-vi!/ E o eco a dizer: - Bem-te-vi!/// Hoje aqui desta grande cidade/ Eu me lembro chorando o lugar que eu nasci / Eu já soube que aquele coqueiro/ O meu triste adeus não pode resistir / Numa noite, uma chuva de vento/ Fez o velho coqueiro cair / Mas em sonho ainda vejo o coqueiro/ E as ave cantando: - Bem-te-vi!/ E o eco a dizer: - Bem-te-vi!

11 - Eu te amo, meu Brasil - Guilherme e Santiago - Composição: Dom/Ravel**Vídeo-clip:** <http://www.youtube.com/watch?v=gW9fTY22dFY>

As praias do Brasil ensolaradas, / O chão onde o país se elevou, / A mão de Deus abençoou, / Mulher que nasce aqui tem muito mais amor. / O céu do meu Brasil tem mais estrelas. / O sol do meu país, mais esplendor. / A mão de Deus abençoou, / Em terras brasileiras vou plantar amor. /// Eu te amo, meu Brasil, eu te amo! / Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil. / Eu te amo, meu Brasil, eu te amo! / Ninguém segura a juventude do Brasil. /// As tardes do Brasil são mais douradas./// Mulatas brotam cheias de calor. / A mão de Deus abençoou, / Eu vou ficar aqui, porque existe amor. / No carnaval, os gringos querem vê-las, / No colossal desfile multicolor. / A mão de Deus abençoou, / Em terras brasileiras vou plantar amor. /// Adoro meu Brasil de madrugada, / Nas horas que estou com meu amor. / A mão de Deus abençoou, / A minha amada vai comigo aonde eu for. /// As noites do Brasil tem mais beleza./ A hora chora de tristeza e dor, / Porque a natureza sopra/ E ela vai-se embora, enquanto eu planto amor.

12 - Tocando em Frente - Almir Sater - Composição: Almir Sater e Renato Teixeira**Vídeo-clip:** <http://www.youtube.com/watch?v=1QjtpNfdFwE>

Ando devagar porque já tive pressa/ Levo esse sorriso porque já chorei demais/ Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe/ Só levo a certeza de que muito pouco eu sei/ Eu nada sei/// Conhecer as manhas e as manhãs,/ O sabor das massas e das maçãs,/ É preciso amor pra poder pulsar,/ É preciso paz pra poder sorrir,/ É preciso a chuva para florir/// Penso que cumprir a vida seja simplesmente/ Compreender a marcha e ir tocando em frente/ Como um velho boiadeiro levando a boiada/ Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou/ Estrada eu sou/// Conhecer as manhas e as manhãs,/ O sabor das massas e das maçãs,/ É preciso amor pra poder pulsar,/ É preciso paz pra poder sorrir,/ É preciso a chuva para florir/// Todo mundo ama um dia, todo mundo chora,/ Um dia a gente chega, no outro vai embora/ Cada um de nós compõe a sua história/ Cada ser em si carrega o dom de ser capaz/ E ser feliz/// Conhecer as manhas e as manhãs/// O sabor das massas e das maçãs/ É preciso amor pra poder pulsar,/ É preciso paz pra poder sorrir,/// É preciso a chuva para florir/ Ando devagar porque já tive pressa/ E levo esse sorriso porque já chorei demais/ Cada um de nós compõe a sua história,/ Cada ser em si carrega o dom de ser capaz/ E ser feliz

13 - Casinha - Armandinho - Composição: Armandinho**Vídeo-clip:** <http://www.youtube.com/watch?v=qM7iaV2PiEk>

Oioi, oioi, oioh io io io io.. (2x)/ Fazer uma casinha no alto do morro é tudo o que eu pedi pra Jah/ Sair dessa cidade soltar o meu cachorro/ Fugir da Babilônia (2x)/// Aqui eu sou marajá/ A natureza é minha luxúria,/ Viver de frente pro mar,/ Sei que DEUS me ajudará (2x)/// Fazer uma casinha no alto do morro é tudo o que eu pedi pra Jah/ Sair dessa cidade soltar o meu cachorro/ Fugir da Babilônia (2x)/// E quando a noite chegar,/ Brisa do oeste soprar,/ Sinto a esperança no ar/ Maré cheia ajudará/// E quando a noite chegar,/ Brisa do oeste soprar,/ Sinto a esperança no ar, eu sei../ Maré cheia ajudará/// Oioi, oioi, oioh io io io io.. (2x)/// A felicidade se encontra/ Nas coisas mais simples da terra,/ Às vezes a paz de um sorriso Pode desarmar uma guerra/// Aqui to mais perto de DEUS,/ Curtindo meu filho brincar,/ Cidade vou dizer adeus,/ Não sei se eu vou voltar./// Fazer uma casinha no alto do morro/ é tudo o que eu pedi pra Jah/ Sair dessa cidade soltar o meu cachorro Fugir da Babilônia/// Quero Ouvir!!/ Fazer uma casinha no alto do morro é tudo o que eu pedi pra Jah/ Sair dessa cidade soltar o meu cachorro/ Fugir da Babilônia

14 - Planeta Água - Guilherme Arantes - Composição: Guilherme Arantes**Vídeo-clip:** <http://www.youtube.com/watch?v=5humo0Xk-V0>

Água que nasce na fonte/ Serena do mundo/ E que abre um/ Profundo grotão/ Água que faz inocente/
Riacho e deságua/ Na corrente do ribeirão.../// Águas escuras dos rios/ Que levam/ A fertilidade ao
sertão/ Águas que banham aldeias/ E matam a sede da população.../// Águas que caem das pedras/
No véu das cascatas/ Ronco de trovão/ E depois dormem tranqüilas/ No leito dos lagos/ No leito dos
lagos.../// Água dos igarapés/ Onde lara, a mãe d'água/ É misteriosa canção/ Água que o sol
evapora/ Pro céu vai embora/ Virar nuvens de algodão.../// Gotas de água da chuva/ Alegre arco-íris/
Sobre a plantação/ Gotas de água da chuva/ Tão tristes, são lágrimas/ Na inundação.../// Águas que
movem moinhos/ São as mesmas águas/ Que encharcam o chão/ E sempre voltam humildes/ Pro
fundo da terra/ Pro fundo da terra.../// Terra! Planeta Água/ Terra! Planeta Água/ Terra! Planeta
Água...(2x)///Água que nasce na fonte/Serena do mundo/ E que abre um
Profundo grotão/ Água que faz inocente/ Riacho e deságua/ Na corrente do ribeirão.../// Águas
escuras dos rios/ Que levam a fertilidade ao sertão/ Águas que banham aldeias/ E matam a sede da
população...///Águas,que movem moinhos/ São as mesmas águas/ Que encharcam o chão/ E sempre
voltam humildes/ Profundo da terra/ Pro fundo da terra.../// Terra! Planeta Água/ Terra! Planeta
Água/ Terra! Planeta Água...(2x)

Letras - Disponível em: <<http://letras.terra.com.br>>. Acesso em 12 jun. 2008.